

**UNIVERSIDADE TIRADENTES
DIRETORIA DE PESQUISA E EXTENSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**O PROFESSOR-ATOR: O IMPACTO DAS TECNOLOGIAS
IMAGÉTICAS NA CONSTRUÇÃO DO SER PROFESSOR DA
EAD**

Autor: ANGELICA DE FATIMA PIOVESAN

Orientadora: PROFA. DRA. FABRICIA TEIXEIRA BORGES

ARACAJU, SE - BRASIL

NOVEMBRO DE 2012

ANGELICA DE FATIMA PIOVESAN

**O PROFESSOR-ATOR: O IMPACTO DAS TECNOLOGIAS
IMAGÉTICAS NA CONSTRUÇÃO DO SER PROFESSOR DA
EAD**

DISSERTAÇÃO SUBMETIDA AO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE TIRADENTES COMO PARTE DOS REQUISITOS
NECESSÁRIOS PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM EDUCAÇÃO

Orientadora: Fabricia Teixeira Borges

ARACAJU, SE - BRASIL

NOVEMBRO DE 2012

ANGELICA DE FATIMA PIOVESAN

**O PROFESSOR-ATOR: O IMPACTO DAS TECNOLOGIAS
IMAGÉTICAS NA CONSTRUÇÃO DO SER PROFESSOR DA
EAD**

DISSERTAÇÃO SUBMETIDA AO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE TIRADENTES COMO PARTE DOS REQUISITOS
NECESSÁRIOS PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM EDUCAÇÃO

Aprovada por:

Profa. Dra. Fabricia Teixeira Borges

Profa. Dra. Edmea Oliveira dos Santos

Profa. Dra. Giovana Scareli

ARACAJU, SE - BRASIL
NOVEMBRO DE 2012

Ficha catalográfica

Dedicatória

"Todas as belezas contêm, assim como todos os fenômenos possíveis, algo de eterno e algo de transitório, de absoluto e de particular. A beleza absoluta e eterna inexistente, ou melhor, é apenas uma abstração empobrecida na superfície geral das diferentes belezas. O elemento particular de cada beleza vem das paixões, e como temos nossas paixões particulares, temos nossa beleza particular".

Charles Baudelaire

In memoriam João Carlos Piovesan

AGRADECIMENTOS

É com imensa satisfação que agradeço a todos que direta ou indiretamente colaboraram para a realização desta dissertação. Primeiramente ao meu companheiro de todos os momentos, Ricardo Lemmers pelo apoio incondicional. À minha família que sempre compreendeu os vários momentos de ausência nos encontros realizados por eles.

À Profa. Dra. Fabricia Borges minha orientadora, com quem dividi momentos de trabalho e alegria. Aprendi, produzi e cresci muito neste tempo de convivência. À banca examinadora composta por pessoas que tenho admiração e respeito e que colaboraram com o desenvolvimento deste trabalho.

Agradeço ao programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tiradentes pela oportunidade e pela concessão da bolsa PROSUP/CAPES, em especial a Profa. Dra. Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento.

Minhas colegas de turma que se tornaram amigas: Elbênia Ramos, Salete Peixoto, Liliam Paiva e Jessica Gonçalves. Agradeço pela convivência nestes dois anos que se tornaram mais alegres juntamente com vocês. Não posso deixar de citar minhas amigas Livia de Melo Barros e Marla Ralini de Matos que estiveram também ao meu lado. Também agradeço à minha amiga Profa. Dra. Marilucia do Lago, que nos momentos difíceis de indecisões me mostrou novos rumos a seguir com alegria e dedicação.

E agradeço ao Danilo Machado por contribuir para que esta pesquisa se realizasse, estando sempre muito presente com dedicação e alegria.

Muito obrigada a todos!!

RESUMO

Apresentamos nesta dissertação outras formas de ser professor da educação a distância, decorrentes da maneira como nosso entrevistado se constrói como professor utilizando as tecnologias imagéticas para as produções dos materiais de aula. No intuito de melhorar a compreensão sobre o impacto das tecnologias imagéticas na construção do professor, utilizamos teóricos do teatro e da cinematografia por retratarem as relações de encenação, atuação e construção de personagens e atores. Nosso objetivo geral é: Compreender como ocorre o processo de construção identitária do professor da educação a distância a partir de seus posicionamentos mediados pelo uso de tecnologias imagéticas. Os objetivos específicos compreendem: - Interpretar como as produções de vídeo-aulas, videopoemas, podcast contribuem para a construção identitária do professor da EAD. - Analisar como o professor constrói-se como professor da EAD utilizando sua imagem nos materiais produzidos por ele. Estabelecendo possibilidades de diálogos entre psicologia e educação, propomo-nos explicitar as contribuições da Psicologia Histórico-Cultural para estudar a história do desenvolvimento do ser humano, a partir, das relações entre si e com o outro, desenvolvidas e estabelecidas pelas relações sociais. Utilizamos a metodologia qualitativa associada à estratégia de pesquisa narrativa num estudo de caso. Fizemos entrevistas narrativas referentes a sua história de vida profissional com o intuito de incentivar a produção narrativa do entrevistado, que é proveniente de uma instituição de ensino superior e particular na cidade de Aracaju, SE. O convidado para participar deste Estudo de Caso chamou nossa atenção pelo seu protagonismo como professor na Universidade em que trabalha no curso de Letras-Espanhol. Ele destoa dos outros casos, o que nos possibilitou estudá-lo como sujeito desta pesquisa. Escolhemos um professor que atuasse na EAD e que essa atuação fosse impactada pelas tecnologias imagéticas. As entrevistas foram realizadas na instituição de trabalho do professor entrevistado. A primeira entrevista foi sobre a sua história de vida profissional, em que o entrevistado narrou seu percurso profissional desde a escolha da profissão até tornar-se professor da EAD. No final, o entrevistado disponibilizou materiais para a análise dos dados, tais como, poesias, vídeo-aulas, vídeos, videopoemas e podcasts produzidos para a EAD. Na segunda entrevista solicitamos que escolhesse dois vídeos para falar sobre o conteúdo. Os procedimentos de análise dos dados foram realizados da seguinte forma: as análises foram feitas de acordo com os objetivos propostos na pesquisa. Esta etapa foi dividida em duas partes: primeiro foram feitas as transcrições das entrevistas narrativas, e na segunda etapa ouvimos todos os materiais disponibilizados pelo entrevistado. Os primeiros dados obtidos pelas entrevistas narrativas foram transcritos na íntegra. Logo após as releituras, foi possível dividir o texto em temas e subtemas conforme as falas do entrevistado e a relevância para a pesquisa, de acordo com a análise temática usada na psicologia. Na sequência, construímos os mapas de significados contendo os temas e subtemas recorrentes. O professor-ator é aquele profissional que é construído pela polifonia acadêmica, profissional, familiar e cultural, pelas muitas vozes que o compõem e o ressignificam a todo instante na cronotopicidade do mundo virtual. Vamos conhecer nesta dissertação como se constrói o professor-ator num estudo de caso que foi analisado pela perspectiva da psicologia histórico-cultural.

Palavras-chave: educação a distância, construção do ser professor, tecnologias imagéticas

ABSTRACT

We present in this dissertation other forms of being a distance learning teacher, arising from the way our interviewee constructs himself as a teacher using imagery technologies for the production of lesson materials. In order to improve the understanding of the impact of technology in the construction of an imagistic teacher, we used theorists of theater and cinema for portraying the relationships of staging, performance and construction of characters and actors. Our overall goal is to: Understand how occurs the process of construction of the teacher's identity of distance learning from their positions by the use of technology mediated imagery. The specific objectives include: - Interpret how the productions of video lessons, video poems and podcasts contribute to the identity construction of the distance learning teacher. - Analyze how the teacher builds himself up as a teacher of distance learning using his image in the materials that he produced. Establishing possibilities for dialogue between psychology and education, we will propose to clarify the contributions of Historical-Cultural Psychology to study the history of human development, from the relationship between themselves with the others, developed and established by the social relationships. We used qualitative methodology coupled with the strategy of narrative research in a case study. We made narrative interviews regarding his life story with the intention to stimulate the production of narratives from the interviewee, which comes from a particular institution of higher education in the city of Aracaju, SE. The guest we invited to participate called our attention for being a teacher in the university that he works, in the department of languages-Spanish. He shines from other cases, and that gave us the possibility to study him as a subject of this research. We chose a teacher who worked in distance learning and that his performance was impacted by the technologies imagery. The first interview was about his life story, in which the interviewee recounted his career from choosing his profession until becoming a professor at distance learning. At the end, the respondent provided material for data analysis, such as poetry, video lessons, videos, video poems and podcasts produced for distance learning. In the second interview we ask that he chose two videos to talk about the contents. Semi directed interviews were aimed at encouraging production narrative from the respondent. The procedures for data analysis were performed as follows: The analysis was performed according to the objectives proposed in the research. This stage was divided into two parts: first were made transcripts of interviews narratives, and in the second stage we heard all materials provided by the interviewee. The first data obtained by the narrative interviews were transcribed in full. Shortly after the readings, it was possible to divide the text into topics and subtopics according to the speech of the interviewee and relevance for the research, according to the thematic analysis used in psychology. Further, we constructed the maps of significance containing the recurring themes and subthemes. The teacher-actor is one that is built by the academic, professional, family and culture polyphony, by the many voices that make up every moment and reframe in the cronotopicity of the virtual world. We will know in this dissertation how to build the teacher-actor in a case study that was analyzed from the perspective of cultural-historical psychology.

Keywords: distance education, construction of the teacher, imagistic technologies

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1º ATO – A CONSTRUÇÃO DO SER PROFESSOR	19
1.1 Interações sociais e a construção do ser professor	19
1.3 Temporalidade e espacialidade no uso da tecnologia.....	27
2º ATO –EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS	30
2.1 A formação do Professor na era da WEB	33
2.2 O professor: este personagem da EAD.....	36
3º. ATO- SER IMAGEM, PRODUZIR IMAGENS – AS TECNOLOGIAS IMAGÉTICAS E O PROFESSOR-ATOR.....	43
3.1 A imagem além da imagem	47
3.2 Imagem e construção identitária via WWW.....	49
4. ATO: JUAN, UM ESTUDO DE CASO	55
4.1 CENA 1: análise dos resultados da primeira entrevista	55
4.1.1 Mapa Semiótico de significados da primeira entrevista.....	55
Construção de Si, construção do ser professor	57
A experiência do teatro	60
Uso da imagem	61
Metodologia da EAD usada por Juan	63
Significados da EAD	66
Professor-Ator	68
4.2 Cena 2: análise dos resultados da segunda entrevista.....	72
4.2.1 Mapa Semiótico de significados da segunda entrevista	79
Produções na EAD:	79
Reflexões de si e de sua prática	84
Ser Professor	89
Escrita de si	94
Professor-Ator	96
4.3 CENA 3: vídeopoemas	97
CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
REFERÊNCIAS	104
ANEXOS	110
ANEXO I.....	111
EL OJO DE LA MUJER (POESÍA DE ESCRITURA FEMENINA), Gioconda Belli.....	111
ANEXO II	115
AMORFA DE QUATRO ATOS.....	115

INTRODUÇÃO

"Eu estou sempre aqui, olhando pela janela. Não vejo arranhões no céu nem discos voadores. Os céus estão explorados mas vazios. Existe um biombo de ossos perto daqui. Eu acho que estou meio sangrando. Eu já sei, não precisa me dizer. Eu sou um fragmento gótico. Eu sou um castelo projetado. Eu sou um slide no meio do deserto. Eu sempre quis ser isso mesmo. Uma adolescente nua, que nunca viu discos voadores, e que acaba capturada por um trovador de fala cinematográfica. Eu sempre quis isso mesmo: armar hieróglifos com pedaços de tudo, restos de filmes, gestos de rua, gravações de rádio, fragmentos de TV. Mas eu sei que os meus lábios são transmutação de alguma coisa planetária. Quando eu beijo eu improviso mundos molhados. Aciono gametas guardados. Eu sou a transmutação de alguma coisa eletrônica. Uma notícia de saturno esquecida, uma pulseira de temperaturas, um manequim mutilado, uma odalisca andróide que tinha uma grande dor, que improvisou com restos de cinema e com seu amor, um disco voador."

O poema¹ nos permite refletir sobre a construção identitária do nosso entrevistado composto por fragmentos dialógicos de si mesmo, produzidos pelas relações sociais ao longo da sua vida. Como pessoa que vive num ambiente midiático, cercado por tecnologias que contribuem para a sua construção como profissional e como professor, novos conflitos de identidades virtuais e identidades reais podem ocorrer. Dos restos de cinema que se unem na transmutação do ser ator de teatro com o ser professor, surge a possibilidade de um pós-humano transmutado pelo uso das tecnologias, às quais contribuem para a construção de si. Em certos momentos ora como ator, em outros, ora como professor, fazendo com que se torne professor-ator. (BORGES, VERSUTI, PIOVESAN, 2012)

Nesta dissertação vamos retratar a construção do ser professor mediado pelo uso de tecnologias. Escolhemos o texto acima citado pela identificação de nosso entrevistado que utiliza esse poema das mais variadas formas para a construção das suas aulas. O estudo da construção identitária do professor da educação a distância desenvolve uma reflexão sobre a construção do ser professor.

A ideia de pesquisar a construção identitária do professor da educação a distância, a partir de seus posicionamentos mediados pelo uso de tecnologias imagéticas, surgiu durante o período em que comecei o curso de Pós-Graduação em "Docência e Tutoria na EAD," o qual iniciei um semestre antes de passar na seleção do mestrado. O encantamento pela educação a distância foi crescendo módulo a módulo, quando decidi conciliar as duas atividades, escrever o projeto do mestrado com o propósito de estudar a EAD. A construção do projeto foi ocorrendo à medida que eu mergulhava nas leituras realizadas no módulo "A

¹ Esse poema é um fragmento do texto Disco Voador de Fausto Fawcet.

Mediação em EAD: Instrumentos e Papéis de alunos, docentes e tutores”. Compartilhar as experiências literárias percorridas pela EAD constituíram os maiores incentivadores para eu estudar esta nova modalidade de ensino.

Conforme os módulos da pós-graduação foram sendo estudados, percebi que poderia estabelecer diálogos entre a Educação a distância e os estudos sobre a Psicologia Histórico-Cultural na construção do projeto do mestrado. Para tecer estas discussões sobre “o impacto das tecnologias imagéticas na construção do Ser professor da EAD”, foi preciso percorrer alguns dos caminhos teóricos traçados pela psicologia Histórico-Cultural, da educação a distância, conceitos introdutórios sobre cinematografia, teatro e tecnologias que contribuíssem para o nosso estudo, buscando relacioná-las de forma dialógica para compreender a contribuição de cada área para esta dissertação.

A EAD no Brasil ainda encontra-se em processo de evolução. A forma como foi desenvolvida a partir dos últimos vinte anos, e a escolha dos professores para atuarem nessa modalidade de ensino que vieram do presencial, acarretaram problemas de adaptação ao novo sistema de educação. É inevitável fazermos comparações entre as duas modalidades de ensino quando queremos nos referir à educação a distância. Isso porque ela ainda enfrenta problemas de implantação, não só na questão técnica, física e tecnológica, mas na forma como os professores transitam do presencial para a distância, onde muitas vezes acabam transpondo seu jeito de ser professor do presencial para a EAD.

Percebemos a necessidade de mudanças nas formas de ser professor, como também, a existência de dificuldades para se adaptarem e desenvolverem novas habilidades para ser professor da EAD. Essa nova realidade nos instigou a realizar este trabalho que tem como objetivo geral: Compreender como ocorre o processo de construção identitária do professor da educação a distância a partir de seus posicionamentos mediados pelo uso de tecnologias imagéticas.

Os objetivos específicos propostos compreendem:

- Interpretar como as produções de vídeo-aulas, videopoemas, podcast contribuem para a construção identitária do professor da EAD.

- Analisar como o professor constrói-se como professor da EAD utilizando sua imagem nos materiais produzidos por ele.

O professor da educação presencial quando se torna professor da EAD relata passar por dificuldades de adaptação ao novo sistema de educação que são provenientes da falta de conhecimento e uso de tecnologias, à necessidade de trabalhar com uma equipe para a produção das aulas, etc. Em contrapartida, a educação a distância oferece novas possibilidades

de produção dos materiais para serem utilizados nas aulas via-satélite. Para responder às dificuldades enfrentadas por alguns professores que trabalham na EAD, buscamos nesta pesquisa apresentar outras formas de ser professor da educação a distância, e de que forma nosso entrevistado se constrói como professor utilizando as tecnologias imagéticas para as produções dos materiais de aula. Como também, utilizando técnicas de teatro e cinemas para a formação de ator, às quais auxiliam o professor entrevistado neste processo de adaptação a esta modalidade de ensino.

Isso não quer dizer que acreditamos que haja um perfil para ser professor desta modalidade, mas sim, que existe outra forma de ser professor, de criar e construir suas aulas que o diferenciam do presencial. Para isso, é preciso estudar e entender que este professor pode usar a criatividade e outras formas de arte sem preconceito, buscando ouvir as vozes bakhtinianas que o constroem como pessoa para constituir essa nova forma de ser professor.

Existem questões práticas que ainda interferem no processo de construção do professor que vão além do manejo da tecnologia, são críticas apontadas como responsabilidade do professor, no entanto, “precisamos acabar com essa história de dizer que ele é o centro das resistências às transformações” (PRETTO, 2002, p. 126). É necessário prepará-lo para utilizar as tecnologias, qualificá-lo para utilizá-las de forma que emerja um novo professor, consciente, e não mais um repassador de informações (PRETTO, 2002). É necessário que ele busque se adaptar ao novo sistema de comunicação, procurando inserir-se na cultura digital. Para isso a qualificação do professor da EAD precisa estar desatrelada do treinamento, mas sim buscar inseri-lo no movimento do ciberespaço para a construção da inteligência coletiva (LEVY, 2007), procurando prepará-lo para um debate mais contemporâneo, inserindo-se como letrado digital nessa nova perspectiva de ensinar. Só assim ele terá condições de promover novas formas de pensar a EAD.

O desenvolvimento das tecnologias abriu novas oportunidades para a educação possibilitando repensar a formação do professor na era web, como será desenvolvido no decorrer do trabalho. Também oportuniza que o professor da educação a distância construa novas formas de ser professor, criando personagens, fazendo narrações, criando vídeos, vídeo-poemas utilizando sua imagem para estas produções que são mediadas pelo uso das tecnologias. Essas experiências favorecem e auxiliam a construção identitária do professor da EAD.

No decorrer da história da educação brasileira, utilizou-se a educação a distância como alternativa para amenizar os problemas que a educação estava enfrentando, referentes à falta de formação do professor que precisava de qualificação para suprir as necessidades

educacionais naquele momento. A princípio, sua implantação buscou atingir um maior número de professores, o que ocasionou profissionalização em massa. Com o seu desenvolvimento e expansão nacional, têm-se procurado melhorar a qualidade da prestação de serviço, como também o atendimento a um número maior de alunos.

A história da educação a distância nos dias atuais, século XXI, nos permite reconhecer que este sistema de ensino tem passado por mudanças e que continuará passando no decorrer do seu desenvolvimento. A educação a distância (EAD) no Brasil surgiu com a criação do Instituto Monitor em 1934 e do Instituto Universal Brasileiro, 1939. Os materiais eram enviados pelos correios e o ensino acompanhado por correspondência. Eram oferecidos cursos técnicos e supletivos sem exigência de escolaridade anterior. Em 1976, surgiram os cursos de Teleducação que operavam por correspondência, e houve algumas experiências com rádio e TV no decorrer dos anos (MARQUES, 2004). No entanto, com o avanço dos meios de comunicação e a ampliação do acesso à internet entre 1988 e 1991, ocorreu uma reestruturação do sistema de Teleducação. (COSTA E FARIA, 2008)

No intuito de melhorar a compreensão sobre o impacto das tecnologias imagéticas na construção do professor, utilizamos teóricos do teatro e da cinematografia por retratarem as relações de encenação, atuação e construção de personagens e atores. Na prática da EAD utilizam-se as tecnologias imagéticas, entendidas como tecnologias que produzem imagens para a construção das aulas à distância. Neste trabalho, esses personagens construídos e representados a partir das tecnologias imagéticas estão associados à construção do Professor-Ator que entendemos como sendo o professor que se utiliza destas tecnologias para a produção das suas aulas, como também, utiliza-se destas interfaces para construir-se como professor. Estamos usando o termo professor-ator por entender que o mesmo reflete os mecanismos psíquicos no processo de construção de si, a partir de suas experiências com as atividades na EAD, que exigem domínio e habilidades que são específicas da atuação (dramatização) utilizada no teatro e no cinema. Essa associação se dá ao fato de entendermos que o uso de tecnologias imagéticas para a produção de vídeo-aulas e das vídeo-conferências que são atividades que evocam através do processo de circularidade cultural, os significados contidos no instrumento “câmera de vídeo” e que medeiam as atividades por ela requeridas na produção das imagens do professor. Estes significados são construídos culturalmente através da própria história deste desenvolvimento tecnológico e dos produtos que ele produz semioticamente.

Agregar a arte representada pelo teatro e cinema como mediadores desta construção, é um desafio que procuramos entender. Buscamos percorrer brevemente os

caminhos dos escritos dos filósofos gregos, Platão e Sócrates, que foram os precursores do estudo sobre o “belo e a arte” até chegarmos à estética, derivada do latim *aesthesis* (VALE, 2005) definida na contemporaneidade como a representante da arte. O teatro propicia estudar a arte buscando uma forma de dialogar com a sociedade. Sua história nos permite conhecer as habilidades que possui para acessar a população, seja por meio da crítica da sociedade, pela ironia aos dominantes ou pela arte dramática apresentando uma grande história de amor.

Estabelecendo-se possibilidades de diálogos entre psicologia e educação, propomo-nos explicitar as contribuições da Psicologia Histórico-Cultural para estudar a história do desenvolvimento do ser humano a partir das relações entre si, com o outro, desenvolvidas e estabelecidas pelas relações sociais que possibilitam o desenvolvimento psíquico do homem ao longo da história. Alguns estudos desenvolvidos por Vigotski (2008) como “Pensamento e Linguagem”, “Mediação Semiótica”, “internalização” serão utilizados como embasamento teórico para compreendermos essas relações.

As problematizações provenientes das várias formas de interação social concebidas pelo dialogismo e pelas mediações, teorias desenvolvidas por Bakhtin (1995, 2000, 2008) a partir do uso de tecnologias, são abordadas durante o trabalho, o que possibilita a construção das relações dialógicas na EAD. Na abordagem da Psicologia Histórico-Cultural também trabalhamos com conceitos como *self* dialógico, posição e posicionamento.

A concepção do *self* dialógico é apresentada na perspectiva da polifonia (BAKHTIN, 1997, 2000), buscando identificar as várias vozes que constroem o professor da educação a distância nas relações com a tecnologia. Essas vozes são compostas pelos posicionamentos assumidos pelo professor diante de todas as situações de suas vidas diárias, e que são identificadas a partir das entrevistas narrativas de suas histórias profissionais enquanto docente. Já o estudo do *self* que apresentamos é baseado na perspectiva teórica de Hermans, Kempen e Van Loon (1992), que resulta da revisão da conversação do Eu e do Mim proposta por William James (1890/1990). Para os autores, as relações espaço e tempo permitem que o *Self* seja estudado de forma mais abrangente e descentralizado, diferenciando-se de estudos anteriores.

Buscamos articular a perspectiva teórica aos fundamentos metodológicos como também, aos objetivos na construção desta dissertação que é composta por quatro (4) capítulos. Para a construção dos capítulos optamos pela substituição do termo CAPÍTULO por ATO que está relacionado ao significado da palavra ATO conceituado pelo dicionário de termos técnicos e gírias de teatro como: “ATO: Divisão externa da peça teatral. Subdivisão de uma peça. Da mesma maneira que um livro pode ser dividido em capítulos, uma peça pode

ser dividida em atos. Trata-se de uma convenção cuja principal característica é a interrupção do espetáculo”. (BRAVO, s-d)

O 1º ATO corresponde a Construção do ser professor, baseados em conceitos da psicologia histórico-cultural utilizados para contribuir na construção identitária do professor da EAD. O 2º ATO: Educação e Tecnologias em que tratamos da formação do professor na era da WEB e o professor como personagem da EAD. 3º ATO: Ser imagem, produzir imagem- as tecnologias imagéticas e o professor-ator. Compreende tratar da imagem além da imagem e a contribuição da imagem para a construção identitária via WWW. 4. ATO: Corresponde aos Resultados.

Na construção deste trabalho procuramos responder a seguinte questão referente a esta pesquisa:

Quais os posicionamentos identificados na Construção do ser professor da educação a distância em atividades mediadas pelas tecnologias imagéticas?

Acreditamos que a construção do ser professor da EAD passa por mudanças e adaptações desde o surgimento desta modalidade de ensino. As relações entre professor-aluno se desenvolvem de forma diferenciada no ambiente virtual mesmo quando se procura manter as características das relações presenciais. Não é possível essa adoção de comportamento, pois a temporalidade e o espaço na EAD são vivenciados de forma diferente, o que também caracteriza esta nova modalidade de ensino. As mudanças nas formas de ser professor compreendem desenvolver características e habilidades de se trabalhar na EAD que irão contribuir para a construção do docente.

O convidado para participar deste Estudo de Caso chamou nossa atenção pelo seu protagonismo como professor na Universidade em que trabalha no curso de Letras-Espanhol. Ele destoa dos outros casos, o que nos possibilitou estudá-lo como sujeito desta pesquisa.

Nossas alegações de conhecimento são embasadas em perspectivas construtivistas, ou seja, em experiências individuais construídas histórica e socialmente. Utilizamos a metodologia qualitativa associada à estratégia de pesquisa narrativa. A escolha da técnica qualitativa permeia a necessidade de aprender com o participante a respeito do processo de construção do ser professor da EAD. Realizamos entrevistas narrativas como método de construção dos dados. Para Bauer e Gaskell (2002, p. 92), “a narrativa não é apenas uma listagem de acontecimentos, mas uma tentativa de ligá-los, tanto no tempo, como no sentido”. Então, a entrevista narrativa pode servir como estímulo ao entrevistado para reconstruir acontecimentos sobre sua história de vida e do contexto social. (BAUER E

GASKELL, 2002). Nesta pesquisa, a entrevista narrativa realizada foi a respeito da história de vida profissional do nosso entrevistado.

Para o desenvolvimento deste estudo, visamos **identificar e descrever a construção identitária do professor da educação a distância a partir de seus posicionamentos mediados pelo uso de tecnologias imagéticas**. Após definirmos os objetivos e em seguida, tendo em vista o delineamento da pesquisa, optamos utilizar a abordagem qualitativa por possibilitar a análise dos dados em textos e imagens (CRESWELL, 2007), e o Estudo de Caso como modalidade de pesquisa, que de acordo com (LAGO, 2010), corresponde a análise de um fenômeno em seu meio natural a partir de múltiplas fontes de evidências (indivíduos, organizações) empregando diversos métodos de coleta de dados (entrevistas, questionários, dados secundários-atas, relatórios, memorandos, etc.).

Para isso as experiências do pesquisador são importantes assim como o método, os dados e a teoria para a construção de novos conhecimentos. Os dados foram construídos a partir da transcrição das entrevistas narrativas da história de vida profissional do entrevistado, e estas entrevistas foram mediadas pelo uso de filmagens. Também foram analisados os videopoemas, videoaulas e outros vídeos produzidos pelo entrevistado, como também seu blog pessoal.

A metodologia foi construída utilizando as contribuições de Bauer e Gaskell (2002), Creswell (2007), Borges e Linhares (2008) por fundamentarem sobre o método qualitativo, análise narrativa, análise de imagens e vídeos.

Escolhemos um professor que em sua atuação, na EAD fosse impactada pelas tecnologias da imagem. Realizamos 2 entrevistas narrativas que foram filmadas.

A construção das informações foi realizada na instituição de trabalho do professor entrevistado. O contato com o entrevistado ocorreu por telefone, em que se procedeu a escolha do local para as filmagens das entrevistas que foi realizada de acordo com o entrevistado e preferiu que fossem realizadas no próprio local de trabalho.

Utilizamos entrevistas narrativas da história profissional docente onde o entrevistado narrou seu percurso profissional desde que iniciou a escolha da profissão no ensino presencial até se tornar professor da educação a distância.

Iniciamos a primeira entrevista pedindo que ele nos contasse sua História de Vida como professor do Ensino Presencial e da Educação a distância. As entrevistas foram livres de forma a incentivar a produção narrativa. O entrevistado disponibilizou materiais para análise,

tais como, poesias, vídeo-aulas produzidos para a EAD, vídeos produzidos para o seu blog e textos produzidos por ele para utilizarmos nas análises dos dados.

Na segunda entrevista retomamos alguns pontos descritos na primeira entrevista. Em seguida exibimos a lista dos vídeos disponibilizados por ele e solicitamos que escolhesse dois para falar sobre o conteúdo. No final ele disponibilizou mais vídeos para contribuir na construção da dissertação.

Utilizamos como materiais, filmadora, gravador digital, netbook, papel pardo para a elaboração do mapa de significados, folhas A4 para a análise dos temas e subtemas e para a realização das transcrições das entrevistas.

Como procedimentos éticos, encaminhamos o trabalho para o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) pelo fato da mesma ser realizada com ser humano. Sabemos que o entrevistado precisa estar ciente da pesquisa, como também, assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Os procedimentos da construção dos dados foram realizados da seguinte forma: iniciamos as entrevistas explicando como elas seriam realizadas. Também falamos a respeito da importância das participações dos entrevistados como contribuintes para a realização da pesquisa. Na primeira entrevista foi explicado sobre os procedimentos éticos e solicitamos a permissão para fazer a filmagem delas. Cada uma durou aproximadamente 50 minutos. Antes de iniciarmos a filmagem e gravação, assistimos a um vídeo e ouvi um podcast produzido pelo professor. Em seguida iniciamos a entrevista narrativa onde ele nos contou seu percurso acadêmico, o porquê escolheu ser professor, como conciliou as experiências de vida na formação como ator de teatro para construir-se como professor da educação a distância.

Na segunda entrevista retomamos alguns pontos descritos na primeira. Em seguida exibimos a lista dos vídeos disponibilizados por ele e solicitamos que escolhesse dois para falar sobre o conteúdo. No final ele disponibilizou mais vídeos para contribuir na construção da dissertação.

Os Procedimentos de análise dos dados foram realizados da seguinte forma: as análises foram feitas de acordo com os objetivos propostos na pesquisa. Esta etapa foi dividida em duas partes: primeiro foram feitas as transcrições das entrevistas narrativas, e na segunda etapa assistimos e ouvimos todos os materiais disponibilizados pelo entrevistado. Os primeiros dados obtidos pelas entrevistas narrativas foram transcritos na íntegra e submetidos a diversas releituras. Logo após as releituras, foi possível dividir o texto em temas e subtemas conforme as falas do entrevistado e a relevância para a pesquisa de acordo com a análise temática usada na psicologia e proposta por Braun e Clarke (2006). A análise temática é um

método para identificar, analisar e relatar os temas recorrentes nos discursos e que é aplicada nas pesquisas qualitativas. Na sequência construímos os mapas de significados contendo os temas e subtemas recorrentes identificados nas transcrições das entrevistas, pois eles são importantes para a análise dos resultados.

De acordo com as entrevistas, o professor busca desenvolver habilidades e utilizar a criatividade em estratégias, e atuar no desenvolvimento da zona de desenvolvimento proximal (ZDP) do aluno, utilizando as tecnologias imagéticas a seu favor para fortalecer o desenvolvimento da “inteligência coletiva” dos participantes do ambiente virtual de aprendizagem (AVA). Procura entender a necessidade de desenvolver a oralidade do aluno de licenciatura num curso virtual, por preocupar-se com essa nova modalidade de educação, a EAD, que possibilita que os alunos, futuros professores, utilizem somente a leitura e a escrita no decorrer da graduação. Ele também busca compreender o movimento da “sociedade do espetáculo” procurando uma forma de incentivar os “alunos não leitores” a compreender a literatura escrita transformada em imagem.

Este trabalho tem como foco o professor-ator que, no nosso estudo de caso entendemos que tem influências para a sua construção pessoal contribuições da arte, cinema e teatro que o faz diferenciado dos outros professores da EAD.

O professor-ator é aquele profissional que é construído pela polifonia acadêmica, profissional, familiar e cultural, pelas muitas vozes que o compõem e o ressignificam a todo instante na cronotopocidade do mundo virtual. Vamos conhecer nesta dissertação como se constrói o professor-ator num estudo de caso que foi analisado pela perspectiva da psicologia histórico-cultural.

1ºATO – A CONSTRUÇÃO DO SER PROFESSOR

A psicologia histórico-cultural estuda o desenvolvimento humano a partir das relações entre si e com o outro, que são desenvolvidas e constituídas pelas relações sociais. Procuramos estabelecer diálogos entre educação e psicologia como contribuintes para o processo de construção identitária docente do entrevistado desta dissertação. Para isso, utilizamos conceitos da psicologia para tecer esse processo de construção do ser professor.

1.1 Interações sociais e a construção do ser professor

A psicologia histórico-cultural é uma vertente teórica da psicologia cuja concepção busca estudar o homem, epistemologicamente na cultura. Buscamos estabelecer relações e contribuições desta teoria para o desenvolvimento da presente pesquisa, procurando contextualizar nos momentos de produções narrativas deste estudo de caso, os processos de construção do ser professor, produzidos no desenrolar das entrevistas narrativas da história de vida profissional do entrevistado. Para isso, procuramos identificar e compreender os significados construídos por ele, do ensino presencial à educação a distância, que se estabelecem pela mediação no uso de tecnologias.

A partir desses estudos foi possível identificar quais são os posicionamentos sociais que compreendem as posições de si e as posições estabelecidas pelo outro (HERMANS, KEMPEN AND VAN LOON, 1992), que contribuem para o desenvolvimento da construção do professor entrevistado e que utiliza a sua imagem para a criação de suas produções utilizadas no seu trabalho. Essas posições representam o lugar que o professor ocupa e o qual é levado a ocupar pelo outro, representados pelo meio social.

As relações sociais favorecem as interações eu-outro, seja presencial ou virtualmente. A interação remete à troca de ações sócio-comunicativas nos diversos contextos da mesma. Essas interações são estudadas por Vigotski (2008), Bakhtin (2000, 1995, 2008), Harré, R. Moghaddam, F (2003), Valsiner (1989) que teorizam sobre o desenvolvimento dos processos interacionais na sociedade, e destacam a importância da linguagem e do desenvolvimento cognitivo, possibilitando-nos estudar a construção do ser professor.

As interações sociais produzidas ao longo da vida são mediadas pelo uso de instrumentos e signos que auxiliam no desenvolvimento dos processos cognitivos denominados de processos psicológicos superiores por Vigotski (2008). Os signos são internalizados (VIGOTSKI, 2008) e passam a auxiliar o desenvolvimento psíquico

acarretando, conseqüentemente, mudanças nas relações sociais e culturais através da mediação semiótica.

A mediação para Vigotski (2008) representa a interação homem-ambiente que ocorre por meio do uso e desenvolvimento de instrumentos em que estes os signos mudam a forma social e o nível de desenvolvimento cultural do homem. Os signos são produzidos culturalmente, e a internalização deles provoca as transformações no comportamento humano. É pela mediação que se dá a internalização, reconstrução interna de uma operação externa de atividades e comportamentos. Isso quer dizer que a conversão de relações sociais em funções mentais superiores não é direta, mas sim mediada pelo uso de instrumentos e signos. (VIGOTSKI, 2008)

Neste trabalho percebemos que o uso das tecnologias como instrumentos de mediação possibilita a construção de si do docente, pois é através delas que ele produz linguagem, a qual é estabelecida por meio das produções que são postagens no AVA, apresentadas nas aulas via-satélite e publicadas na web quando ele disponibiliza no youtube alguns dos seus vídeos.

Partindo das contribuições vigotskianas, o professor utiliza os instrumentos tecnológicos para produzir suas aulas, nas quais ele se posiciona como mediador, sobretudo na relação professor-aluno a partir do uso dos instrumentos tecnológicos. Ele propicia interações com os alunos no ambiente virtual estimulando a participação nos fóruns, nos chats, no uso dos podcasts, o que favorece a internalização dos signos. As produções dos vídeos pelo professor são instrumentos de trabalho que favorecem a realização de suas atividades para dar aulas, como também aproximam o professor do aluno, possibilitando novas interações, despertando interesses e participações dos mesmos. Além disso, a criação desses materiais favorece a construção identitária do ser professor da EAD.

Outra forma de refletir sobre os processos de manifestações e interações sociais pode ser feita pelo conceito de dialogismo desenvolvido por Bakhtin (2000), que consiste nas relações eu-outro e que possibilitam a construção do conhecimento por meio desta interação. Para ele, o signo ideológico e o psiquismo se realizam a partir da dialogicidade. “A relação dialógica é uma relação (de sentido) que se estabelece entre enunciados na comunicação verbal”. (BAKHTIN, 2000, p. 345). Desta forma, enfocamos na narrativa da história de vida profissional do entrevistado, como contribuintes para a construção dos significados presentes na enunciação, pois, é através da palavra que os nossos interlocutores, participante e pesquisador, interagem em um processo comunicativo mediado pela palavra.

A palavra ganha vida pela voz bakhtiniana, pois diferentemente do que define a Linguística (o objeto linguístico), a palavra em Bakhtin (2000) é interindividual, não pertence apenas ao autor (locutor), vai além dele, atravessa o ouvinte podendo ganhar novos significados dependendo do contexto social em que é utilizada ou da cultura na qual está inserida. Se ela for considerada estática, com um significado específico, então ela separa-se do diálogo. “A palavra possibilita novas formas de ressignificar o mundo. A palavra é a expressão da enunciação, uma vez que ela contém os aspectos enunciativos de quem fala e para quem é dirigida” (BORGES, 2006, p. 9). Já o enunciado vai além da relação com a palavra, do significado linguístico permitindo outros significados, outras vozes.

Podemos declarar que o enunciado só existe porque há um sujeito falante, há dialogismo, pois cada parte significativa do enunciado está relacionada a uma voz que foi pronunciada, que é representada pelo sujeito, ou então, quando ouvimos a voz do outro numa alternância entre os sujeitos falantes. Para Hartmann (2007, p. 78), “isso pode fazer com que tenhamos vários enunciados ou partes destes se dirigindo a outros enunciados que somente são significantes quando representam quem o pronunciou”. Essas vozes representadas pelo sujeito correspondem ao conceito de polifonia de Bakhtin (2000) e representam todas as influências sociais internalizadas e as diversas expressões do Eu. As vozes internas, familiares e sociais que constituem o homem, contribuem para o seu desenvolvimento e fazem parte dele.

A compreensão do todo, do enunciado, é dialógica, e a concordância é uma das formas mais importantes da relação dialógica, e que tem amplitude maior que a da fala dialógica, pois dois enunciados idênticos, pertencentes a duas vozes distintas, unem-se por uma relação dialógica de concordância. “Mesmo entre produções verbais profundamente monológicas, observa-se sempre uma relação dialógica” (BAKHTIN, 2000, p. 355). Podemos dizer que a compreensão do enunciado e da relação que se estabelece é dialógica e permite modificações nestas interações. Entretanto, o que interessa é a voz, que embora diferente da palavra, está presente nela através de seus sentidos e significados. São as vozes que tornam a palavra polifônica. A polifonia só está na palavra à medida que esta for carregada de vozes que são encontradas nos textos e nas falas. Na produção das vídeo-aulas do professor que estamos estudando, as vozes que constroem os textos são transformadas em falas dos personagens e do professor, e permitem exemplificar as relações dialógicas destas interações. Vozes e imagens compõem as relações dialógicas.

Buscando compreender a polifonia sobre outro aspecto, por meio de textos, salientamos que nos estudos iniciados nas ciências humanas com a história do pensamento

orientada para o pensamento, ou seja, a metacognição possibilitou a Bakhtin (1995, 2000) estudar o sentido e o significado do outro que se apresentam para o autor de uma obra em forma de texto (oral e escrito). No nosso caso daremos maior importância ao texto verbal do entrevistado, pelas entrevistas narrativas que foram filmadas e transcritas literalmente e depois analisadas. É através dos enunciados das narrativas dos participantes que poderemos entender a representação do pensamento e das emoções. Os enunciados são construídos pelos signos (línguas) que são retratados pela história do pensamento e pelas relações com o outro.

Os textos podem ser científicos, produtos de arte, imaginários, entre outros. Em todos os casos teremos autores que produzem seus textos de formas diferenciadas e direcionadas de acordo com seus pensamentos. Cada autor tem sua forma de produção, seja por relações dialógicas intertextuais ou intratextuais. Tanto a oralidade como a escrita são construídas por elementos heterogêneos, e compostos por elementos técnicos de grafia e elocução, que se constroem a partir do encontro de sujeitos, de autores, dos enunciados. Esses encontros se estabelecem e se compõem pelos fragmentos da vida social, do psiquismo e de suas histórias. O texto nunca será o mesmo após uma releitura, pois novos pensamentos surgirão e mudarão seus significados, como também ele não é um objeto, e estas novas leituras possibilitarão o surgimento de novas consciências. “O acontecimento na vida do texto, seu ser autêntico, sempre sucede nas fronteiras de *duas consciências, de dois sujeitos*” (BAKHTIN, 1995, p.333). Portanto, um texto e sua leitura sempre evocam a dialogia como um fenômeno da interação com o texto.

Bakhtin (2000), em sua obra “Estética da Criação Verbal”, discute o problema do autor e da sua expressividade na obra literária. Para ele, a criação de personagens com características singulares, faz com que não possamos identificar na obra o autor puro, mas sim percebê-lo, senti-lo, entendê-lo pela imagem criada pelo homem-autor. É uma imagem que será percebida pelo enunciado da obra que necessita ser compreendida dialogicamente. Isso faz com que surjam as vozes do autor, ou seja, as suas imagens é que são representadas na obra.

Então, podemos dizer que o que nos interessa é a representação do objeto da arte, no caso o texto literário, e não do sujeito em si. “Para ver e compreender o autor na obra significa ver e compreender outra consciência. A *explicação* implica uma única consciência, um único sujeito; a *compreensão* implica duas consciências, dois sujeitos” (BAKHTIN, 2000, p, 338). O objeto não suscita relação dialógica, mas, a explicação sim. A emoção, o amor, o ódio podem ser compreendidos e refletidos através da dialogicidade, refletindo o interno (subjetivo) para o exterior (objetivo). A composição de uma obra literária agrega as vozes que

compõem o autor, e que influenciarão na criação da personagem. Sua expressividade será percebida na dialogicidade das relações estabelecidas entre as personagens.

O autor de uma obra literária cria um produto verbal, um enunciado, que são heterogêneos compostos por enunciados do outro, por vozes coletivas que expressam o que um grupo sente, imagina ou pensa. São compostos por ideologias tanto do autor como dos grupos a quem pertencem. Na arte, a atitude do autor na sua representação participa na composição da imagem, pois é constitutiva da imagem, não podendo ser reduzida a um juízo de valor senão destruirá a imagem a que se propõe o autor. Há uma relação dialógica estabelecida com a arte, com o outro, entre consciências. Já o romance polifônico é aquele em que cada personagem funciona como um ser autônomo com visão de mundo, voz e posição própria no mundo (BAKHTIN, 1995).

O autor não pode ser dissociado de suas imagens e de suas personagens por fazer parte desta composição, pois elas provém dele podendo ser bivocal, bivalente por emanar do autor. Contudo, Bakhtin (2000, p.344) descreve o seguinte: “os planos do discurso das personagens e do discurso do autor podem entrecruzar-se em outras palavras, pode estabelecer-se uma relação dialógica”, que “não depende de uma ordem lógica ou lingüística, mas sim, de palavras. Se não há palavras, não há língua, não há relação dialógica, pois esta pressupõe uma língua, mas não existe no sistema da língua” (BAKHTIN, 2000, p. 345).

Para a análise dos resultados desta dissertação buscamos nas imagens produzidas pelo nosso entrevistado, os encontros das vozes propostas por Bakhtin que o constroem como professor da EAD. Usando sua imagem ele produz enunciações que compõe essa imagem quando interpreta uma obra literária, estabelecendo uma relação dialógica com a arte pela sua interpretação, e que também são percebidas nos romances polifônicos em que ele é o autor e cria seus personagens. As problematizações provenientes das várias formas de interação social concebidas pelo dialogismo (BAKHTIN, 1995, 2000) e pelas mediações (VIGOTSKI, 2008) a partir do uso de tecnologias, possibilitam a construção das relações dialógicas na educação.

1.2 Self, Posicionamento e Identidade

Empregamos estes conceitos utilizados pela psicologia para explicar, na análise dos resultados, como se constrói o nosso professor-ator. O *self* resulta da conversação do Eu e do Mim de William James (1890/1990) revista por Hermans, Kempen e van Loon (1992), e do conceito de polifonia em Bakhtin (1995) (JARDIM, GOMES, SOUZA, 2009). A descentralização do Self em termos de uma multiplicidade dinâmica e relativamente

autônomas de I-positions foi feita por (HERMANS, KEMPEN AND VAN LOON, 1992). Esta posição do Eu (I) possibilita mover de uma posição espacial para outra em acordo com trocas de situações e tempo. (HERMANS, 2009, p.248).

O *self* pode ser definido como uma multiplicidade de vozes ou posições do Eu que dialogam entre si, organizadas em uma narrativa espacialmente estruturada e corporificada (JARDIM, SOUZA, GOMES, 2009). Tanto no contexto individual ou coletivo, o *self* representa expressões de forças sociais e históricas. Essas forças convertem-se em significados humanos, em linguagem, em narrativas abrindo caminho para as mentes dos homens e mulheres, dando origem ao mundo da cultura (BRUNER, 1990).

O *self* pode ser estudado não só no foco das relações dos discursos na sociedade, como também das narrativas do *self*, como descrições sociais compartilhadas e orientadas pela cultura. No entanto, a cultura interfere nas escolhas das pessoas, podendo restringir, acentuar ou direcionar os comportamentos sociais (GERGEN, 1994). O *self* é moldado no papel de um narrador, de um construtor de narrativas sobre uma vida. Essa narração varia de acordo com o contexto, com as pessoas que estão ouvindo naquele momento, podendo ser interpretada e contada de formas variadas. O *self* então representa as posições do Eu em consonância com as posições que o outro nos coloca em determinadas situações, que nada mais são as vozes que compõe o sujeito.

A teoria do posicionamento estuda as relações sociais, ou seja, os atributos que assinamos conosco e com os outros no curso de nossas conversações. Reconhece as mudanças contínuas nas pessoas de acordo com as circunstâncias. A teoria do posicionamento (HARRÉ E LANGENHOVE, 1999) permite-nos estudar as posições que a pessoa ocupa no espaço social e que têm a ver com o reconhecimento do outro (DAVIS e HARRÉ, 2001), dos encontros e desencontros de si e do outro. Essas posições são entendidas como os lugares que ele ocupa socialmente. A posição pode ser representada pelas crenças sociais de cada ator social ou do grupo que se identifica por suas crenças em comum. Isso quer dizer que dependendo de cada sociedade o repertório de posições varia em seus significados e valores (HARRÉ, R; MOGHADDAM, F., 2003).

As relações sociais possibilitam que os indivíduos se identifiquem entre si, significando e construindo as novas relações. Essas identificações e escolhas realizadas por cada pessoa, na sua trajetória de vida, correspondem aos posicionamentos “que a pessoa ocupa no momento da interação sócio-comunicativa e que marca quem eu sou e quem é o outro” (CAIXETA, DANTAS, BARBATO, 2010, p.2). Os posicionamentos são marcas que se apresentam ideologicamente e diferenciam as pessoas que estão em interações. Cada

significado tem um valor específico para cada pessoa de acordo com a construção da sua história pessoal. As trocas de experiências e conhecimentos sobre diversas áreas profissionais e atividades, realizadas por cada pessoa durante sua história profissional, contribuem para a construção do ser professor.

Posicionamento e identidade são conceitos que estão atrelados, pois ambos consideram que o indivíduo está em constante construção. Entendemos que a construção do professor não ocorre apenas nas formações institucionalizadas, mas percorre toda a sua atividade profissional, integrando também sua identidade docente construída durante sua história de vida e acadêmica.

A teoria do posicionamento (HARRÉ E LANGENHOVE, 1999) parte da concepção de que as interações verbais tomam forma de construções identitárias de si e do outro. Esta teoria propõe entender o fenômeno social a partir da pessoa como substância da realidade social e psicológica. “Se o ato-social, inclui atos de fala, são tomadas como “matéria” de realidade social, uma nova rede pode ser construída em que pessoas são vistas como localização para os atos sociais” (LANGENHOVE & HARRÉ, 1999, p.15). A “identidade refere-se a um conjunto de posicionamentos organizados semioticamente, como uma estética de si que é significada pela interação com o outro” (BORGES, VERSUTI, PIOVESAN, 2012). Nesta perspectiva contemporânea o sujeito deixa de ser integrado no “sentido de si” estável e se constitui como “descentrados e deslocados de seu lugar no mundo social e cultural como de si mesmos” (HALL, 2005, p.9). Então, “à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente” (HALL, 2005, p.13).

A identidade, então, não é algo estático, mas movimenta-se a partir dos contextos dialógicos de seus atores e personagens, estando em contínua construção. Os posicionamentos de si refletem as posturas ideológicas da interação verbal na relação com o outro. Posicionamo-nos frente ao discurso do outro, mas também somos posicionados pelo outro em sua enunciação. A construção identitária, é então, um produto da interação com o outro, organizada semioticamente, em determinado contexto dialógico e é, portanto, estética. (BORGES, VERSUTI, PIOVESAN, 2012)

A identidade é percebida a partir de posicionamentos baseados na suposição de que há muitas posições do eu que podem ser ocupados pela mesma pessoa. Estas posições podem concordar ou discordar, mas estando sempre ligadas a uma posição particular no espaço e no tempo.

o termo “posição” tem sido apropriado para se referir aqueles momentâneos grupos de direitos e deveres para pensar, agir e falar em certas formas que são evidentes no

fluxo da vida diária A posição é unida com os tipos de atos que a pessoa naquela posição ser “vista” ou “ouvida” para trabalhar com qualquer instrumento simbólico. (HARRÉ & VAN LANGENHOVE, 1999).

As escolhas e formas de atuar como professor correspondem aos posicionamentos como professor da EAD e presencial, que têm significados e valores específicos para cada docente de acordo com a construção da sua história pessoal. Identidade e posicionamento nos fazem dialogar com a situação atual do nosso entrevistado. Ele necessita agregar novos conhecimentos sobre outras áreas acadêmicas, entretenimentos, tecnologias, às quais possam contribuir para as relações professor e aluno. Não só a educação a distância, mas também o presencial têm necessitado que o professor seja mais dinâmico, interativo, e procure construir conhecimento junto com o aluno, compreendendo a situação que esse aluno, vive cotidianamente na sociedade.

Dentre os vários posicionamentos que compõem a construção identitária, focaremos nos posicionamentos que contribuem para a construção de sua identidade profissional, mais especificamente como professor da EAD.

Então, identidade compreende o conjunto de posicionamentos construídos/em construção, existentes nas relações e nas interações sociais. A identidade docente é construída pelos posicionamentos assumidos nas interações sociais e culturais que, a exemplo do nosso entrevistado, corresponde a escolha de estudar a língua espanhola, teatro e a formação em letras, e que posteriormente auxiliaram na sua formação como professor presencial e da educação a distância.

Já o self dialógico é baseado na suposição que há muitas posições do Eu (I-positions) que podem ser ocupados pela mesma pessoa.

Neste contexto

[...] o self dialógico e os processos de identificação só podem ser compreendidos à luz das interações sociais, que oportunizam a construção da pessoa em seus diversos posicionamentos. Assim, temos que o self dialógico é o conjunto de identificações que a pessoa constrói nas diversas relações sociais e as identificações, por sua vez, dizem respeito aos posicionamentos que a pessoa ocupa no momento da interação sócio-comunicativa e que marca quem eu sou e quem é o outro.” (CAIXETA, DANTAS, BARBATO, 2010, p. 2)

Essas posições são construídas conforme as necessidades do momento histórico em que são geradas nos grupos a que pertencemos, e pelas ocupações de cada pessoa nas relações dialógicas e nas atividades desenvolvidas. A relação eu-outro é representada pela dialogicidade entre o autor e o herói vistos em Bakhtin (2000) no romance polifônico, onde o

self é representado pelo posicionamento de cada um diante da história, descentralizando qualquer perspectiva de existência de um Eu como único. Para ele, há uma multiplicidade de posições representadas pelas vozes do autor, como se fossem outros autores comunicando-se entre si e com os atores. O individual e o social englobados, inter-relacionados sem separações.

Para Bakhtin, a noção de diálogo abre a possibilidade de diferenciar o mundo interior de um mesmo indivíduo de um pensamento "interior", de um determinado caractere em um enunciado, permitindo relações dialógicas para ocorrer entre este enunciado e o enunciado dos outros imaginal (HERMANS, 2009). Isso pode explicar que o pensamento do autor é quem cria o herói. Essas narrativas dialogam não somente no mesmo espaço e tempo, como também as relações temporais são traduzidas em relações espaciais. Em se tratando da polifonia de Bakhtin, a construção das narrativas pode ocorrer em oposições espaciais, podendo ser entendidas pelos diálogos internos e externos, em que eles são compostos pelas multi vozes decorrentes das relações dialógicas.

Uma característica do Self dialógico refere-se à combinação descrita por Bakhtin (2000) de continuidade e descontinuidade. A descontinuidade pode ser visualizada na representação existente das vozes num mesmo personagem dentro de uma mesma esfera espacial do Self (HERMANS, 2009). Outro aspecto é a combinação de características espaciais e temporais que têm sido enfatizadas pela dimensão temporal das narrativas. As dimensões espaciais, o tempo e espaço são vistos igualmente importantes para a estrutura narrativa do self dialógico. Já para Bakhtin (2000) essas dimensões podem ser entendidas a partir do conceito de justaposição, que pode ser definido como uma espacialização da narrativa representada pela pluralidade de vozes que podem ser heterogêneas.

Nosso interesse nesta pesquisa é a construção profissional do professor do curso Letras português/espanhol, a partir da mediação das tecnologias imagéticas na construção dos materiais para a educação a distância. As tecnologias provocam mudanças nas formas de interação social, na construção do conhecimento e no ambiente profissional.

1.3 Temporalidade e espacialidade no uso da tecnologia

Relacionar tempo e espaço com o uso das tecnologias nos faz refletir sobre o processo de desenvolvimento da oralidade e da escrita ao longo da história humana, até chegarmos ao século XX em que é possível rever essa trajetória, procurando agregar o uso de tecnologias, mais especificamente, do computador.

Quando pensamos em espaço e tempo não podemos deixar de relacionar o físico e o virtual, principalmente quando nos referimos ao espaço físico da escrita e da leitura. A cultura foi desenvolvida por sociedades orais em que a transmissão de saberes e conhecimentos foi primeiramente oral, exigindo a presença física das pessoas. Com o surgimento das inscrições gráficas desenvolveu-se uma nova forma de comunicação entre as pessoas. O desenvolvimento da escrita possibilitou que os seres humanos se comunicassem para além do espaço e do tempo, e que fossem capazes de organizar suas ideias individual e coletivamente (PULINO, BARBATO, 2004).

Ao longo da história acompanhamos as mudanças do sistema da escrita atreladas ao espaço da escrita. A escrita em argila úmida e na pedra era pública e reduzida. Os hieróglifos representavam mudanças na forma de escrever e são representações por imagens. Já o papiro, que possibilitou um novo sistema mais cursivo de escrita, perdeu as representações por imagens exibidas anteriormente nas pedras e hieróglifos. A escrita de longos textos foi surgindo com a evolução do material utilizado para a escrita (SOARES, 2002).

No desenvolvimento da história da escrita é possível perceber as mudanças nas formas e nos materiais utilizados, e isso ocorre de acordo com as necessidades da sociedade. A relação escritor e leitor favorecem estes novos acontecimentos. “O espaço de escrita condiciona, sobretudo, as relações entre escritor e leitor, entre escritor e texto, entre leitor e texto. A extensa e contínua superfície do espaço de escrita no rolo de papiro ou pergaminho impunha uma escrita e uma leitura sem retornos ou retomadas” (SOARES, 2002, p. 150). Com o advento das tecnologias surgiram novas formas e possibilidades de escrita que estão atreladas à nova relação de espaço e tempo de escrita.

A temporalidade social no uso da informática é caracterizada de forma diferenciada da temporalidade das tecnologias intelectuais mais antigas, como a oralidade e a escrita. De qualquer forma o tempo é visto como irreversível, tanto nas situações virtuais como presenciais. Esse ponto de vista da irreversibilidade do tempo pode ser encontrado nas teorias de Valsiner (1989), Levy (2004), Bakhtin (2010) que tratam a irreversibilidade como a impossibilidade de retomar ao momento anterior, ainda que seja repetido o que estava sendo feito, o contexto. As pessoas passam a ter novas posições, o que pode levar a modificar e criar novos significados.

[...] seja nas mentes, através de processos mnemotécnicos, no bronze ou na argila pela arte do ferreiro ou do oleiro, seja sobre o papiro do escriba ou o pergaminho do copista, as inscrições de todos os tipos – e em primeiro lugar a própria escrita –

desempenham o papel de travas de irreversibilidade. Obrigam o tempo a passar em apenas um sentido; produzem história, ou melhor, várias histórias com ritmos diversos. (LEVY, 2004, p. 76)

Neste capítulo buscamos, através dos conceitos descritos pela psicologia histórico-cultural, relacioná-los de forma que possam contribuir para a compreensão de como se processa a construção do professor da EAD a qual utiliza as tecnologias imagéticas como mediadoras na produção dos vídeos que são construídos com as suas imagens atuando, interpretando, encenando. Essas produções contribuem para sua construção como professor da EAD e auxiliam nas relações professor-aluno.

A relação ensino-aprendizagem mediada pelas tecnologias permite a construção do conhecimento coletivo, dialógico e a construção de si e do outro, a partir da polifonia que compõe estas relações entre pessoas e instrumentos que compartilham enunciados, saberes e aprendizados. Sujeito e linguagem são considerados mutuamente constitutivos (WERTSCH, 1988). Buscamos compreender o processo constitutivo do ser professor a partir da relação com o outro que o auxilia na construção de si, pela posição que o professor ocupa e pela posição que o outro lhe coloca na sociedade e nos ambientes de trabalho.

2º ATO –EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS

Neste capítulo abordamos a construção docente no que se refere às relações e usos das tecnologias, buscando compreender como o professor medeia a relação com o aluno a partir das tecnologias, e como se constrói nesta relação. Para compreendermos esse processo de construção da identidade profissional, buscamos referências em alguns conceitos do teatro e do cinema que fazem parte dos conhecimentos do docente, e que contribuem para os seus posicionamentos como professor da EAD, e colaborando para as produções dos vídeos, vídeo-aulas e podcasts.

Achamos importante relacionar a necessidade do professor saber utilizar a web como contribuinte para as suas produções. Esta parte trata o professor como personagem da EAD, perpassa pelo teatro e, é um ponto importante a ser comentado, pois algumas características pessoais do nosso participante, como expressividade, foi desenvolvida na época em que era ator de teatro, e contribui hoje para sua construção do professor da EAD por possibilitar que ele desenvolva personagens, atue e encene as produções de suas aulas via-satélite. Estudar sobre roteiro de cinema o auxilia nas produções dos vídeos que ele cria como material acadêmico. Podemos dizer, então, que os conhecimentos sobre a arte do teatro e da cinematografia auxiliam na construção estética do nosso entrevistado.

A construção estética é compreendida pela forma como nosso entrevistado se constrói como sujeito diante do que produz, a partir de seus valores e formas de se comportar na interação com o vídeo e os alunos. Os posicionamentos que compreendem suas escolhas em fazer teatro, aprender sobre roteirização de cinema para produzir vídeos, contribuem para a construção estética de si como professor-ator, que nada mais é que uma das identidades que compõe o self dialógico do nosso entrevistado.

Ao abordarmos sobre a construção do professor da EAD que utiliza as tecnologias imagéticas para a construção de suas produções e de si mesmo, utilizamos várias definições para tecnologia, tais como, informática, tecnologias, novas tecnologias e tecnologias da informação e comunicação (TIC), as quais foram utilizadas ao longo do desenvolvimento da história das TIC. Manteremos cada definição de acordo com as citações de cada autor ao longo da construção do texto por não ser o foco do nosso trabalho tratar das diferenciações entre elas nem tão pouco explicar o uso de apenas uma terminologia.

A educação a distância que nos referimos neste trabalho faz uso das mídias para as transmissões de suas aulas. Os encontros dos professores com os alunos são via-satélite,

mas os mesmos têm encontros presenciais que são mediados pelo tutor. O ambiente virtual de aprendizagem da instituição de ensino superior, a qual o nosso entrevistado é funcionário, disponibiliza ao professor utilizar fóruns, podcasts, publicar vídeos, textos e encontros virtuais via chat. Também oferece treinamentos aos docentes, além de disponibilizar uma equipe de produção que auxilia o professor na elaboração das aulas via-satélite.

Então, nosso professor, nesta EAD, exerce as suas funções como docente na sala de aula e também mediando as interações no AVA. E para isso, necessita utilizar a linguagem como forma de comunicação. “A linguagem não só ajuda a organizar o tumultuado fluir da própria experiência e a dar sentido ao mundo, mas também estabiliza o espaço e ordena o tempo, em diálogo constante com a multidão de outras vozes que também nos modelam [...]” (SIBILIA, 2008, p. 31).

A linguagem compreende as vozes bakhtinianas que constroem o aprendido em cada pessoa. As linguagens sociais permitem identificar os princípios organizadores da comunicação verbal concreta, realçando características que são generalizáveis a partir de enunciados, constituindo um discurso próprio de diferentes grupos profissionais e sociais. (AIRES, 2003). Entretanto não podemos nos esquecer que as linguagens sociais também ocorrem por meio de comunicação não verbal.

A educação tem se apropriado de novos instrumentos como mediadores das relações professor-aluno, como as tecnologias a serem usadas nas salas de aula ou as tecnologias para serem utilizadas na produção das aulas, no caso da EAD. A linguagem, no entanto, continua sendo o mediador principal nas relações de ensino e aprendizagem, mas ela não se atém apenas à linguagem falada, escrita, mas também a linguagem virtual que engloba estas duas, a linguagem falada e a escrita que dialogam entre si e com os outros.

[...] a dimensão axiológica da tecnologia adquire relevância na ação educativa, entendida como a abordagem de processos educativos associados à polifonia discursiva da vida cotidiana e integradora de uma concepção de tecnologia irremediavelmente vinculada à formação e à educação da pessoa humana. (AIRES, 2003, p.24)

Entendemos que a linguagem virtual é uma linguagem social por possuir um discurso próprio a partir das formas de escrever, de falar e também pelas possibilidades de comunicação existentes na realidade virtual. Assim, se faz necessário refletir acerca do uso das tecnologias como possibilidades de expressão humana. Referimo-nos nesta pesquisa às formas de linguagem utilizadas pelo nosso entrevistado: linguagens representadas nas

diferentes formas de produção de vídeos, linguagem escrita formal e informal nos fóruns e chats e linguagens visuais.

Nestas linguagens o uso de hipertexto é constante e representa a ideia de escritura e leitura não linear, retomando e transformando a escrita. Na medida em que a informatização avança, certas funções das redes informáticas são eliminadas, novas habilidades aparecem, a visão de mundo dos usuários é reorganizada, modificando os reflexos mentais, possibilitando a transformação da ecologia cognitiva (LEVY, 2004). Para Santos (2005, p. 118), o hipertexto é concebido como “uma inter-relação de vários textos ou narrativas. É a possibilidade de dialogar com a polifonia. Com a cibercultura podemos potencializar o diálogo polifônico por conta da natureza do suporte digital”.

Essas mudanças influenciam os processos cognitivos individuais e coletivos que se constroem através dos posicionamentos que a pessoa assume diante das relações e das diferentes formas de uso da tecnologia. Então, as vozes sociais podem ser produzidas pelas interações e trocas de informações hipertextuais. “O hipertexto possibilita ao sujeito interagir e explorar as redes de conhecimento de forma que este, ao final de sua caminhada, terá construído sua rede pessoal de conhecimento, tornando-se co-autor dos conhecimentos compartilhados nesse suporte” (DIAS; MOURA, 2006, p. 17-18).

Essa nova possibilidade de construção de conhecimento a partir da linguagem virtual e do uso de tecnologias compreende uma nova perspectiva de ensino-aprendizagem. Levy (2007, p. 29), criou o termo inteligência coletiva para designar “a coordenação da inteligência em tempo real”. Para ele, as inteligências individuais são somadas e compartilhadas por toda a sociedade a partir do surgimento das novas tecnologias, ocasionando trocas de conhecimento e aprendizagens coletivas o que pode possibilitar a partilha da memória, da percepção e da imaginação. Isso resulta na aprendizagem coletiva, na troca de conhecimentos.

A EAD da instituição que o nosso entrevistado trabalha tem como público-alvo alunos que moram no interior do estado. O conceito de inteligência coletiva nos possibilita refletir a respeito da criação dos cursos a distância por permitirem às pessoas, situadas em localizações distantes, compartilharem, através do ciberespaço, novas aprendizagens e novos conhecimentos. “Na era do conhecimento, deixar de reconhecer o outro em sua inteligência é recusar-lhe sua verdadeira identidade social, é alimentar seu ressentimento e sua hostilidade, sua humilhação, a frustração de onde surge a violência” (LEVY, 2003, p. 30). Quanto mais numerosos são os intelectuais coletivos aos quais se une um indivíduo, mais oportunidades terão de diversificar seus saberes e desejos e enriquecer com suas contribuições as

comunidades pensantes. A inteligência coletiva tem início com a cultura e cresce com ela. Pensamos, é claro, com idéias, línguas, tecnologias cognitivas recebidas de uma comunidade. (LEVY, 2003)

No entanto, um mundo virtual para a inteligência coletiva pode ser igualmente portador de cultura, de beleza, de espírito e de saber como um templo grego, uma catedral gótica, um palácio florentino, a Encyclopédie de Diderot e d'Alembert ou a Constituição dos Estados Unidos. Pode desvendar inéditas galáxias de linguagem, fazer vir à tona temporalidades sociais desconhecidas, reinventar o laço social, aperfeiçoar a democracia, abrir entre os homens trilhas de saber desconhecidas (LEVY, 2003, p.103).

O conceito de inteligência coletiva leva-nos a repensar na criação de uma nova forma de linguagem, de comunicação que conseqüentemente interferirá nas formas de organização social (LEVY, 2003). Sejam quais forem as linguagens utilizadas pelo nosso entrevistado para as suas produções, acreditamos que estas criações contribuem para a construção de si e corrobora para construção do outro, virtual ou presencial.

Vimos no capítulo 1, que o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, proposta por Vigotski (2008), pode ocorrer pela internalização de aprendizagens e também pelo desenvolvimento da zona de desenvolvimento proximal através da mediação semiótica (VIGOTSKI, 2008). Já o conceito de inteligência coletiva (LEVY, 2007), descrito neste capítulo 2, propõe uma nova forma de linguagem, de comunicação. Por isso, buscamos relacionar os dois processos apresentados, o desenvolvimento das funções psicológicas e o conceito de inteligência coletiva, os quais entendemos que esta relação possibilita associar o uso de tecnologias e o desenvolvimento da ZDP mediado pelo professor. O professor propicia a aquisição de novos conhecimentos ao aluno através de atividades desenvolvidas nos ambientes virtuais de aprendizagens, como também, estimulando que novas atividades sejam postadas e propostas no AVA (PIOVESAN, BORGES, PEIXOTO, 2011). Consideramos que o uso de tecnologias auxilia no desenvolvimento das funções psicológicas contribuindo para a formação da inteligência coletiva dos interlocutores: professor e aluno.

2.1 A formação do Professor na era da WEB

A evolução da internet no Brasil nos faz entender os processos de desenvolvimento tecnológico e aquisição de conhecimento em relação ao seu uso pela população de maneira geral e também pelo professor. A internet chegou ao Brasil em meados dos anos 90 e vem passando por grandes transformações quanto ao seu uso e expansão. Em sua primeira fase, denominada como web 1.0, caracterizada por serviços de disponibilização

de informações, predominando a navegação simples, onde havia uma transposição dos modelos analógicos para os ambientes de rede, ou seja, os mesmos conteúdos disponibilizados nas mídias analógicas eram digitalizados e acessados (FREITAS, 2011). Podemos relacionar esse processo ao modelo inicial da educação a distância no momento em que começou a utilizar a internet, e os professores transpunham o conteúdo usado em sala de aula presencial para a EAD.

Depois surgiu a Web 2.0, termo criado em 2004 e que ainda está em uso na segunda década do século XXI. Representa a segunda geração de serviços online, referindo-se não apenas a uma combinação de técnicas informáticas, como também a um determinado período tecnológico (PRIMO, 2007, p.1). O avanço da web 1.0 para web 2.0 proporciona maior interação, por potencializar as formas de publicação na internet, novas formas de postagens e produções. Para Sibilía (2008, p.14), “a revolução da web 2.0” acabou nos convertendo em personalidades do momento. Enquanto a primeira geração “procurava ‘vender coisas’, a web 2.0 ‘confia nos usuários como co-desenvolvedores’”.

No entanto, avançamos no desenvolvimento tecnológico e continuamos reproduzindo comportamentos anteriores. “Estamos formando professores, para o uso das tecnologias, numa perspectiva de Web 1.0, a web leitura, do consumo de informações. Não avançamos para a incorporação e vivência dos princípios e potencialidade da Web 2.0”. (BONILLA, 2011, p. 67). Muito menos preparamos o professor para conhecer a respeito da web 2.0 e 3.0, e a entender quais foram os avanços e suas potencialidades. Assim, continuamos num processo de retrocesso a web 1.0 na forma de consumir informações.

Com o advento da web 2.0 a internet deixou de ser apenas uma transformadora de informações para interagir e auxiliar na construção de conhecimento em redes colaborativas. Para nós, é importante assinalarmos que nos últimos anos as teorias de Vigotski e Bakhtin vêm subsidiando as discussões sobre formação de professores e tecnologias digitais na educação a partir de suas concepções sobre aprendizagem e desenvolvimento (SANTOS, 2011). Isso vem reforçar que a relação entre o uso destes teóricos e tecnologias que procuramos fazer nesta dissertação está de acordo com o que tem sido produzido por aí.

Buscamos conhecer as possibilidades de entrelaçamento das TIC nas vidas dos professores e alunos como aliadas às práticas pedagógicas a partir do letramento digital, entendido como escrita por meio digital, para que não se tornem apenas instrumentos de inclusão digital do sistema sem um aproveitamento racional de todas as potencialidades que podem ser desenvolvidas e agregadas às práticas pedagógicas. As tecnologias passaram a operar com as ideias e não mais como amplificadores de sentido como foi no início, quando

surgiram. São máquinas que não estão apenas a serviço do homem, mas que passaram a interagir com ele (PRETTO, 2010).

Entretanto, uma das grandes dificuldades na adaptação dos professores e dos alunos é em relação à autonomia do aluno e ao papel do professor como mediador do conhecimento, e não mais como transmissor, como único detentor do saber, como era pensado há muito tempo atrás no ensino presencial. O sujeito sai da passividade de apenas receptor e passa a dialogar com o outro, mediado pelas tecnologias ou através delas. Para Pretti (2002, p. 4), “o conhecimento não é transmitido ou adquirido, como sendo objeto ou uma mercadoria, ele é construído porque a realidade é o sentido que fazemos do mundo e do seu fenômeno”.

O uso de tecnologias pelo professor ou pelo aluno vai além do conhecimento do uso da internet, na medida em que requer que os professores e alunos sejam letrados digitais. “Isto é, professores e alunos que se apropriam crítica e criativamente da tecnologia, dando-lhe significados e funções em vez de consumi-las passivamente. Portanto, o que esperamos é que o letramento digital seja compreendido para além de um uso instrumental” (FREITAS, 2011, p.25). O letramento digital possibilita diferenciar a leitura e a escrita no papel pela leitura e escrita digital o que torna possível identificar uma forma de utilização da tecnologia em benefício da educação.

Todas essas mudanças nas formas de comunicação, utilizando a internet na educação, também suscitam novas formas de escrita. Para Sibilia (2008), a escrita utilizada pelos usuários na internet é marcada pela oralidade, na forma de escrever sem formalidades na linguagem e nas regras de escrita. De maneira que esse é mais um fator para ser entendido pelo professor: saber compreender em que ambientes são utilizadas formas de escritas formais ou informais.

Com a web 2.0 possibilitou-se o aperfeiçoamento e desenvolvimento das interfaces nos AVA, as quais disponibilizam chats, fóruns, vídeos, podcasts que são interfaces de interação social. Já a aprendizagem aberta propiciada por meio de diversas mídias, como blogs, wikis e listas de discussão como sua expansão a qual propicia a aprendizagem colaborativa para aquisição da construção de conhecimento.

Uma das grandes marcas da cibercultura é a expansão da aprendizagem aberta que tem sido favorecida pelo movimento de conteúdo aberto. O movimento de conteúdo aberto na web tem crescido não apenas com tecnologias de *download* gratuito e “*open source*”, mas também com conhecimento científico e materiais educacionais que têm sido compartilhados na internet. (OKADA, SANTOS, 2008, p. 5)

E o que o avanço tecnológico tem a ver com a construção do professor da EAD? O letramento digital nos faz rever a forma como a web está sendo utilizada a favor da construção do conhecimento, seja pelo aluno e/ou pelo professor da EAD. Nesse sentido, percebemos a necessidade do professor repensar quais são os seus posicionamentos diante das tecnologias digitais, como está sendo construída sua identidade virtual por si e pelas relações dialógicas com o outro.

Ele pode empregar as tecnologias como instrumentos de mediação para a construção de si, fazendo uso da sua imagem para a produção dos materiais didáticos e usar a tecnologia para disponibilizar suas produções. Ele também pode aproveitá-las para desenvolver suas propostas de trabalho utilizando as interfaces do AVA onde é possível criar e postar os materiais produzidos como proposta de construção de conhecimento. A forma como o docente constrói os materiais pedagógicos e os disponibiliza para os alunos é também uma expressão que caracteriza a construção da sua identidade virtual.

O professor da educação a distância tem a possibilidade de criar personagens e ser o personagem da EAD. Ele cria personagens para atuarem em suas aulas, nas produções das vídeo-aulas, vídeos e podcasts. Ele também pode ser o personagem-professor que atua na EAD como podemos observar em nosso participante, logo adiante.

2.2 O professor: este personagem da EAD

Desde a Grécia antiga, Aristóteles (384 a.C a 322 a.C) escreveu sobre a personagem em sua obra “Poética”. Para ele, personagem e pessoa são termos que possuem diferenças em seus significados. De acordo com Brait (2006), dois aspectos essenciais são encontrados na obra “Poética” de Aristóteles. A personagem como reflexo da pessoa humana, não só com o que é “imitado” ou “refletido”, mas com sua verossimilhança, e “a personagem como construção, cuja existência obedece às leis particulares que regem o texto” (BRAIT, 2006, p.29).

Ao longo dos séculos surgiram outras definições para personagem que diferem do que Aristóteles descreveu. Estas definições variam nas relações como ser fictício-pessoa. No entanto, como não é o nosso foco conhecer outras definições, nos ateremos em retratar a proposta dos formalistas russos que iniciaram um movimento por volta de 1916, em que suas contribuições podem ser vistas com a ruptura da visão da obra literária. Então, a definição que utilizaremos refere-se à citada por (BRAIT, 2006, p.44), em que a “concepção de personagem se desprende das muletas de suas relações com o ser humano e passa a ser encarada como um ser de linguagem, ganhando uma fisionomia própria”, possibilitando uma concepção

semiológica da personagem que passa a pertencer a qualquer sistema semiótico e não somente à literatura.

Essa diversidade de possibilidades para criar personagens, permite-nos relacionar às produções do nosso entrevistado, em que entendemos que o personagem pode ser criado em diferentes situações da vida cotidiana por todos nós. Neste estudo de caso, a criação de personagens representa uma das posições que o professor pode assumir no seu posicionamento como professor da EAD. A forma como ele planeja, organiza e publica no ambiente virtual de aprendizagem, representa características da sua identidade profissional de professor que utiliza a criatividade e imaginação para planejar e executar as produções de materiais que serão postados posteriormente no AVA.

Na construção do ser professor da EAD do nosso participante, os posicionamentos assumidos ao longo da sua vida profissional são construídos pelas vozes (BAKHTIN, 2000) que compõem sua identidade como professor. Ele cria personagens para atuarem nos podcasts que são gravados por ele, onde é possível perceber as diferenças na entonação de voz. A construção de personagens também está presente nas atuações em seus vídeos, em alguns vídeo-aulas e nas interpretações dos textos literários escritos e transformados em oralidade.

Os personagens criados são representados pelo ator, que nestes momentos também é o nosso professor. De acordo com o dicionário de termos técnicos e gírias do teatro, ator é aquele que cria, interpreta, representa uma ação dramática [...] com o uso da sua voz, corpo e emoções ao simples texto concebido pelo dramaturgo, com o objetivo de transmitir ao espectador as ações dramáticas propostas. (BRAVO, s-d)

Para dar vida aos personagens criados pelo professor entrevistado, há necessidade de que haja o narrador, que dentro das suas produções é ele mesmo. O nosso entrevistado pode ser analisado sob duas perspectivas. Primeiro como narrador da educação, na posição de professor, e segundo, como narrador de si na nossa pesquisa, nas entrevistas narrativas concebidas sobre sua história de vida profissional.

O narrador é quem apresenta a obra. Seu papel vai depender da habilidade do escritor, que pode estar envolvido ou não com a história. Se ele estiver fora, caracteriza-se como um recurso muito antigo e eficaz. Se estiver dentro possibilita apresentar-se, “portanto, como uma verdadeira câmera, ou como uma personagem envolvida direta ou indiretamente com os acontecimentos narrados” (BRAIT, 2006, p.53). Sua postura diante das narrativas é o que poderá caracterizar as personagens.

O narrador pode ser épico ou narrador do texto sagrado que recorre ao sonho ou à aparição como formas de dramatização permitindo representar a intensidade de um conflito

interior, dimensão que em princípio estaria fora do alcance de um foco narrativo puramente exterior. “a utilização do discurso indireto livre [...], é um artifício linguístico que dissipa a separação rígida entre a câmera e a personagem, uma vez que lhe confere autonomia para auscultar uma interioridade que não poderia ser captada pela observação externa”. (BRAIT, 2006, p.56). Neste caso, o entrevistado consegue criar personagens, controlar a câmera e ser o narrador.

Diante disso, acreditamos, que o conhecimento prévio de alguns conceitos do teatro, do cinema e da psicologia da arte (VIGOTSKI,1998) contribuem para a construção estética de si do nosso entrevistado. A psicologia da arte, texto desenvolvido por Vigotski (1999), trabalha com sentimento, imaginação e percepção, mais precisamente na combinação dos dois primeiros. Já o teatro permite-nos mostrar o papel do ator na encenação e na atuação. Para Magaldi, (1997, p.8) [...] o teatro existe quando o público vê e ouve o ator interpretar um texto”.

Alguns aspectos do cinema no contexto em que estamos utilizando, contribuem tanto com o uso dos instrumentos, definidos por Vigotski (2008) e utilizados para criação das imagens, como possibilitam um novo olhar a partir da mediação no uso desses instrumentos.

A Arte no teatro é construída pelo cenário que é composto pela arquitetura, pintura, iluminação. O palco recorre à arte do mobiliário e a complementação ocorre com os figurinos dos personagens. A expressão corporal do ator é composta pela postura, olhar, movimentos, pela palavra, pelo silêncio, mímica ou um gesto que são formas de comunicação entre o ator e o público. [...] Por isso se convencionou chamar de interpretação à arte do ator, que reclama tantos recursos expressivos. (MAGALDI, 1997, p.10)

Para Vigotski, a arte é o social em nós. Se o pensamento se realiza na palavra formando-se nela e no discurso, ou seja, na enunciação, e, pensando na arte passando pela linguagem, então, “o enfoque estético da arte deve ter fundamento psicossocial, numa combinação de vivências do ser humano com a recepção do produto estético percebido como produto social e cultural”. (BEZERRA, p. XII)

A criação do cenário, utilizando-se da arquitetura e da pintura, por exemplo, e de alguns dados, não compõe uma outra arte, são apenas dados. “A síntese de elementos artísticos faz o espetáculo, e é em função dele que se deve pensar o teatro. Espetáculo teatral e teatro podem ser considerados sinônimos, e se confundem como expressão artística específica”. (MAGALDI, 1997, p.13)

Para a composição das aulas na EAD, conhecer alguns princípios do teatro grego e suas tragédias pode auxiliar na construção das vídeo-aulas, na estruturação dos roteiros de

gravação dos vídeos ou nas aulas, para que o professor não perca o foco da aula e nem a atenção do aluno.

Os princípios de Ethos, Dianoia, Harmatia, Catarse, Peripécia e Empatia são termos que surgiram com a Tragédia Grega e que mantêm-se presentes no teatro até os dias atuais. Ethos e Dianoia são inseparáveis, o primeiro representa a ação e o segundo justifica essa ação, o discurso. “O *ethos* seria o próprio ato e a *dianoia* o pensamento que determina o ato”. (BOAL, 2011, p. 74). Harmatia, ou falha trágica. É a única coisa que pode e deve ser destruída para que a totalidade do ethos da personagem se conforme com a totalidade do ethos da sociedade. A confrontação do ethos (social e individual) é causada pela harmatia.

Vigotski e Boal criaram suas definições a partir de Aristóteles. Para Boal (2011), catarse corresponde à purgação do elemento estranho, indesejável, purificação da harmatia. Já para Vigotski (1999), a catarse é representada como uma contradição afetiva e constitui a parte central e determinante da reação estética. A catarse para Vigotski é o termo que melhor traduz, na psicologia, a reação estética das emoções na transformação dos sentimentos. A arte é um dos meios para se atingir a catarse.

Uma obra de arte pode suscitar várias formas de emoção. Emoção lírica, emoções suscitadas pelo material e as emoções suscitadas pela forma. Para Vigotski (1999, p. 270), essas duas séries de emoções, as suscitadas pelo material e pela forma, estão em antagonismo, “estão direcionadas em sentidos opostos e que da fábula à tragédia a lei da relação estética é uma só: encerra em si a emoção que se desenvolve em dois sentidos opostos e encontra sua destruição no ponto culminante, como uma espécie de curto-circuito”. Esse processo corresponde à catarse.

A empatia representa a relação entre personagem e espectador. No teatro e no cinema a empatia possibilita uma identificação com a personagem, rerepresentando uma relação emocional entre eles, seja nas telas ou no palco. Vigotski (1999) define empatia como reação, resposta ao estímulo.

Já a imitação pode ser feita de diversas formas. Alguns fazem por meio de cores e atitudes, para outros pode ser feito com arte; outros são levados pela rotina ou pela voz. Também pode ser produzida por meio de ritmo, da linguagem e da harmonia. Os atos das personagens são aplicados pela imitação de nós, como dizia Aristóteles (384 a.C a 322 a.C), daí a dificuldade de, em determinados momentos, o professor diferenciar quem é ele quem é o personagem.

“A poesia é uma imitação pela voz e distingue-se assim das artes plásticas que imitam pela forma e pela cor” (Aristóteles, 384 a.C a 322 a.C, p. 12), imitação essa que o Juan

bem faz em seus podcasts. Para Aristóteles (384 a.C a 322 a.C, p.12), a arte imita “os caracteres, as emoções e as ações”.

Se os objetos de arte ou estéticos são constituídos de vários componentes como suas formas e materiais que o diferenciam, podemos dizer que possuem elementos emocionais que o integram como objetos estéticos. “Assim, a reação estética lembra o ato de tocar piano: é como se cada componente da obra de arte tocasse a respectiva tecla sensorial de nosso organismo, recebendo como resposta um som ou tom sensorial, e toda reação estética fosse constituída de impressões emocionais que surgem como resposta aos toques nas teclas”. (VIGOTSKI, 1999, p. 259)

Procuramos relacionar teatro, cinema e EAD, buscando compreender como a ligação entre estas artes auxiliam na construção do professor da educação a distância, uma vez que ele também constrói a si esteticamente a partir de sua arte. Concordamos com Vigotski (1999) quando diz que o importante não são os elementos da obra de arte, mas sim, a reação estética que provoca em nós. Nossa intenção não é aprofundar os conceitos de teatro e cinema, mas compreender como o conhecimento técnico dos mesmos pode auxiliar na construção do professor.

Se, acreditamos que o professor da EAD tem como uma das suas características identitárias a criação de personagens para atuar nos vídeos, podcasts, videopoemas ou mesmo nas vídeo-aulas, via satélite ou gravadas, podemos dizer que a sua atuação diante das telas é semelhante à de um ator nos cinemas ou no teatro. Mudando a forma de trabalhar do professor, nos possibilita refletir sobre a atuação na EAD como uma nova perspectiva de ser professor, na qual é possível criar outra forma de pensar esse professor como personagem da educação a distância.

O cinema possibilita orientar o espectador a olhar aquilo que a câmera direciona. Essa é uma característica que diferencia cinema e teatro. O cinema possibilita um jogo de olhares “no do cineasta (da câmera), da personagem, do espectador” (AUMONT, 2008, p.38). No teatro os espectadores escolhem para onde olhar, seguindo ou não o direcionamento que ocorre por parte dos personagens no momento da atuação. Já o cinema tem a câmera que é guiada pelo olhar do cineasta, que direciona o que será enfatizado com a filmagem. “O cinema veio fazer concorrência ao teatro no terreno deste e envolveu-se na busca de meios de transmissão do sentido que, directa ou indirectamente, se inserem no verbal” (AUMONT, 2008, p.32)

O cinema tem como maior representatividade o olhar que, a partir do cinema mudo, expressava através das imagens o que desejava que fossem entendidos pelo espectador,

como também, pelo cinema falado acompanhado pelo som, imagens e quaisquer outros efeitos que possam fazer parte da produção cinematográfica. O olhar físico, humano, é comparado por alguns estudiosos do cinema ao olhar da câmera, pois é direcionado por quem olha através da lente. (BORGES, 2006)

Entretanto, a relação literatura, teatro e cinema perduram desde o século XIX, onde “ler em voz alta numa apresentação pública aquilo que é feito para ser lido em voz baixa, passar do livro para o Teatro e do Teatro para o Livro: esta utopia, alguns escritores, homens de teatro e até vários cineastas, [...] vão realizá-la em alguns dos seus filmes”. (AUMONT, 2008, p.25). Essas relações compõem a cultura em que vivemos, a cultura social.

A cultura possibilita compartilharmos conceitos e objetos que podem ser reconhecidos ou não em outras culturas. “o sistema de linguagem de uma cultura traz consigo o sistema de prioridades dessa cultura, seu conjunto específico de valores e sua composição específica dos mundos físico e social” (TURNER, 1997, p.52).

A linguagem cinematográfica é definida por sua relação com as imagens onde “o ‘ver’ torna-se o componente principal da linguagem fílmica, ou seja, a linguagem do cinema organiza-se em torno das imagens e da possibilidade de Olhar o filme”. (BORGES, 2008, p. 15). As imagens e as palavras têm uma carga cultural constituída pela forma utilizada pela câmera, ângulo e iluminação da filmagem. A representação de uma imagem está relacionada à “linguagem”, conjunto de códigos e convenções que produzem sentido para os espectadores.

A câmera é um instrumento de mediação utilizado pelo professor entrevistado para a produção de suas aulas, como as videoconferências e os vídeos, e que participam da construção de si por possibilitar uma forma de expressão identitária do professor através da imagem pessoal nos vídeos e das narrativas nos podcasts. O manejo da câmera constrói significados na produção cinematográfica. O tipo de película, ângulo da câmera, campo focal, formato da tela, movimento e enquadramento, cada um com sua função específica colabora na construção dos significados produzidos pelo cinema. O som também favorece a produção, já que muitas vezes não há o reconhecimento da sua influência de forma direta como a câmera. Está mais relacionado com as influências emocionais na produção dos significados.

O cinema propiciou uma nova forma de retratar a sociedade, de olhar e questionar o mundo em que o surgimento da Sociedade do Espetáculo é vista como a sociedade midiática (DEBORD, 1997). Essa sociedade foi construída pelo desenvolvimento de novas tecnologias, pela ansiedade do espectador diante das imagens produzidas e reproduzidas pelas câmeras que gerou expectativas e criou ilusões. Essa nova forma de olhar recriou novas formas de “ver” o

mundo, de desenvolver as relações humanas, possibilitando mudanças de sentimentos e estimulando também o desenvolvimento cognitivo.

Na educação, compartilhar o uso de técnicas do teatro e do cinema nos faz acreditar que essas artes têm muito a colaborar como mediadores na relação professor-aluno para a construção do conhecimento. Possibilitam novas formas de ver e interpretar o que se deseja apreender. A educação presencial ou a distância, permite que o professor utilize os meios tecnológicos para elaborar, construir, ou exibir suas aulas. A EAD utiliza essas tecnologias para a produção dos vídeos, para a filmagem das vídeo-aulas, e conta com uma equipe em que cada profissional é responsável por uma função. Isso nos faz associar às produções teatrais e cinematográficas.

3º. ATO- SER IMAGEM, PRODUZIR IMAGENS – AS TECNOLOGIAS IMAGÉTICAS E O PROFESSOR-ATOR

Nesta dissertação percebemos que a interação do professor da EAD com as tecnologias imagéticas possibilitou desenvolvimento de habilidades que mesclam a docência com as atividades dramáticas experienciadas por nosso entrevistado, produzindo um novo posicionamento deste profissional: o professor-ator. Estabelecer um diálogo sobre ser imagem, produzir imagens nos faz retornar aos conhecimentos dos gregos como Platão e Aristóteles, e às contribuições do filósofo Kant, os quais discorrem sobre a beleza e a arte, rompendo as fronteiras da história até chegar ao conhecimento sobre a estética. Essa reconstrução histórica sobre a estética auxiliará na compreensão de como definimos as tecnologias imagéticas, em que estas contribuem para a construção do professor-ator.

A estética deriva do grego *aesthesis* e significa conhecimento sensorial ou sensibilidade, adotada pelo filósofo alemão Alexander Baumgarten (1714-1762) para nomear o estudo das obras de arte como criação da sensibilidade, tendo por finalidade o belo. Analisa o complexo das sensações e sentimentos, compreensão pelos sentidos, percepção totalizante (ROSENFELD, 2006). A *aesthesis* funda o imaginário, abre espaço para a subjetividade e intersubjetividade. Os primeiros teóricos da estética foram os gregos. Teorizavam sobre a beleza e a arte que foram primeiramente discutidas por Platão. Para ele, o belo representa o bem, a verdade, reside no mundo das ideias. “Assim, temos em Platão, uma concepção de belo que se afasta da interferência e da participação do juízo humano [...], não está sob sua responsabilidade o julgamento do que é ou não é belo” (VALE, 2005, p.1).

Para Platão a beleza existe em si, separada do mundo sensível. Nesta concepção, ele fazia crítica à arte que copia a natureza, o mundo sensível. No entanto, Aristóteles pensava de forma diferente de Platão, pois acreditava que o belo estava ligado ao homem e que a arte era sua criação. Para ele, “o que confere a beleza a uma obra é a sua proporção, simetria, ordem, isto é, uma justa medida. Aristóteles associou a arte à imitação da natureza.” (ARISTÓTELES, 384 a.C a 322 a.C)

Entre os séculos XVI e XVIII a predominância era a estética aristotélica. No século XVIII a teoria da beleza sofreu transformações, sendo adicionados conceitos de pitoresco, sublime entre outros, o que possibilitou que a beleza fosse vista como se constituindo com estas novas partes agregadas ou como conceitos adicionais. (DICKIE, 2008).

Depois do século XVIII, [...] teorização sobre o estético. A palavra "beleza" passou então a ser usada como sinônimo de "ter valor estético" ou como um dos muitos adjetivos estéticos ao mesmo nível de "sublime" e "pitoresco", que são usados para descrever a arte e a natureza. Do final do século XVIII a meados do século XX, as preocupações congênicas dos estetas têm sido a teoria do estético e a teoria da arte. (DICKIE, 2008, p.1)

Em 1808, surge Kant, considerado o principal criador da estética contemporânea. Para ele, os juízos estéticos têm um fundamento subjetivo, o critério de beleza é expresso pelo prazer desinteressado. Neste sentido, podemos destacar que o conceito de arte está relacionado ao conceito do estético, entretanto, o estético não pode absorver completamente o conceito de arte. As funções da arte em nossa sociedade estão relacionadas ao conhecimento, à catarse e à diversão. (DICKIE, 2008)

No século XX surgem as belas artes, com destaque para a fotografia e o cinema, entre outras como os rádios e televisores. Nas produções do belo e da arte, a fotografia permitiu aperfeiçoamento das técnicas de pintura por possibilitar o registro dos detalhes que se queria reproduzir, como também por manter-se estática a imagem a ser reproduzida. “Uma foto não é apenas o resultado de um encontro entre um evento e um fotógrafo; tirar fotos é um evento em si mesmo, e dotado dos direitos mais categóricos- interferir, invadir ou ignorar, não importa o que estiver acontecendo” (SONTAG, 2004, p.21).

Nas primeiras décadas do século XX a arte fortaleceu sua relação com a tecnologia por meio da fotografia e do cinema. Em relação às possibilidades estéticas, tanto o cinema como a “literatura criaram rupturas ao seu modo de contar inventando temporalidades alineares e espacializadas”. (SANTAELLA, 2007, p. 35).

Com o advento da tecnologia, a arte mudou, como também mudou a forma de ver a arte. A fotografia possibilitou ver o mundo de outra forma, pelo olhar do outro. Já o cinema é o representante da convergência entre arte e comunicação, e sofreu influência tanto da literatura como da televisão. Outra forma de representar a arte, é pela vídeo-arte. A arte é híbrida, interativa. A contemporaneidade permite estabelecer a conversão entre arte e comunicação. Pensar em convergência entre artes e comunicações possibilita analisar o uso, a forma como cada pessoa pode fazer esta relação.

Com o surgimento da revolução industrial, do desenvolvimento do sistema capitalista e pela emergência de uma cultura urbana e consumista, houve alteração do contexto social, e conseqüentemente, das belas artes também. Desde então, nossa cultura foi perdendo a proeminência das “belas artes” e das “belas letras”, passando a ser dominada pelos

meios de comunicação. Neste contexto, as expressões “meios de massa” e “cultura de massa” denotam os sistemas de comunicação dominados pela proliferação das imagens. Como “meios de massa” referimo-nos às fotografias, ao cinema, à TV, às publicidades, jornais, revistas, CD, entre outros. As máquinas são representadas pelas câmeras, projetores, impressoras, quaisquer meios capazes de gravar, editar, replicar e disseminar imagens e informações. (SANTAELLA, 2005).

Buscamos abordar a importância da tecnologia para as artes como a fotografia e o cinema, em que a cultura de massa, a comunicação massiva, deu início à hibridização das formas de comunicação e de cultura. No século XIX, com a revolução industrial, surgiram as máquinas de produção de bens simbólicos, máquinas semióticas, como a fotografia, a prensa e o cinema. A cultura das mídias, “trata-se de dispositivos tecnológicos que, em oposição aos meios de massa- estes só abertos ao consumo -propiciou uma apropriação produtiva por parte do indivíduo”. Essa nova era originou as formas de arte tecnológicas, já iniciadas com as fotografias. (SANTAELLA, 2005)

As mídias facilitaram a popularização das artes. Com o surgimento da cultura digital, ou cibercultura, houve um maior incremento entre arte e comunicação.

fazendo uso da realidade virtual distribuída, do ciberespaço compartilhado, da comunicação não local, [...], dos sites colaborativos, [...], as artes digitais, também chamadas de “artes interativas”, desenvolvem-se nos mesmos ambientes que servem às comunicações [...] (SANTAELLA, 2005, p. 16)

O cinema, a fotografia e as mídias em geral contribuíram para a mudança no caráter geral da arte. A fotografia transformou, antes de tudo, os novos modos de ver, trazendo possibilidades de visualização que era impossível a olho nu, fazendo-nos pensar que o olhar é fruto de uma construção de pontos de vista físico e cultural “dependente da proximidade ou distância físicas e ideológicas que estabelecemos com os objetos percebidos”. (SANTAELLA, 2005, p. 22)

As imagens são produzidas por processos mentais que compõem o invisível aos nossos olhos, mas visíveis pela imaginação quando são descritas por alguém. Compõem e permanecem muitas vezes na memória. A imagem, embora não remeta sempre para o visível, empresta do visual alguns traços. Conforme ela é produzida ou reconhecida por alguém, seja pela produção imaginária ou concreta (JOLY, 1994). Ela pode ser representada pela fotografia, pintura, desenho, TV, cinema, computador, etc., e existe antes da existência da escrita. Os desenhos nas pedras na era antiga, nos remetem às imagens produzidas. “No

domínio da arte, com efeito, a noção de imagem está ligada essencialmente à representação visual: frescos e pinturas mas também iluminuras, ilustrações decorativas desenho, gravura, filmes, vídeo, fotografia e mesmo imagens compostas” (JOLY, 1994, p. 18).

A todo instante surgem novas imagens. A construção delas está atrelada às relações sócio-culturais que utilizam as representações imagéticas associadas às necessidades do dia a dia do homem. Imagens associadas ao lançamento de novos produtos, imagens para procurar atrair a atenção de novos consumidores. A imagem no ambiente virtual de aprendizagem. E nesse sentido, podemos pensar na importância dela para a construção do desenho didático proposto no AVA para potencializar o processo de ensino-aprendizagem, propiciando maior interação entre professor-aluno.

A imagem também pode ser representada verbalmente, por metáfora, por ser um “processo de expressão extremamente rico, inesperado, criativo e mesmo cognitivo, uma vez que a comparação de dois termos (explícita e implícita) estimula a imaginação e a descoberta de insuspeitos pontos comuns entre eles” (JOLY, 1994, p. 22). Desta forma, podemos pensar no uso da imagem pessoal, de ser imagem, para a construção do material didático e postagem no ambiente virtual de aprendizagem. Usar a expressividade, a voz e a interpretação para essa produção também é uma forma de trabalhar com a imagem.

Pensar na questão de “ser imagem” é importante para nosso trabalho, pois de acordo com o que viemos apresentando até o momento, nosso entrevistado constrói suas aulas seus materiais de trabalho a partir das produções realizadas pela sua imagem. Ele se constrói como professor usando a própria imagem para contribuir no processo de aprendizagem do aluno, processo de via dupla que também contribui para a sua construção como professor da EAD. A imagem também pode ser vista como “instrumento de comunicação, divindade, a imagem assemelha-se ou confunde-se com aquilo que ela representa. Visualmente imitadora, pode tanto enganar como educar. Reflexo, ela pode conduzir ao conhecimento”. (JOLY, 1994, p. 18)

Nesta perspectiva, podemos lembrar a importância da imagem para a produção das aulas da EAD. O professor pode beneficiar-se deste “instrumento de comunicação” (JOLY, 1994) para conter a atenção do aluno, buscando sua compreensão, seja por meio da identificação estabelecida com o professor, seja como construção do herói (BAKHTIN, 2000) na relação professor e aluno. Desta forma, o aluno idealiza o professor pela imagem visualizada nas vídeo-aulas, transformando-o no herói ator, no professor-ator. O uso do vídeo remete ao imaginário do ator, por não haver contato físico entre professor-ator.

Essa nova forma de olhar a partir de um instrumento tecnológico utilizado no cinema, pelas mídias, é o que medeia a construção de si do nosso entrevistado, pois representa um fator importante para a construção do professor da EAD por favorecer que ele utilize esses instrumentos como mediadores nos processos construtivos identitários servindo-se da própria imagem para as suas produções. São contribuições simbólicas mediadas por máquinas semióticas que produzem imagens ao mesmo tempo em que possibilitam o professor ser imagem.

As novas imagens ou imagens virtuais possibilitam transformar o real em virtual, permitindo a manipulação das mesmas. “Estas “novas” imagens são designadas também como imagens “virtuais”, na medida em que propõem mundos simulados, imaginários, ilusórios”. (JOLY, 1994, p. 26). A EAD favorece a produção de imagens virtuais em que o professor torna-se um personagem do imaginário do aluno por estar representado através das telas. Portanto, o professor utiliza as interfaces disponíveis pela tecnologia para produzir novas imagens, sejam elas, visuais, áudios, ou simulações de interpretações.

3.1 A imagem além da imagem

A imagem além da imagem compreende as produções que ultrapassam o visível, o concreto e que sofrem influências culturais, podendo produzir emoção ou prazer estético. Com o advento do cinema, a imagem fílmica, apesar de ser uma imagem em movimento, seu significado vai além disto. Deixou de ter o mesmo peso, de ser uma imagem parada, congelada, ela é singularmente abstrata, intocável e inacessível (SAMAIN, 2001). “duplamente *imaterial*, ela só toma “corpo” quando é *projetada* e quando é *refletida*. Podemos não gostar de um filme, e, até, rasgar a própria tela, mas nunca conseguiremos atingir a imagem fílmica. (SAMAIN, 2001, p. 55).

Com a chegada da televisão a imagem passou a ser uma representação puramente técnica devido à forma como é transmitida e recepcionada. Com o advento da tecnologia a representação da imagem foi muito além do que se conhecia. O processo de maquinização da imagem salta mais adiante, e o “real”, torna-se maquinal, “o objeto a ser representado faz parte da ordem das máquinas e fica gerado, constituído, nas entranhas dos programas nelas embutidos” (SAMAIN, 2001, p. 55). Essa imagem do “real” transposta para um “real virtual,” representando uma provável revolução do imaginário humano moderno. (SAMAIN, 2001).

Ver um filme possibilita uma *maneira* de ver e um *modo* de pensar que diferencia o cinema da fotografia. O “olhar” no filme, o assistir, leva o espectador a um fluxo temporal

contínuo por procurar seguir e entendê-lo. A fotografia possibilita um “mergulhar-se” na imagem, num congelamento do tempo do mundo e da memória. As imagens estão presentes em todos os meios de comunicação humanos desde a fala até a informática. A oralidade tem um papel importante para esta análise por poder representar o imaginário humano através de imagens. (SAMAIN, 2001).

As imagens produzidas pelas fotografias, vídeos ou filmes são imagens manifestas, por serem semelhantes ao que é representado. Podendo ser interpretadas de formas diferentes por outras. Isso pode estar relacionado ao significado que cada um dá ao que é percebido na visualização da imagem. Ela pode ser considerada uma mensagem visual composta por diferentes signos que equivale à linguagem e, portanto, como um instrumento de expressão “e comunicação”. (JOLY, 1994, p. 55)

Se buscarmos uma análise que responda à interpretação do signo e de suas particularidades, podemos destacar a análise semiótica da imagem. Esta permite seu modo de produção de sentido, considerando as possibilidades de interpretações (JOLY, 1994). Para compreender o significado desta análise da imagem, referenciaremos Peirce.

A semiótica, na perspectiva de Peirce, explica o signo como “algo que significa outra coisa para alguém, devido a qualquer relação e qualquer título”. “Essa coisa de que nos apercebemos significa algo diferente - é a particularidade essencial do signo: estar lá, presente para designar ou significar outra coisa ausente” (JOLY, 1994, p. 32). A imagem semiótica é constituída do significante, objeto ou referente, interpretante ou significado. O significado de uma imagem pode variar de acordo com o contexto, com a expectativa do receptor, com a cultura a qual está relacionada.

Buscando contextualizar a análise semiótica da imagem na EAD, percebemos que a atuação do professor nos vídeos produzidos por ele, nos permite intuir sobre essa forma de perceber o que ele está representando, cruzando o além do dito. Quando o professor transforma os textos literários em oralidade ele faz com que sejam criadas mentalmente, imagens do que está sendo falado e percebido pela interpretação do professor. Pressupomos que analisar a imagem juntamente com a transcrição das entrevistas nos possibilita perceber os ditos e não ditos pelo entrevistado. As expressões faciais, gestos, e entonação da voz, que em alguns momentos denotam picos em suas falas, possibilitaram outras formas de análise nas entrevistas narrativas.

Os estudos semióticos da imagem especificam os tipos de imagens, considerando que a palavra e a imagem deixaram de ser meios transparentes para a compreensão da realidade, passando a ser consideradas como problemas tão enigmáticos quanto à realidade

(LEITE, 2001). A partir do uso de imagens e palavras para a análise dos dados será possível uma maior amplitude na análise dos significados, pois “as palavras não conseguem evocar exatamente o significado das imagens” (LEITE, 2001, p. 44). Com isso o uso do vídeo nas entrevistas possibilitará uma maior amplitude de interpretação por representar a palavra pela mediação semiótica da imagem.

Com o advento do computador, surgiram novas possibilidades de produção e reprodução das imagens. A informática é um *dado*, um *fato* que se insere numa trama de relações sociais, tecnológicas, econômicas e institucionais, constitutivas da pós-modernidade, à qual, como sujeitos-observadores, pertencemos intrinsecamente. “A revolução tecnológica introduz não só uma quantidade enorme de novas máquinas, mas principalmente um novo modo de relação entre os processos simbólicos que constituem o cultural” (FREITAS, 2011, p. 20). É necessário que a cultura da aprendizagem tradicional e a cultura da aprendizagem tecnológica possam dialogar para favorecer a relação do professor com a tecnologia, evitando que este negligencie a necessidade de aprender a usar a tecnologia como também evite negar a importância da contribuição desta para o novo modelo educacional, seja em sala de aula ou à distância.

As tecnologias imagéticas são instrumentos mediadores utilizados como facilitadores para a construção do ser professor da EAD, pois possibilitam o desenvolvimento de suas atividades profissionais, facilitam e proporcionam a escolha de novos posicionamentos para a construção do ser professor. Agregar novos conhecimentos sobre educação, tecnologia e arte construídos dialogicamente pelas vozes que participam desses pensamentos, contribuem para a construção estética do ser professor da educação a distância.

3.2 Imagem e construção identitária via WWW

A construção identitária do nosso entrevistado decorre das produções escritas como poesias e poemas que são postados no seu blog pessoal, como também, a publicação de alguns vídeos produzidos por ele e postados no youtube. Sabemos que os blogs permitem postar textos, fotos, músicas e imagens. No entanto, nesta dissertação iremos referenciar o uso do blog no que diz respeito às publicações textuais. Na forma como a postagem de textos e poesias escritos pelo nosso entrevistado contribuem para a sua construção identitária. E consequentemente, a publicação destes textos é um componente que auxilia na construção virtual de si. Os blogs facilitam a construção identitária e a exposição de si que contribuem para a construção estética do nosso entrevistado.

É enorme a variedade dos estilos e assuntos tratados nos blogs de hoje em dia, embora sejam maioria os que seguem o modelo “confessional” do diário íntimo. Ou melhor: do diário éxtimo, de acordo com um trocadilho que procura dar conta dos paradoxos dessa novidade, que consiste em expor a própria intimidade nas vitrines globais da rede. (SIBILIA, 2008, p. 12-13).

Publicar textos, fotos e imagens previamente escolhidas e endereçadas ao outro como formas de auxiliar como se quer ser observado ou não, são fatores a serem pensados aqui como componentes para a construção identitária. Não nos ateremos ao blog como elemento da cibercultura. A imagem é uma categoria fundamental para compreender a sociedade contemporânea. Ela permite representar o real da vida cotidiana e o imaginário da mente de cada um. A fotografia e o cinema colocam a imagem em evidência, buscam reproduzir o imaginado, colocando em imagem o que pensamos. A imagem corresponde à interação da percepção e da representação humana (MARTINO, 2010). Já a internet para Sibilía (2008), possibilita que os usuários sejam protagonistas e produtores de conteúdo no que se refere às publicações no youtube, fóruns e grupos de notícias.

Entretanto, a escrita e a imagem compreendem formas de mediação das atividades humanas. A escrita demanda um código específico, enquanto a imagem pode ser compreendida de maneira diferente por representação.

a imagem conserva o passado vivo: pela primeira vez na história os relatos não são oralizados nem escritos, são registrados. [...] o imaginário fica povoado de imagens ‘reais’ que ocupam o lugar da imaginação do relato oral ou escrito: a narrativa da imagem, a princípio, não ‘representa’ a realidade, mas mostra, garantindo a veracidade de um fato [...] a câmera nunca se autofocaliza-, a imagem se afirma como a principal forma de representação contemporânea, convivendo com uma escrita com a qual ainda disputa espaço. (MARTINO, 2010, p.170)

A possibilidade de criação de novas imagens por meio de câmeras digitais e celulares permite registrar qualquer tipo de acontecimento. A postagem destas imagens em tempo real ou mesmo depois, cria uma nova cultura da imagem que se preocupa mais com a publicação destas do que com a contemplação da imagem. É uma nova postura de exibição de imagens de si na web. “Os *photoblogs*, assim como as imagens postadas em *blogs* e em *sites* como o Orkut, criam narrativas visuais a respeito do cotidiano dos autores”. (MARTINO, 2010, p.178). A publicação imediata possibilita que o fato e a narrativa visual do fato coincidam.

As imagens publicadas são essenciais para a construção da identidade. Por conta disso, é muito freqüente a publicação de imagens de si (*ego shots*). Cada fotografia pode, assim, permitir aos leitores perceber um dos aspectos da personalidade do

fotologueiro. Assim, uma foto com o cachorro, com os amigos ou mesmo com o CD favorito dizem muito sobre cada usuário. As imagens são constantemente acompanhadas em sua postagem por um texto. O texto também refere-se a uma construção de si, com letras de músicas, informações pessoais e mesmo elementos do dia a dia [...] (RECUERO, 2007, p. 5)

Essa mediatização de si transforma a forma de vermos e ser construída a identidade. Se antes ela era vista como íntima, hoje torna-se mediatizada pela visibilidade que alcança. “A exposição digital do ‘eu’, seja em um blog ou fotolog, está direcionada para um ‘outro’ virtual que pode ser, a princípio, qualquer pessoa” (MARTINO, 2010, p. 180). O que será publicado, tornado público, passa a representar uma intimidade para ser vista. Os blogs representam espaços de subjetividades compartilhadas, da mesma forma como são feitos com os textos e fotos na web. Nos blogs o autor compartilha imagens, sejam textuais ou visuais que representam um pouco de si, ou a visão que ele quer que tenham de si. Há a possibilidade da construção de si no sentido de uma invenção da identidade.

Todas as cenas da vida privada, representadas nos blogs, fotologs, redes de relacionamentos, webcams e vídeo caseiros, representam infinitudes de versões de você e eu, (SIBILIA, 2008), “mostram a vida de seus autores ou são obras de artes produzidas pelos artistas da era digital? É possível que sejam, ao mesmo tempo, vidas e obras? Ou talvez se trate de algo completamente novo [...] (SIBILIA, 2008, p. 28)

Não importa qual seja a ferramenta utilizada pelo usuário para publicar-se na internet. A todo momento surgem novas redes sociais, programas de publicação de fotos, vídeos, entre outros. O que estamos discutindo é o uso destas ferramentas como contribuintes para a construção identitária do professor. De que forma ele se constrói como professor interagindo no uso destas inúmeras tecnologias que medeiam a construção de si.

O uso das tecnologias como instrumentos pertencentes à vida humana, de forma a ser pensada como uma extensão de si, possibilita o surgimento de uma nova perspectiva de construção identitária, por considerar o humano como um pós-humano. Pensamos o pós-humano no sentido das transformações que ele sofre na constituição de si. A perspectiva de uma identidade pós-humana pode ser vista pelas novas formas de relação com as tecnologias que alteram as percepções da realidade, as dinâmicas das interações humanas e as relações com o meio. (MARTINO, 2010)

As novas formas de constituição do “eu” e do “outro,” com o uso das tecnologias, nos permite compreender que há uma nova configuração de identidade. O acesso a novos signos que fluem pelo ciberespaço, as novas formas de pensar e ver o mundo permitem essas

ressignificações. “A internet permitiu recriar-se a si mesmo, encontrar identidades novas e, literalmente, desenvolver uma versão 2.0 de si mesmo” (MARTINO, 2010, p.173).

O uso das tecnologias para a construção das vídeo-aulas, possibilita ressignificar as formas de apresentar a literatura aos alunos. Palavras exibidas em vídeos com imagens, músicas, sons, formam o que conhecemos por vídeo-poema, que pode ser visto como fusão entre poesia e vídeo, como poesia digital. [...] “há um deslocamento da poesia, de sua forma canônica de veiculação - o livro - assim como o vídeo perde seu caráter de produto acabado, pois está aberto a interpretações” (FRAGA, 2004, p.1-2). Poesia visual, vídeo-poesia, poesia em imagem são algumas denominações também utilizadas para o videopoema. Eles são produzidos e disponibilizados na web, podendo ou não, serem produzidos por poetas.

Assim, os videopoemas, além de possuírem características técnicas diferentes, também abrangem desde a arte abstrata até a expressão singela e ingênua com palavras, sons e imagens das pessoas comuns (teoricamente não-poetas). [...] possui muito da ludicidade do poema tradicional com as palavras e do movimento icônico do *videoclip*musical. (LIMA, 2008, p.7)

A escolha das imagens, das cores e da música necessita do uso da criatividade. O vídeo-poema permite interatividade hipertextual quando publicado no youtube e em blogs. Por isso, “o design da página, a interação texto-imagem-som (se houver), os efeitos especiais” são importantes. (LIMA, 2008, p.9)

Já o vídeo-poeta,

recriará seu texto com os recursos digitais do computador e será seu próprio editor e distribuidor[...] pois lançará o seu trabalho na rede, o qual será exposto em uma grande livreria/vitrine eletrônica. [...] ele interage com seus leitores virtuais, através da comunicação eletrônica. [...] agregando ao seu trabalho elementos do espetáculo, do show, da performance, isto é, elementos da corporeidade. (LIMA, 2008, p.4)

A identidade na era das mídias permite articulá-la com as relações entre pessoas e os meios de comunicação. As mídias têm se tornado elementos constitutivos da identidade, pois favorecem os mecanismos de identificação com o outro, com novas ideias, enfim, com outras culturas. O uso das mídias tecnológicas permite ultrapassar as fronteiras culturais e sociais. As redes sociais, os blogs, os fotologs admitem dialogar com o imaginário. A relação com o “outro” permeia essa fronteira do real para o virtual, permite que o “eu” e o “outro” tornem-se imaginados, desenvolvam características identitárias muitas vezes presentes apenas na imaginação. Essas interfaces midiáticas medeiam a construção da identidade inserindo-as em novos grupos e comunidades.

A construção identitária, os ambientes virtuais de aprendizagem presentes na educação a distância, também podem ser vistos como contribuintes para o desenvolvimento do aluno e do professor quando passam a utilizá-los na construção do conhecimento, mediando essa relação dialética professor-aluno.

a internet e os outros dispositivos de comunicação virtual alteram a realidade das pessoas criando uma espécie de suplemento à própria ideia do real. [...] E, ao mesmo tempo, a facilidade de contato e comunicação provida pelas redes de computadores alteram igualmente a vida fora da tela- não existem barreiras entre as relações sociais, reais e as relações virtuais [...] (MARTINO, 2010, p. 156)

O uso de tecnologias de comunicação recria as percepções e sensações estéticas. E essas percepções, ou seja, a estética da comunicação interfere na mente humana (MARTINO, 2010). Refletir sobre essas interferências nos faz observar que além de contribuírem na construção da identidade também alteram as formas de ensinar e aprender.

Uma das formas de perceber o processo de interação social é a partir das redes sociais. Elas podem ser representadas por redes de relacionamentos como facebook, Orkut, twitter; por redes profissionais como linkedin, dentre outras. Essas redes têm se tornado cada vez mais importantes na sociedade, pois compartilham informações, conhecimentos e interesses em comum. Elas podem unir as pessoas por um objetivo em comum, quando participam de uma comunidade no facebook ou no Orkut, por exemplo, ou compartilhar ideias, pensamentos, fotos e comentários de forma pública por meio de blogs com pessoas conhecidas ou não.

As redes sociais possibilitam uma nova forma de relação entre as pessoas, apresentando um novo jeito de escrita de si mesmo por meio de postagens no facebook ou nos blogs. Sair da escrita manuscrita para a online, altera também a maneira como se cria, e surgem novas ferramentas que possibilitam expressar essas criações. Essa mudança não representa apenas uma transposição de uma escrita para outra, mas possibilita novas formas de comunicação e constituição de identidades. “*Blogs* não são apenas a transposição de uma escrita tradicional para o ambiente da internet, mas o espaço para a geração de possibilidades múltiplas de novas formas de comunicação e constituição de identidades textuais”. (MARTINO, 2010, p. 176)

O uso das tecnologias altera as relações humanas em relação ao meio social e a sua percepção como ser humano. As mediações tecnológicas alteram as relações pessoais e a identidade. (MARTINO, 2010). Podemos dizer que essas mudanças no jeito de ser e de se perceber a partir do uso das mídias e de seus posicionamentos contribuem para a construção

da identidade do professor da EAD. As identidades construídas a partir da cultura das mídias chegam a influenciar diretamente o comportamento das pessoas. A identificação com determinada comunidade não compreende apenas manifestar uma preferência estética, mas também definir pontos de vista e um olhar específico. Diferentes mídias podem interferir de maneira diferente sobre a percepção, sobre a estética do indivíduo.

4. ATO: JUAN, UM ESTUDO DE CASO

4.1 CENA 1: análise dos resultados da primeira entrevista

O ser professor da EAD é construído pelas tessituras que envolvem a construção de si pela sua trajetória acadêmica como aluno, como profissional presencial e à distância, pelos repertórios culturais construídos ao longo da vida o que contribuem para constituir-se, dialogicamente, como professor presencial antes e depois de ensinar na EAD. Estas características colaboram na construção deste professor possibilitando “identificar e descrever a construção identitária do professor da educação a distância a partir de seus posicionamentos mediados pelo uso de tecnologias imagéticas”, como previsto no objetivo específico.

Neste capítulo, apresentamos a construção dos resultados realizados a partir da análise temática dialógica (BRAUN E CLARKE, 2006) dos temas e subtemas identificados nas transcrições das entrevistas, onde foi possível identificarmos os significados recorrentes nas falas do entrevistado. Esses significados compõem os temas que são apresentados a seguir, “esse método de negociação e renegociação de significados através da mediação da interpretação narrativa é, parece-me, uma das realizações máximas do desenvolvimento humano” (BRUNER,1990). A primeira parte desta análise será denominada de CENA 1, e refere-se à primeira entrevista narrativa realizada com o professor da EAD de uma instituição de ensino superior e particular. O nosso entrevistado será chamado de Juan².

4.1.1 Mapa Semiótico de significados da primeira entrevista

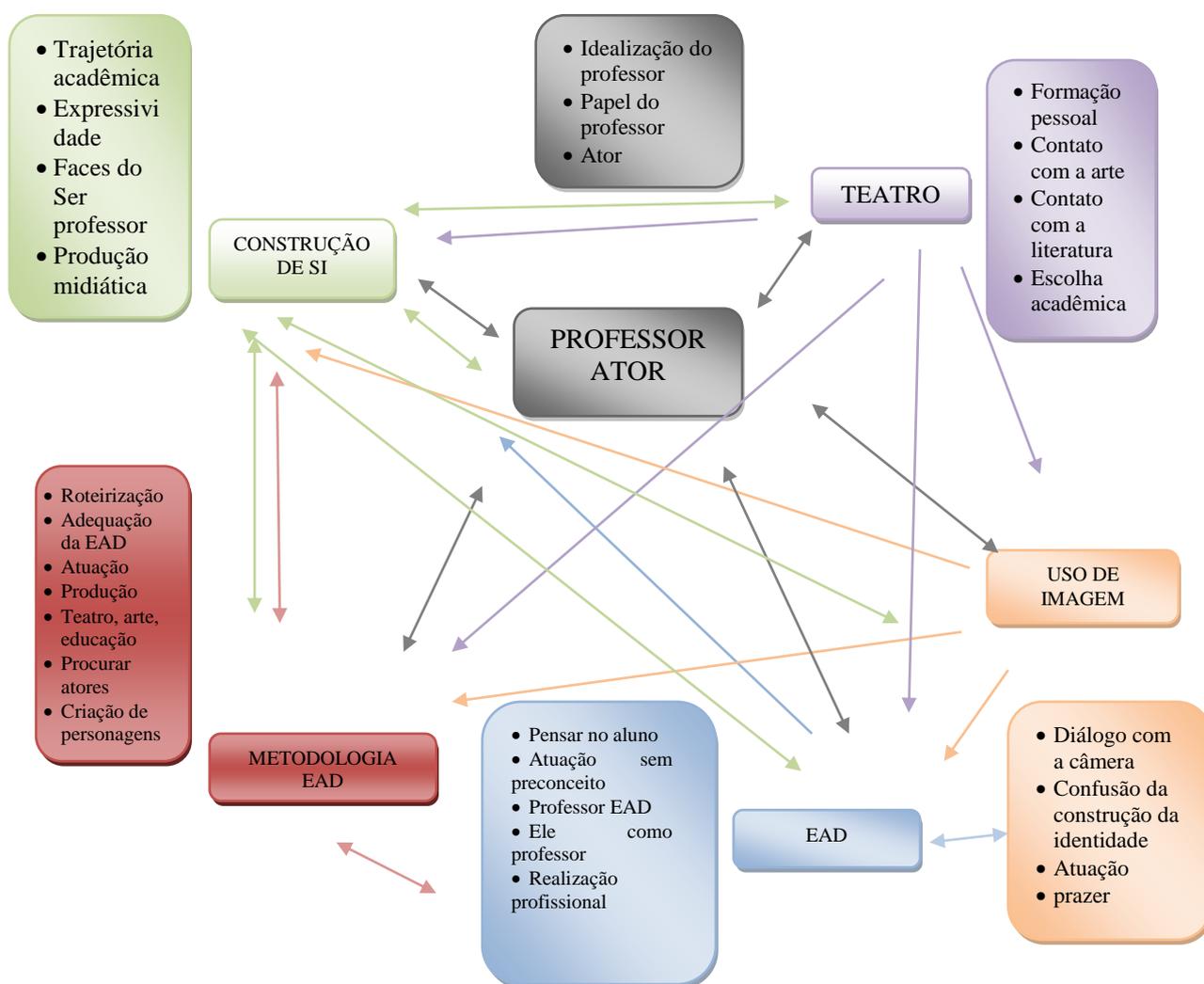
Juan possui Graduação em Letras Português - Espanhol (2004) e Mestrado em Letras, História da Literatura, (2007), nas áreas de Teoria da Literatura, Literatura de Língua Portuguesa e Língua Espanhola. Atua em educação a distância na produção de material didático impresso, aulas via satélite e outras mídias digitais. Possui experiência com produção de audiovisual, formulação de roteiros para mídias digitais, idealizados pedagogicamente para

² Utilizamos um nome fictício a fim de preservar a identidade do professor entrevistado

as diversas disciplinas as quais atua. Pesquisa sobre a natureza da literatura digital, a vídeo-poesia: performance³ como linguagem.

Primeiramente, apresentamos o mapa semiótico construído a partir da transcrição da primeira entrevista narrativa. Esta divisão temática possibilitou a identificação dos seis (6) significados descritos e analisados a seguir. É uma divisão apenas didática, pois o dialogismo (BAKHTIN, 2000) nos permite perceber que eles se encontram presentes em mais de um lugar, contribuindo na construção dos outros significados que auxiliam na construção do ser professor da EAD.

Mapa Semiótico de significados da primeira entrevista



³ Rubrica: teatro. “espetáculo em que o artista atua com inteira liberdade e por conta própria, interpretando papel ou criações de sua própria autoria”. (HOUAISS, 2004)

O tema “Construção de Si” compreende os significados que colaboram para a construção do ser professor. Percebemos que a trajetória acadêmica tem grande representatividade para essa construção do ser professor da educação presencial até chegar à EAD. A facilidade que ele possui para expressar-se oportuniza utilizar sua voz e imagem para a produção midiática dos materiais de aula da EAD. A construção de si é tecida pelas contribuições do teatro, do uso da imagem para as produções da EAD, e que compõe a metodologia utilizada na educação a distância, em que juntas compõe o professor-ator.

Os significados compreendidos pelo tema “Teatro” permanecem em constante diálogo com os outros temas. O teatro contribui de forma importante para a construção do professor-ator.

O uso da imagem representa dois aspectos importantes para análise. Primeiro como o uso da imagem pessoal para as produções midiáticas, e a segunda com a importância dos instrumentos midiáticos para a divulgação dos materiais construídos com estas tecnologias imagéticas.

O significado EAD está em constante diálogo com os demais temas. Utilizando-se deles para se construir, e colaborando para a construção de si e do professor-ator. A Metodologia da EAD contém os significados que colaboram para a construção da EAD, para construção de Si e do professor-ator. Os significados da EAD e da Metodologia da EAD estão bem próximos dos significados encontrados nos dois temas.

O professor-ator é constituído pela construção de si, teatro, pela metodologia EAD, EAD e pelo uso de imagem, que se inter cruzam numa relação dialógica, que num ir e vir contribuem para a construção do ser professor da EAD.

Construção de Si, construção do ser professor

Segundo a narrativa de Juan traçamos um pequeno histórico de sua vida acadêmica. Iniciou sua trajetória acadêmica numa instituição de ensino superior federal quando escolheu cursar a graduação em Letras. Desejava ser professor de espanhol porque já falava esta segunda língua desde criança. Na adolescência fez curso de teatro, o que o possibilitou ter contato com a arte e a literatura. O conhecimento do teatro e o contato com a literatura são significados que estão interligados ao self pessoal, profissional, enfim ao social como significados importantes na construção do ser professor.

No decorrer da sua trajetória fez mestrado em história da literatura que, de acordo com sua fala, contribuiu para fazê-lo “pensar intelectualmente” (entrevistado Juan). Esses

aprendizados e experiências de vida possibilitaram que ele contribuísse profissionalmente na instituição onde trabalha.

Mas enfim, aí eu me formei no curso de letras né, e entrei então pra pensar a literatura, entrei pro mestrado em história da literatura na mesma instituição. Foi muito bom, muito bom, houve um crescimento no pensar, intelectualmente, a questão da história da literatura, e ver como isso acontece né. Aí eu vejo que mudanças no mundo acadêmico, que às vezes eu via lá no mestrado... (entrevistado Juan)

Percebemos, neste trecho, como o Juan foi construindo sua trajetória acadêmica. As vozes da infância representadas pelas escolhas em fazer teatro e do curso de graduação, contribuíram para a sua construção profissional. Identificamos uma polifonia composta por suas escolhas e posicionamentos sociais construídos pelas circularidades, (BAKHTIN, 1981), ao longo da sua trajetória acadêmica.

No decorrer da sua experiência como professor preocupava-se com o processo de formação de professores de licenciatura, e ao mesmo tempo inquietava-se com a pesquisa. A seu ver, a pedagogia estava mais relacionada ao afeto, a questões emocionais, enquanto a pesquisa desenvolvia-se de maneira mais rígida. A preocupação com estas posições (HARRÉ, 1986), são compreendidas pelos posicionamentos no transcorrer da sua trajetória.

Às vezes eu penso, assim sobre alguns conceitos que são tratados na pedagogia e que falam a respeito de afeto. Digamos que eu sempre tive muita crítica a respeito dessa coisa que às vezes falam pejorativamente nos meios acadêmicos, como pedagogia do afeto. E às vezes eu entro nesse viés na sala de aula, de pensar a questão do processo de formação de professores, até porque eu trabalho em curso de licenciatura e não bacharelado. Então, a gente fica nesse processo pendular de pensar o processo de pesquisa, mas também essa coisa da formação do professor, né. E aí, quando eu penso nessa coisa do afeto assim, numa sala de aula, às vezes eu acho que isso atrapalha um pouco né. Porque, eu acho que verdadeiramente quando você traz o conhecimento de uma forma endurecida, para o sujeito que está no processo de aprendizagem a pensar cientificamente, você dá liberdade para ele agir, construir a sua trajetória. (entrevistado Juan)

Em sua fala, nosso entrevistado demonstrou que faz distinção entre emoção e razão. Para ele, esses sentimentos devem ser separados, pois acredita que o resultado desta separação influenciará na qualidade da formação do profissional. Ao mesmo tempo percebemos que a construção do ser professor da EAD é permeada pelo enlace entre emoção e razão na sua forma de atuar, no uso da arte dramática, e quando ele se preocupa com a formação profissional dos seus alunos. A fala possibilita circular num ir e vir de pensamentos

que se contradizem, complementam e contribuem para a construção do ser professor, do seu self dialógico (HERMANS, 2001).

Quando Juan nos relatou sobre seu posicionamento como professor presencial antes de trabalhar na EAD, narrou sobre as mudanças no seu jeito de ser professor que foram construídas pelas relações dialógicas professor-aluno. São dois momentos em que ele se constrói com professor no presencial, o antes e o depois de se tornar professor da EAD. As experiências com a educação a distância permitem que ele utilize sua expressividade e performance para se construir como professor, seja na EAD ou no presencial. Essas posições dialógicas construídas no seu percurso profissional contribuem para a sua formação como professor e produção literária.

Antes eu tinha, digamos assim, um certo receio, né. Quando eu comecei a dar aula no ensino superior, eu era um daqueles professores que tinha um texto na minha mão e ficava horas e horas, e horas às vezes sentado, às vezes de pé, falando sobre aquele texto, uma espécie de discurso monocórtico [...] (entrevistado Juan)

No decurso de sua experiência profissional Juan percebeu a oportunidade de mostrar o material produzido para a EAD para os alunos do presencial. O conteúdo contextualizado é o mesmo do presencial, e a receptividade e interesse dos alunos do presencial, em conhecer suas produções, é gratificante para o entrevistado.

[...] no final eu sempre trazia um vídeo pra eles verem da educação a distancia. Eu levava pra aula de educação presencial e mostrava, por que aí ficava pensando: por que eu não vou levar esses vídeos que eu faço? [...] então eu levo outra face da educação que não é presencial, levo pra lá também e eles já pedem: “professor, trouxe outro pra gente ver? Às vezes levo uns muito específicos, contextualizados, por exemplo, no seminário que está sendo apresentado [...] (entrevistado Juan)

Neste momento percebemos a dialogicidade na construção do ser professor. Os posicionamentos assumidos na relação professor-aluno são mediados pela sua produção, são constituídos semioticamente e atribuídos às suas experiências de ser. A construção de si permeia o campo pessoal que se entrelaça com o campo profissional. Isso exemplifica que nos tornamos quem somos através do outro, é o outro que nos constrói a cada encontro. É na relação de alteridade que o outro pode dar acabamento ao que nós somos ou representamos (BAKHTIN, 1995, 2000)

Hoje em dia eu trabalho, predominantemente, por causa dessa predisposição ao trabalho didático um pouco mais performático que a educação a distância me ajudou muitíssimo a perceber, que isso, essa forma, essa outra forma de pensar a educação, com uma certa expressividade, é algo que (tripudia) no meio acadêmico. Antes eu tinha, digamos assim, um certo receio, né. (entrevistado Juan)

A EAD possibilitou outra forma de pensar a educação e trabalhar a sua expressividade, que a seu ver, era uma característica pessoal repudiada pelo meio acadêmico. É um repúdio que vai contra ao que propõe a Nova LDB.

A Nova LDB fixa em relação aos Profissionais da Educação diversas normas orientadoras (CARVALHO, 1998). Essa formação profissional que segundo a Lei 9394, art. 61, parágrafo único, II e III, descreve que “a associação entre teorias e práticas, inclusive mediante capacitação em serviço” e “o aproveitamento da formação e experiências anteriores”, adquiridas, estas, não só em instituições de ensino, mas também em “outras atividades”. Essas mudanças possibilitam que o professor esteja em constante aperfeiçoamento (LIBÂNEO, 1994) buscando novas experiências para serem agregadas a sua formação profissional.

A experiência do teatro

O teatro retrata uma grande contribuição para a formação profissional e construção do ser professor Juan. Desde os seus quinze anos participava do teatro da escola e, logo em seguida, foi descoberto por um grupo de teatro da cidade. O teatro lhe possibilitou o contato com a arte, com a literatura, e o ajudou a lidar com questões pessoais decorrentes das diferentes formas de ser. Também contribuiu para auxiliá-lo na escolha acadêmica.

Aí assim, quando você trabalha com teatro, você começa o contato com arte, você pensa em arte o tempo inteiro, e, pra mim que era um adolescente que tinha dificuldade de lidar com umas estruturas assim, de pensar o mundo que é própria do momento, né? O teatro me ajudou a me inserir no grupo que acho que era uma dificuldade que eu tinha. Então, esse contato com a literatura foi muito significativo pra mim em termos de pensar essa coisa da imaginação etc. (entrevistado Juan)

Neste momento da análise, podemos refletir sobre a importância da estética para a construção do professor da EAD no que se refere à estética de si, como personagem das suas produções. Também percebermos a importância da educação estética (VIGOTSKI, 1998) na oralização da literatura, nas encenações e produções literárias em que o teatro contribuiu para a construção de si do Juan. Ora como professor, ora como ator, constituindo-se como

professor-ator. (BORGES, VERSUTI, PIOVESAN, 2012). Para Bruner (1990, p. 116), “o si mesmo não é, pois, uma coisa estática ou uma substância, mas uma configuração de eventos pessoais numa unidade histórica que inclui não só o que fomos, mas também antecipações do que seremos”.

Usar a arte para a produção dos vídeos que ele utiliza na EAD contribui para a construção estética de si. Elaborar suas produções de aula pensando no processo teatral permite que ele invente novas formas de ser professor, buscando outros meios de trabalhar os conteúdos acadêmicos.

Quando Aristóteles lança a ideia do das reflexões a respeito da arte dramática, né, ele fala a respeito da ideia da catarse, que quando você usa, pensa, da ideia de emocionar você tem o público em suas mãos. (entrevistado Juan)

Juan descreve quais são os efeitos das técnicas teatrais como a empatia, catarse, peripécia, ethos, dianóia, harmatia, sobre o público teatral, e as utiliza na EAD. Ele sabe como fazer uso da empatia para ganhar a simpatia do aluno. Usa a catarse para atingir o objetivo da aula, consegue realizar seu papel como professor buscando segurar a atenção dos alunos da melhor forma através de sua performance de ator.

Elaborar suas produções de aula pensando no processo teatral permite que ele invente novas formas de ser professor, buscando outras formas de trabalhar os conteúdos. Ele faz isso quando usa sua “expressividade latente” (entrevistado Juan) que tem para criar as vídeo-aulas. Para Vigotski (1998), analisar as relações entre sentimento, emoção, fantasia e imaginação do ator possibilita compreender os processos de controle emocional.

De acordo com o nosso entrevistado, nas vídeo-aulas ele trabalha os conteúdos programáticos muitas vezes de forma mais descontraída, criando histórias e situações para representar o que está nos textos literários escritos, transformando-os em oralidade. Nessas produções ele é o ator, que muitas vezes representa o personagem que ele criou. Também têm produções em que ele busca outras pessoas para atuarem nos vídeos, mas ele sempre participa de alguma forma nestas produções, como diretor e produtor do vídeo.

Uso da imagem

Juan utiliza sua imagem e de outros atores para compor suas produções com criatividade e imaginação. Nosso entrevistado nos mostra, através do uso das tecnologias imagéticas, a construção do seu conhecimento iniciado com o teatro e aprimorado com o

cinema, com os estudos de roteirização. Ele consegue ultrapassar os limites do teatro em que há limitação espacial e temporal do local, do olhar, passando a gravar vídeos em ambientes externos, utilizando montagens, sobreposições, direcionando o olhar do espectador aluno, utilizando outras soluções e artifícios para estas produções que vão além do uso das tecnologias como instrumentos de trabalho, mas usando toda a sua expressividade como ser humano, como artista, que transcende os conhecimentos apreendidos nos cursos de especializações oferecidos pela instituição.

Isso contribui para a construção de si em uma perspectiva do self dialógico (HERMANS, KEMPEN E VAN LOON, 1992), em que a partir das suas escolhas, dos posicionamentos assumidos para a construção das suas aulas na produção das atividades, ele busca desenvolver novas habilidades procurando aperfeiçoar cada vez mais seus conhecimentos em relação ao uso dos instrumentos midiáticos que são disponibilizados pela instituição.

Um ponto interessante percebido na fala do professor participante é o diálogo que ele trava com a câmera, não no sentido de ver a imagem produzida pela filmagem do professor sentado, expondo o conteúdo, mas no sentido em que ele detém o controle da câmera para criar as imagens que ele deseja que sejam vistas pelos outros. Ele direciona a câmera para o ponto que deseja durante as vídeo-aulas, e faz suas atuações da forma que ele quer, no momento que deseja. Essa forma de lidar com o instrumento imagético propicia uma nova maneira de se ver a imagem do ser professor.

[...] lembra daquele momento que mostrei, pra você especificamente, (sim) eu disse: “oh, aqui começou a atuação. Eu tô esperando, eu tô experimentando a câmera, eu tô com o controle da câmera na minha mão, e que eu chego lá eu invento: “vou fazer isso, aquilo”. Mas não. Eu chego lá na hora e, tipo assim: “ó”, eu digo assim 10 minutos antes, eu vou entrar, mas quero o controle, porque o controle tem os botõezinhos que determinam o enquadramento assim, assim, assim. “Aí eu memorizo 3 só, só três porque não dá pra memorizar seis na hora, mais todos os conteúdos que eu tenho que trabalhar na hora, mais isso, aquilo, né e aí, eu começo de uma maneira muito específica que tem um caráter simbólico sendo trabalhado ali não é, [...] (entrevistado Juan)

Ao elaborar suas aulas, percebemos que o nosso entrevistado vai além do uso simples do enquadramento, e ousa nas preparações de seus vídeos. Ele define o ângulo que será filmado. “A filmagem pode ser frontal em relação ao eixo horizontal e vertical do sujeito filmado; ou o ângulo pode ser considerado de cima para baixo ou da direita para a esquerda” (COSTA, 1989, p. 181).

Esse diálogo com a câmera permite construir a imagem que deseja que seja visualizada no momento da atuação, como também constrói a si mesmo como Juan. Ele utiliza técnicas do teatro para a encenação, do cinema e a tecnologia para estas produções que contribuem para a construção de si.

Entretanto, todas essas possibilidades que a EAD proporciona ao professor Juan, também cria uma confusão na construção da sua identidade como professor.

[...] quando a gente tá olhando pra câmera, assim ó. É a gente e a câmera, é mais fácil de lidar [...]. Acho que essa forma de desabafo é porque há certa confusão mesmo, de se pensar como professor ainda nessa modalidade (entrevistado Juan).

Mesmo ele tendo iniciado sua carreira profissional no teatro, ou talvez por ele ter sido iniciado na arte, geram dúvidas identitárias em certos momentos da sua fala, “como é essa confusão aí, de como é essa construção de identidade do sujeito que tá lá no momento da atuação”. (entrevistado Juan). Apesar de Juan conhecer os processos de construção de personagens, isso causa conflito na hora de separar quando é ele, quando é o personagem, porque o personagem ao ser criado assume características pessoais do ator.

A identidade de Juan é construída em um espaço semiótico onde “A identidade [...] é formada na intersecção de inúmeros fatores, às vezes paralelos, às vezes contrários, dentro de tempos de duração variável. É um processo contínuo no qual oportunidades de escolha se alteram com obrigações sociais ou determinações psíquicas” (MARTINO, 2008, p. 13).

Assumir novos papéis, novos posicionamentos para a construção do professor, representa desenvolver novas habilidades que passam a compor a identidade deste profissional, e ele se constrói com novos conhecimentos que vão além do que é necessário para preparar a aula a ser ministrada nas vídeo-aulas, mas que compõe sua identidade real e virtual.

Metodologia da EAD usada por Juan

Em metodologia da EAD buscamos enumerar os significados que percebemos que colaboram para a construção das aulas. A educação a distância possibilita que o professor use os instrumentos (VIGOTSKI, 2008; LEONTIEV, 1978) tecnológicos para a elaboração das suas vídeo-aulas, gravação de podcasts ou quaisquer outras atividades para serem postadas no AVA. Como também, permite que ele utilize estes instrumentos para produzir vídeos a partir

da sua imagem, atuando nos vídeos, nos vídeo-poemas e usando sua voz na criação dos podcasts.

Também ocorre a criação do personagem nas produções de podcasts (1). São vozes de personagens criados que representam cada situação especificada. Como é o caso do velhinho.

O, tem esse velho que às vezes fica um velhinho assim. O, tem o narrador do Dom Quixote que não é velhinho assim. Tu viu a diferença que é? Que eu faço uma introdução, agora vou ler o fragmento, agora vou ler, vou fazer aquilo, vou dar pra você, porque tem uma preparação vocal pra você fazer, não fica legal eu fazer aqui, aí ó, leio o fragmento e depois faço o personagem, e funciona (entrevistado Juan)

No episódio (1), Juan enuncia que cria personagens a partir de vozes que faz para a usa interpretação. A criação dos personagens é uma característica artística de Juan. Isso faz com que o acesso aos materiais postados no AVA sejam mais interativos, desperte mais atenção do aluno que precisa acessá-los fora do horário das vídeo-aulas. A temporalidade e a espacialidade em que ele acessará essas produções representa o “Cronotopo do acontecimento representado, cronotopo do narrador e cronotopo do autor (da última instância). Espaço real e espaço ideal nas artes plásticas” (BAKHTIN, 1997, p. 373). Cronotopos diferentes de quem pergunta e de quem responde, e universos diferentes do sentido (*eu e o outro*). A pergunta e a resposta do ponto de vista da *terceira* consciência e do seu universo “neutro” onde tudo se despersonaliza inevitavelmente, onde tudo é *intercambiável*. . (BAKHTIN, 1997, p. 412-413)

eu uso da voz, você vai ver nos podcasts eu uso da voz. Só não vou fazer agora de frente da câmera, eu vou dar os arquivos de áudio [...] esse velho já leu o Dom Quixote, mas esse velho apareceu bem cá, bem velhinho assim conversando com uma outra professora que ele fazia de conta que era um médico, entendeu? [...](entrevistado Juan)

Essas produções permitem novas formas de se relacionar com o aluno. Ele busca despertar maior interesse do mesmo pelos conteúdos trabalhados, procurando construir inteligências coletivas (LEVY, 2007), com a intenção de criar outras formas de estabelecer essa relação professor-aluno.

Na relação Autor X Herói, descrito por Bakhtin (2000), podemos reescrever relacionando professor x personagem. O autor é quem escreve a obra e cria os personagens. O herói representa o personagem. Direcionando esse pensamento para as produções do Juan, relacionamos o autor com o professor e o herói como os personagens criados pelo professor, que são interpretados por ele quando está gravando seus vídeos, recitando, encenando ou

oralizando um texto literário. Essa dialogicidade, Bakhtin (2000), vivenciada pelo professor x personagem compreende este ponto da análise que foi citado acima.

Conhecer o funcionamento da EAD da instituição que trabalha, possibilita ao professor escolher a forma como deseja elaborar suas aulas. Ele dispõe de uma equipe técnica para que as vídeo-aulas sejam produzidas, onde cada um é responsável por uma função característica da EAD. Não é preciso que o professor domine vários conhecimentos técnicos de produção para que elabore suas aulas, mas, precisa usar a criatividade para criar as vídeo-aulas estando consciente que terá uma equipe para lhe auxiliar. Em alguns vídeos a encenação é mais elaborada no sentido de utilização de uma equipe maior, outros atores para a produção.

No entanto, como escolha feita por nosso entrevistado, ele buscou conhecer, estudar roteirização de cinema para dialogar com os diretores que trabalham nas produções. Essa busca por conhecimento faz com que, ao mesmo tempo, ele entenda como é esse processo de adequação à EAD.

[...] eu tô roteirizando, eu tô entendo agora de estrutura de roteiro cinematográfico. Tá, eu entrei na educação a distância, e eu pensava, com o diretor e a diretora, o que nós íamos gravar, mas eu não escrevia roteiros. Até que eu comecei a me tornar viciado em roteiro de cinema. Comecei a ler, devorar, milhares de livros, comecei a entender a estrutura, comecei a pensar nisso. Aí comprei mais bibliografias a respeito de estrutura de roteiro né, e penso nesse processo de adequação de questões da educação a distância e aí aparece esse professor lá que tá atuando e [...] (entrevistado Juan)

Percebemos que o conhecimento da história do teatro e de seu funcionamento como profissional desta área possibilita que ele se utilize de seus artifícios para a produção de seus vídeos. Como também, após iniciar os estudos sobre roteiros de cinema, ele percebeu que a junção destas duas artes, cinema-teatro, auxilia, na produção das suas aulas para a educação a distância.

[...] e aí, às vezes a minha orientadora de mestrado, era minha amiga mas muito severa, sabia muito bem separar as coisas. Não passava a mão na minha cabeça, não. Exigia algumas coisas e, ela vendo essa minha expressividade toda porque eu continuava, às vezes trabalhando com teatro, ela perguntava: “ E você não quer continuar trabalhando com teatro , com arte? Isso tá latejando dentro de você, então tente conciliar essas coisas, continue, né, e parece que aqui há essa possibilidade de construção destes vídeos, de atuação , tô com outros projetos aí, construção de outros vídeos, de outras formas, ando catando atores, buscando atores, porque senão é só eu atuando não dá né. Então to querendo achar outras pessoas. (entrevistado Juan)

A EAD proporcionou ao nosso professor entrevistado conciliar o teatro e a profissão de professor, e buscar novos conhecimentos em outras áreas. E hoje, permite que ele procure outras formas de produção, outras pessoas para atuar em seus vídeos. Isso faz com que ele crie novos papéis e novos personagens para seus vídeos.

Significados da EAD

O tema EAD é composto por vários significados que contribuem para a construção do ser professor. A atividade na EAD possibilitou a Juan que realize seu trabalho didático de forma performática, em que ele possa atuar, realizar-se profissionalmente o que permitiu que descrevesse como ele é professor durante a entrevista realizada.

A educação a distância nos permite refletir sobre os dois métodos de ensino, o presencial e à distância. A educação a distância possui algumas singularidades que fazem o professor refletir sobre seu papel. Se nos referirmos à educação de um modo amplo, pensaremos em leitura e escrita como pontos chaves para o processo de aprendizagem e construção de conhecimento.

Um grande diferencial da educação a distância e da presencial é que na EAD utiliza-se muito a leitura e a escrita do aluno durante a graduação. Então, podemos pensar na questão do letramento e letramento digital. O aluno que vai para a educação a distância necessita ter habilidade de leitura, interpretação e pensamento crítico desenvolvidos. São fatores importantes que auxiliarão na sua adaptação ao sistema de leitura digital. Isso não quer dizer que ele não desenvolva a oralidade fora da sala de aula, em outros contextos com familiares, colegas entre outros.

A oralidade é vivenciada pelo professor na exposição dos conteúdos através dos vídeos. O aluno oraliza na participação nos chats, que é uma forma de escrever o que pensa, de responder uma pergunta, sem preocupar-se com concordância verbal, acentos ou outras regras gramaticais (SIBILIA, 2008). O aluno não desenvolve a oralidade falada, se é que podemos dizer desse modo. Como fica isso no curso de licenciatura onde o aluno de hoje será o professor de amanhã? Há preocupação do professor Juan com a oralidade do aluno.

Nos cursos presenciais ele utiliza esse encontro para fazer trabalhos vocais,

[...] e eu começo fazendo exercícios de vozes com os alunos, de expressão vocal. E aí a gente começa a ter consciência de como você fala, como você

se expressa, é curso de formação de professor. Professor vai ter que falar, vai ter que se expressar, então, tenho que ajudar nesse processo [...] (entrevistado Juan)

Nosso entrevistado também usa um mesmo poema para ser trabalhado em várias interfaces, como é o caso do poema *Odalisca Andróide*.

[...] recito porque tenho um monte de memórias, e aí tem, tem esse poema da *Odalisca Andróide*, do Fausto Fawcet, que eu recito sempre, várias vezes que pensa essa coisa do sujeito fragmentado, que se pensa numa cultura contemporânea e[...] (entrevistado Juan)

Este poema pode ser encontrado em vídeos publicados por ele no youtube, em podcast como também em versão de vídeo-aula. Também o encontramos escrito e publicado em seu blog. Ele tem outras produções de textos, escritos literários poéticos como também encenados em vídeos e videopoemas.

No entanto, como professor do presencial e da EAD, ele utiliza usa voz de diversas formas para construir suas aulas. O fato de algumas aulas serem gravadas anteriormente exige que ele se preocupe com a produção mesmo quando está doente. E mesmo nestes momentos ele consegue transformá-las em momentos de atuação.

[...] eu tô com uma voz assim ó, to suando porque tô com um febrão e eu tô atuado ali porque tem que ser editado em dois dias, porque eu tenho que ir no ar doente, daquele jeito, porque há dois dias, porque há dois meses eu to programando a disciplina. Então, você toma remédio e você vai ao vivo, aí você faz uma pré-produção dois dias antes, que você não tá bem você vai ver o vídeo, você vai ver outra voz, porque tá, quando eu falo língua espanhola vou tá com uma voz um pouquinho diferente, porque falar outra língua é mudar um pouquinho a voz. Porque você usa, como expliquei pra você anteriormente, foneticamente você usa outras estruturas que você não tá acostumado a usar né [...] (entrevistado Juan)

Para Aumont (2008) o argumento é a herança da literatura. Representa uma forma de linguagem através do texto escrito, onde “a representação do actor, o local unitário percorrido por olhares organizados, a impregnação do verbal são a herança fundamental do teatro no “primeiro cinema” (o cinema que vai da invenção até à estabilização do sonoro, digamos, de 1895 a 1940)”. (AUMONT, 2008, p.40). Nosso entrevistado mostra muito bem o uso do argumento narrativo na produção das suas vídeo-aulas.

Há um conflito entre imagem e argumento. Mas a encenação e o uso de convenções do cinema como figura-fundo, vectorizações (frente/trás, esquerda/direita,

cima/baixo) e as convenções bem estabelecidas (figura/fundo, perspectiva) possibilita a imaginação da leitura do argumento (ou do romance) que sem estas técnicas seria feito de forma mais difícil (AUMONT, 2008). “Não há uma técnica única de encenação que ajuste impecavelmente a imagem e o argumento, mas sim modalidades infinitamente variadas.” (AUMOUNT, 2008, p. 48)

A EAD possibilitou que ele desenvolvesse um trabalho didático mais performático, utilizando a expressividade desenvolvida pela arte dramática, passando a ser aceita na educação a distância sem preconceitos, o que o possibilita trabalhar com prazer.

E aí, como eu tenho essa facilidade nesse processo de expressividade eu uso da minha voz, da minha imagem pra pensar esses processos. Hoje em dia eu trabalho, predominantemente, por causa dessa predisposição ao trabalho didático um pouco mais performático que a educação a distância me ajudou muitíssimo a perceber, que isso, essa forma, essa outra forma de pensar a educação como uma certa expressividade é algo que (tripudia) no meio acadêmico. (entrevistado Juan)

Prazer na criação de suas produções, em promover o espetáculo que será exibido nas aulas via satélite, como bem disse Aristóteles (384 a.C a 322 a.C), “o prazer consiste de desafogo, num repouso, num modo de ocupar os lazeres - num gozo intelectual -, numa vantagem que não é inútil aos bons costumes; enfim, opera a catarse, palavra que uns traduzem por purificação e outros por purgação” (p. 16)

O professor utiliza da técnica do teatro quando escolhe adaptar a literatura escrita em literatura oral usando as tecnologias imagéticas. O encontro desta construção da literatura, do teatro, do professor, do cinema e do espectador-aluno é constituído por muitas vozes, representadas pelas vozes do escritor, do produtor, do professor que são explicadas por Bakhtin (2000) como vozes polifônicas.

Professor-Ator

O ser professor e ser ator correspondem a dois posicionamentos importantes na construção do ser professor Juan. O ser ator é percebido nas suas características pessoais que passam a ser trabalhadas quando entrou para o teatro. A expressividade é uma característica da identidade do Juan. Pensar no ator é pensar em atuação, em dialogismo entre o ator e a plateia, entre o ator e o texto. Ser ator é ser reconhecido pelo outro nas suas formas de ser e atuar. O público, em contrapartida, cria uma imagem do ator que muitas vezes não corresponde ao seu real. O ator torna-se muitas vezes o herói (BAKHTIN, 2000) vira

celebridade, idealizado pelo grupo que acompanha sua carreira. A imaginação dá asas para criar características pessoais que muitas vezes o ator não tem na sua vida pessoal.

Ser reconhecido pelo público faz parte da história da arte. A carreira do ator é construída por seu reconhecimento e pela qualidade do seu trabalho. No entanto, o público conhece sobre a vida do ator, acompanha sua carreira, há uma relação de afetividade entre o público e o ator. Porém, também ocorre um processo inverso vivenciado pelo ator, o qual, na maioria das vezes, ele não conhece seus fãs que representam esse outro que o ajuda a crescer e a se desenvolver como profissional, contribuindo na construção do ser ator.

O professor da EAD vivencia alguns aspectos desta relação ator e espectador, que aqui pode ser representada pelo professor da EAD e o aluno virtual. É um novo papel do professor que exerce sua função de ensinar, compartilhar conhecimento e desenvolver a aprendizagem colaborativa, mas que isso só ocorre por meio das relações virtuais disponibilizadas pelas tecnologias imagéticas. Essa nova relação acarreta num novo comportamento que muitas vezes deixa o professor confuso sem saber lidar com a situação.

[...] tá sendo mostrado pra sociedade como um espetáculo [...] o que isso tem a ver com o professor ator hein, a distância, enfim, eu me penso nesse processo todo, eu , quando , às vezes encontro uma aluna que me conhece e eu não conheço e que to eu andando , [...] to eu no shopping lá to almoçando e aí, três meninas me olhando, ai meu deus, acho que não é anda, aí chegam as três pra conversar e dizem o que é que acham das aulas, o que é que deixam de achar e que prazer em conhecer e ai eu fico perguntando de onde são e etc., ai eu fico me pensando nesse processo quando eu estou na aula via satélite você vai ver que é uma atuação não é o que eu to sendo aqui [...](entrevistado Juan)

Entretanto, essa questão de ser reconhecido nas ruas, ou quando circula pela instituição deixa o nosso entrevistado confuso em relação à interação, pois muitas vezes não sabe se é com ele toda essa euforia dos alunos ou com outros professores que circulam pela universidade.

[...] é complicado. Eu acho, você não saber quem são as pessoas e as pessoas vão dizer que conhecem você não sabe, [...] e você não sabe quem são as pessoas que chegam pra conversar com você. Eu já vi um coro uma vez assim: “ó, professorrrr e eu tô passando”, e será que é comigo? [...] tá cheio de professor [...] (entrevistado Juan)

E em outros momentos ele se sente incomodado.

[...] tem que ter prazer ao ser observado, mas às vezes parece que eu não quero essa situação de estar no shopping viu, e os alunos chegarem, isso me incomoda, isso me incomoda, isso me incomoda isso me incomoda desde quando eu era ator [...](entrevistado Juan)

Juan professor, ator, fala da dificuldade em lidar com o assédio fora das telas de aula.

[...] incomoda, de eu tá nesse outro momento no ponto de ônibus ou andando no shopping e chega alguém pra conversar, isso me incomoda um pouquinho porque ali é o momento da atuação, da atuação, parece invasão da intimidade, mas como é isso, tem outras questões também [...] (entrevistado Juan)

Ele vivencia este momento de ator, professor, em algumas ocasiões de forma confusa. “[...] ele vive seu objeto e vive a si mesmo no objeto, mas não vive o processo da sua própria vivência; o trabalho de criação é vivo, mas trata-se de uma vivência que não é capaz de ver ou de apreender a si mesma a não ser no produto ou no objeto que está sendo criado para o qual tende [...]” (BAKHTIN, 2000, p. 27).

[...] às vezes encontro uma aluna que me conhece e eu não conheço e que tô eu andando, tô eu no shopping lá tô almoçando e aí, três meninas me olhando, ai meu deus, acho que não é anda, aí chegam as três pra conversar e dizem o que é que acham das aulas, o que é que deixam de achar e que prazer em conhecer e ai eu fico perguntando de onde são e etc. Aí eu fico me pensando nesse processo quando eu estou na aula via satélite você vai ver que é uma atuação não é o que eu tô sendo aqui, aqui é eu numa outra esfera, numa outra esfera de a respeito das coisas porque eu tô me pensando né o que é pro aluno enxergar esse professor que não é aquele mesmo que ta lá no vídeo [...] (entrevistado Juan)

Pensar no professor-ator também nos remete à idealização do espectador em relação ao ator. Há uma identificação com este ator, ainda que seja com o personagem que ele está interpretando, pois muitas vezes não há distinção pelo fã entre o eu-ator, eu-personagem e o eu-professor. E isso nos faz pensar que a reprodução da imagem, seja gravada ou online, no caso das vídeo-aulas, transforma o professor num herói com características que vão além das do professor da aula presencial. Essa ideia também é percebida na fala do professor Juan.

A falta de contato físico professor-aluno produz no imaginário humano imagens que não representam o real. Na relação ocorre a idealização do professor (ideal), perfeito, bonito e que muitas vezes é bem diferente do professor no presencial, como também, há mistificação em relação ao aluno. (entrevistado Juan)

Sobre essa mistificação do papel do professor-ator, ele também faz uma leitura no sentido de buscar entender o que o aluno pensa ao encontrar o professor presencialmente e perceber que ele não é exatamente como ele idealizava, seja fisicamente, ou mesmo na sua maneira de agir ou vestir.

[...] aqui sou eu numa outra esfera, numa outra esfera de, a respeito das coisas, porque eu to me pensando, né, o que é pro aluno enxergar esse professor que não é aquele mesmo que ta lá no vídeo porque lá eu sou extremamente expressivo eu sei disso, eu uso esse meu viés que foi desenvolvido na arte dramática pra conseguir desenvolver um dialogo através da câmara com os alunos [...] (entrevistado Juan)

Esse pensar no professor-ator causa confusões na construção identitária do professor que se preocupa com o pensar do aluno em relação a ele não como professor, mas como ele é atrás das câmeras e como ele é pessoalmente.

[...] porque o aluno idealiza, aí está a sociedade do espetáculo pra ser pensada por você, viu, de como é essa confusão aí, de como é essa construção de identidade do sujeito que ta lá, no momento da atuação [...] (entrevistado Juan)

Acreditamos que essa forma de pensar e agir não corresponde a todos os professores da EAD, e talvez esteja mais ligada ao professor que pensa e se preocupa com a relação com o aluno-espectador. No caso de Juan, ele faz questionamentos ao mesmo tempo em que reflete sobre estas questões.

[...] pra você conseguir segurar o ouvinte como é que é isso, nós temos ouvintes e expectadores ao invés de alunos? Como é que fica essa discussão dentro da sociedade do espetáculo, viu, ouvintes e expectadores que também são alunos, também [...]

Essa forma de repensar a relação professor-aluno é importante para nos fazer refletir sobre o posicionamento do aluno. As várias possibilidades que o professor tem para trabalhar os conteúdos no AVA possibilitam que o aluno seja ouvinte dos podcasts que são produzidos pelo professor, além de assistir às vídeo-aulas, aos vídeos produzidos e disponibilizados.

4.2 Cena 2: análise dos resultados da segunda entrevista

A análise da segunda entrevista será dividida em duas partes:

Primeiro quando ele fala sobre a produção dos seus vídeos. Nesta etapa ele descreve o processo de roteirização de alguns deles, comenta sobre a inexistência do roteiro em outros, como também faz comentários sobre o “porquê” da criação destes vídeos.

Durante a entrevista foi pedido ao professor que escolhesse algum dos vídeos, alguma aula disponibilizada anteriormente para falar sobre esse material que foi exibido na tela do computador, no modo miniatura, numa pasta criada com as produções disponibilizadas, o que possibilitou que ele falasse um pouco de cada vídeo e não necessariamente de um em específico, como sugerido pela pesquisadora. A ordem da descrição de cada vídeo foi de acordo com a escolha do entrevistado.

Nem todos os vídeos de Juan possuem roteiro, mas percebemos que ele consegue se organizar para as produções fazendo uns pré-roteiros, às vezes muito simples, mas funcionais. Na sua narrativa sobre esses materiais, ele demonstra que o fato de conhecer sobre roteiros possibilita a construção da sequência lógica para a filmagem. Em anexo 1 segue um modelo de roteiro produzido por Juan.

O roteiro tem características particulares, devendo ter qualidades expressivas ou dramáticas juntamente com os diálogos dos atores. Estas qualidades devem ser funcionais para a compreensão dos aspectos psicológicos, estéticos, etc., como contribuintes ao sucesso da obra (COSTA, 1989). Antes de se chegar ao roteiro, a elaboração de um filme passa por várias etapas como argumento, tratamento, pré-roteiro e roteiro (COSTA, 1989). Entendemos que conhecer estas etapas auxilia Juan nas produções e nas improvisações que ele faz.

Resumidamente apresentaremos cada uma das etapas de acordo com Costa (1989). O argumento pode ser constituído por uma obra literária ou teatral pré-existente. O tratamento corresponde à caracterização mais definida que o texto adquire. No caso de um texto literário, a caracterização narrativa é mais definida, “mais funcional para descrição das várias cenas em que se articulam os episódios, com atenção para a ambientação [...] e a definição das situações”. [...] Eis o “começo o tratamento dá uma noção da diferença entre o registro da escrita e o da finalização” (COSTA, 1989, p. 168). O pré-roteiro representa a descrição das cenas indicando o que acontece. E o roteiro desenvolve as esquemáticas do pré-roteiro. (COSTA, 1989).

No quadro abaixo, apresentamos os vídeos produzidos pelo Juan que apresentam ou não roteiros pré-definidos. Complementamos o quadro com algumas especificações dos vídeos conforme a disponibilidade de dados.

Vídeo 1: O que é Literatura	Vídeo 2: El Ojo de La Mujer	Vídeo 3: Variação e mudança Lingüística	Vídeo 4: O Operário em Construção	Vídeo 5: Odalisca Andróide	Vídeo 6: Vídeos de Estágio Estágio Supervisionado I	Vídeo 7: O Sopro dos Ancestrais
Vídeo com duração de 15:47 min. Tem como tema a “Teoria da Literatura”.	O vídeo tem 7:56 min. de duração.	Produzido para uma professora de outra área de pesquisa.		É uma gravação com 4:29 min. de duração. Encontra-se disponível no blog do Juan e no youtube.		Tempo de duração 18:01 min.
	Roteiro em anexo I					

A produção de vídeos para a EAD, seja para as vídeo-aulas ou como criação de material didático pessoal, requer do professor o desenvolvimento de novas habilidades. Ele necessita passar por um processo de adaptação, como também de aprendizagem e de novas formas de produzir aulas. Entendemos que o contato com a câmera durante as filmagens das vídeo-aulas altera a maneira do professor se posicionar e se expressar. A câmera é quem gerencia a verbalização dos seus atos de fala. O professor constrói e é construído como professor no decurso destas relações.

Percebemos que o uso das tecnologias imagéticas como instrumentos de mediação, auxilia a construção do ser professor, pois a partir do uso da tecnologia, como a câmera, o professor produz uma linguagem de interação com o aluno estabelecida na produção dos vídeos, nas gravações das aulas, dos podcasts, que, ao serem postados no AVA, favorecem que essa interação continue existindo. O professor posiciona-se ao utilizar os instrumentos tecnológicos, como também é posicionado por quem o assiste.

Vídeo 1: O que é Literatura

Ao assistir ao vídeo percebemos a criação do setting da filmagem. O ambiente é a biblioteca, produção física local, produção visual do ator-personagem-professor, que encena e contracena ao longo dos corredores da biblioteca. Suas narrativas são construídas pelas vozes bakhtinianas que constroem o professor quando recita um poema ou quando fala sobre alguma obra literária referenciada no vídeo. Vozes da equipe técnica que auxilia na produção e execução do vídeo. Essas vozes que constroem o eu-outro descritas por Bakthin (2000), auxiliam na produção dos vídeos, como também constroem o professor entrevistado, que tem como foco auxiliar no processo de construção do aluno que assistirá suas produções.

[...] considero ele importante por vários aspectos, por exemplo: primeiro porque eu tô explicando o que que é literatura né, digamos que eu utilize ele numa aula via satélite. Não sei se eu te entreguei essa aula pra você dar uma olhada né, mas ela, ela, eu utilizo esse vídeo dentro dessa aula, dentro da educação a distância para que eu mostre materialmente como é que está a questão da literatura impressa e o processo de observação que a gente tem da estrutura da bibliotecas né. Assim, onde é que está a parte da literatura, onde é que está os romances, onde é que está isso [...] aí eu fico circulando pela biblioteca, aí eu fico brincando com essa coisa da voz, aí eu fico cantarolando alguma música, às vezes eu canto alguma música mesmo, todas elas estão relacionada à literatura, todas. Seja através de cultura filmográfica, através de filme né, ou através de questões que tirei de outros filmes que está relacionado à literatura e aí eu fico explicando, faço essa coisa performática, assumidamente performática e que acredito que dá o encantamento interessante né, porque você deixa a literatura viva, digamos que a minha grande área de atuação na verdade é literatura né, [...] (entrevistado Juan)

Os conhecimentos adquiridos pelas vozes bakhtinianas, que compõe o professor ao longo da sua formação acadêmica e pessoal são constituídas pelas interações sociais, entre eu-outro. Pensar na forma como será gravado o vídeo mesmo sem um roteiro pré-definido, são questões que compõe a construção do ser professor.

Mas esse vídeo, por exemplo, do que é literatura, ele tem uma forma de construção que eu considero muito intuitiva viu. Esse vídeo não teve um roteiro pré-determinado, [...] e aí às vezes eu tenho essa coisa dos insights na hora assim ó, eu fico observando e faço uma espécie de mapeamento, [...] invento a cena na hora né, e assim, eu sabia que iria falar de todos esses conceitos, que eu dou aula sempre no presencial ou na educação a distância, esses conceitos que são de literatura né, e ao mesmo tempo, pô é a minha área né, como é que eu não vou saber, como é esse processo de distribuição dos livros dentro da biblioteca? (entrevistado Juan)

Com um roteiro reduzido de cinco linhas, antes de começar a filmagem em sintonia com o câmera responsável, surgiu a criação do vídeo. Juan utiliza seus

conhecimentos do teatro, improviso, encenação para mostrar-se com naturalidade em frente às câmeras entre as prateleiras de livros.

Aí, eu cheguei lá e mostrei um roteiro de cinco frases pro [...], era só isso que tinha. Aí chegou lá e ele falou, “o que é que tu vai fazer agora?” O, eu quero falar sobre tal coisa. E ele falou: “ó, você vem de lá falando: “ah é, eu posso fazer o que eu quiser? R: “pode”. Aí às vezes me vem uma música na hora, às vezes eu aparecia atrás assim dos livros e começa a cantar e começa a falar, falar, falar, mas isso tem a ver com a predisposição de outras, de outras formações que eu tive né. Principalmente a formação de ator que eu já havia falado pra você, que eu tiver em outro momento e que ajuda no processo todo. Mas não havia um roteiro, às vezes, por exemplo, olhar a prateleira era um motivo pra falar, entendeu? Você olha, olha o livro, o Harold Blue, você começa a falar sobre isso, você abre o livro e mostra, claro, isso ficou gravado na hora né, mas é diferente de outros vídeos. (entrevistado Juan)

Na análise das narrativas citadas acima, é possível identificar os encontros das vozes que o constroem como professor da EAD. Quando ele nos conta sobre o processo de construção desses vídeos e assistindo aos vídeos posteriormente, percebemos que o trabalho da equipe, os pré-roteiros, ou roteiros, juntamente com o foco da aula a ser gravada, favorecem esse processo de construção do ser professor. As problematizações provenientes das várias formas de interação social concebidas pelo dialogismo (BAKHTIN, 1995, 2000) e pelas mediações (VIGOTSKI, 2008) a partir do uso de tecnologias, possibilitam a construção das relações dialógicas na educação favorecendo o processo de construção de conhecimento.

Vídeo 2: El Ojo de La Mujer

A primeira parte é gravada na praia. Juan narra o poema gravado no estúdio e a imagem na praia é ele como personagem, que conta com a participação de uma atriz. Depois surgem as mulheres personagens num outro ambiente, em que as imagens e interpretações aparecem de acordo com as narrações realizadas por ele.

A criação de personagens está atrelada às identidades de Juan. A de ser ator favorece a encenação e produção do cenário, escolha do vestuário. A forma como interpreta, posicionando-se diante da câmera, mostra o domínio que ele tem sobre este instrumento midiático. Acreditamos que há mudanças na forma do professor se posicionar quando está à frente de uma câmera, mas Juan consegue se favorecer desta interação com a tecnologia imagética e utilizá-la no processo de construção do ser professor.

Gioconda Belli, poetisa ibero-americana, nasceu em 1948 em Manágua. Foi considerada revolucionária em sua maneira de abordar o corpo e a sensualidade feminina, o que causou grande tumulto naquela época.

“El ojo de la mujer” é um vídeo baseado nos poemas de Gioconda Belli que retrata o feminino.

[...] esse vídeo é um roteiro, montado onde eu ensaiei as pessoas antes. Eu fiz a gravação do áudio no estúdio de áudio, então, tem todo um processo diferenciado de um processo de construção para esses vídeos né, para serem utilizados nesse tipo de sistema de educação a distância que eu trabalho. Claro, eu tenho absoluta noção de que o que me ajuda é essa situação de já ter sido ator um dia, na vida, eu sei que isso me ajuda, eu sei que é significativo [...](entrevistado Juan)

A produção do vídeo envolve conhecimentos de arte, teatro, roteirização e cinema. São combinações que compõem a construção estética do nosso entrevistado. Quando ele cria, produzindo algo belo para ser admirado que também serve como recurso de aprendizagem, é um produto estético que será visualizado e admirado pelo outro. Essa relação eu-outro, de encontro e troca de saberes, compõe a construção da identidade do professor-ator. Percebemos que Juan quando produz, utiliza seus conhecimentos de outras áreas para essas criações mantendo sempre o foco no aluno.

Vídeo 3: O Operário em Construção

Para a produção deste vídeo, ele utilizou um poema de Vinícius de Moraes. Esse processo de criação o fez pensar a respeito do “[...], processo de construção de uma forma muito louca assim. Como é que seria o processo de construção da imagem?” (entrevistado Juan)

Mas aí ó, eu falei pro [...] vamos gravar o poeta em construção. Aí eu falei bem assim no início pra enfatizar: olha, “eu não sou ator aqui, eu não sou ator, eu sou professor, se eu consigo interpretar de uma maneira tal e tal poema na leitura que eu tô fazendo, eu tô lendo viu, tô lendo o poema, não tive tempo pra decorar, mas eu fiz uma boa leitura interpretada isso é outra coisa, mas eu sou professor aqui”. (entrevistado Juan)

Pensar sobre esse processo de construção de imagem o fez refletir sobre a forma como ele produz esses vídeos, se ele lê, mesmo que seja de forma interpretada ou se ele lê como professor. Quando monta uma produção mais elaborada, identificamos na sua narrativa que retrata esses conhecimentos à sua formação de ator. Percebemos na sua narrativa a existência de conflito no que se refere a ele como professor ou como ator.

Identificamos esse conflito “quando foi convidado por ser ator para criar este vídeo”. Na sua narrativa, ao mesmo tempo coloca-se como professor, e não como ator na hora da gravação do vídeo por estar fazendo apenas uma interpretação na leitura do texto. O que é ser professor e o que é ser ator? É possível associar as duas funções numa mesma tarefa? Juan demonstra que sim, ainda que ele, neste momento de narrativa não identifique isso, mas que descreveremos mais à frente.

Vídeo 4: Odalisca Andróide

“Odalisca Andróide” é um poema de Fausto Fawcet que Juan utilizou para gravar diferentes materiais. Neste vídeo, Juan trabalha exibindo a sua imagem facial que é destorcida, duplicada, transformada, utilizando recursos de softwares. E uma produção caseira a qual inseriu um fundo musical de Gotan Project.

[...] quando eu vejo esse aqui, que é o vídeo da “Odalisca Andróide” ali, eu fico pensando que ali tem todo um processo de criação de subjetividade, através da imagem que isso chega, que cria subjetividade no leitor né. Principalmente porque lida com essa imagem de si mesmo em vários momentos. (entrevistado Juan)

Na segunda entrevista, Juan argumentou que utiliza este poema em diversos momentos, por acreditar que o auxilie no processo de reflexão e construção da subjetividade de si e do aluno. Percebemos que ter conhecimento sobre tecnologias é essencial neste processo de produção docente do entrevistado. As diferentes formas de linguagens, pessoais e tecnologias, auxiliam no processo da construção do ser professor da EAD.

Vídeo 5: O Sopro dos Ancestrais

Neste vídeo Juan faz o papel de narrador de texto sagrado, termo utilizado por Brait (2006). É um vídeo que conta a história dos orixás, podendo ser considerado bonito como descreve Aristóteles (384 a.Ca 322 a.C, p.39) por apresentar partes e dimensões elaboradas. Esse vídeo foi roteirizado, e a criação e produção foram responsabilidades do Juan. No final, apresenta os créditos com o nome de todas as pessoas que contribuíram para a realização do vídeo.

É um trabalho construído em parceria entre a equipe, e constituído por muitas vozes bakhtinianas, das bailarinas que representam os orixás, às vozes da história da religião

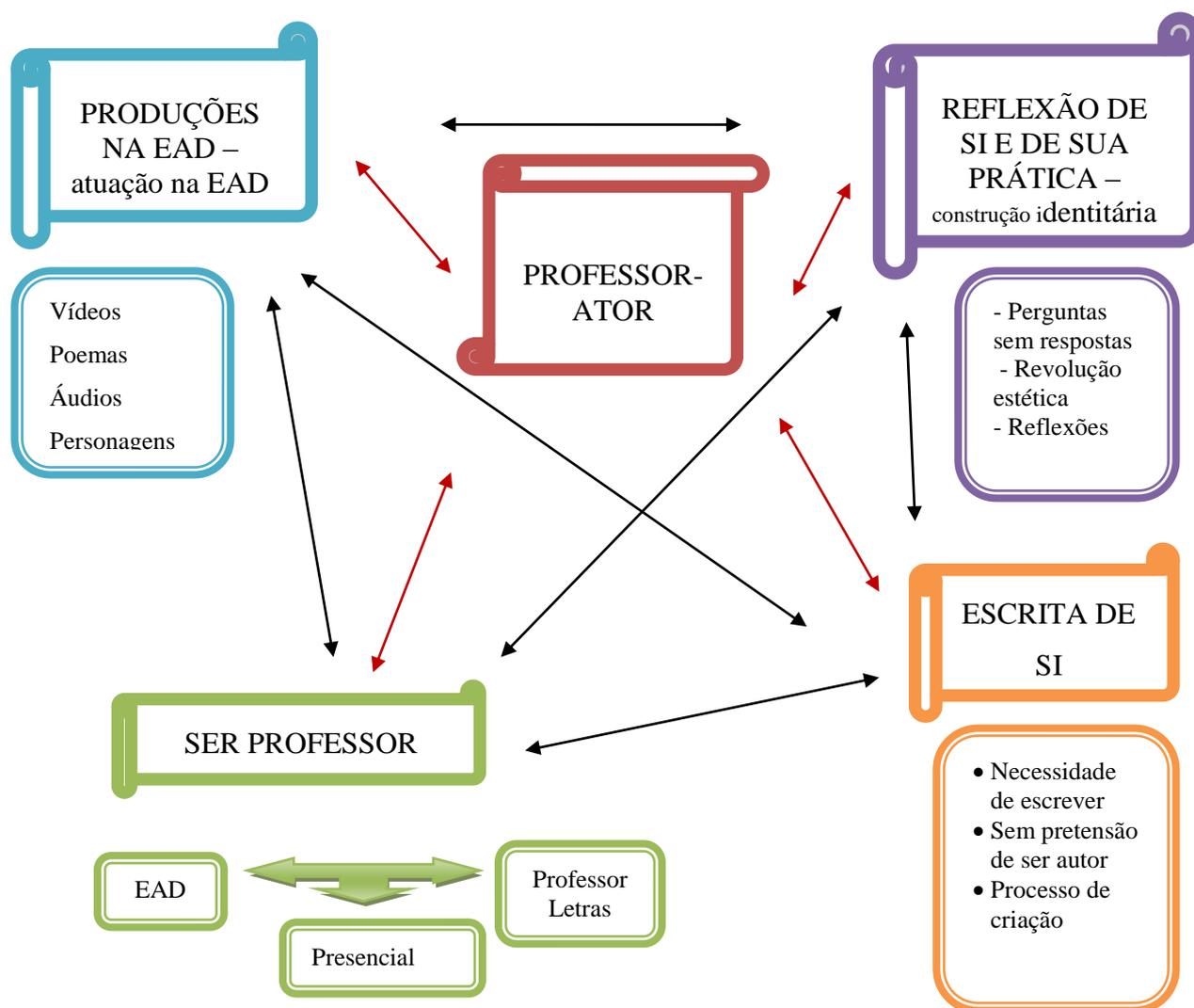
afro, da coreógrafa e do narrador. Vozes que representam o passado no presente através de imagem e som.

“O sopro dos ancestrais” eu já te mostrei? P: mostrei E: que é dos orixás P: é muito lindo, ha ha, tem aí E: você tem? E é ele, é o vídeo ou só o áudio? P: é o vídeo E: é o vídeo mesmo? Eu acho que ficou interessante, né. P: foi uma produção? Como foi feito esse vídeo? Fiquei super curiosa pra saber sobre o vídeo. E: foi sobre a história da África assim: esse vídeo foi sobre a história da África onde eu conheci um grupo afro aqui em Aracaju, aí, assim, quis ajudar nessa coisa de pensar o audiovisual quando eu comecei a ter interesse, mas, então, eu entrei em contato com o grupo, o grupo entrou em contato com um terreiro de candomblé e ela, a menina, arrumou as coreografias, eu fiz o áudio contando a história do deuses, dos orixás. E aí, o [...] juntou tudo isso, eu só falava a sequência “faça assim, assim, assim, assim”. Tipo, não houve um roteiro como alguns são, fechados com roteiro mesmo entendeu? (entrevistado Juan)

Transformar a história em vídeo representa um novo encontro cronotópico, em que o motivo do encontro pode ser localizado na literatura, nos campos da cultura e em diferentes esferas da vida e dos costumes da sociedade, representam encontros sociais (BAKHTIN, 1997, 2010). Passado e presente apresentados num mesmo tempo e num mesmo lugar. O ser humano tem a capacidade de refletir sobre o passado, mudar o presente e construir o futuro a partir das interações sociais entre o eu-outro.

Esta segunda parte refere-se à segunda entrevista narrativa e foi analisada de acordo com a divisão em temas e subtemas, como foi feito na primeira, e com a criação do mapa semiótico representando os significados recorrentes identificados.

4.2.1 Mapa Semiótico de significados da segunda entrevista



Produções na EAD:

Esse significado corresponde aos comentários realizados sobre a produção dos seus vídeos, poemas, áudios e criação de personagens. Falar sobre estas produções permitiu-lhe fazer algumas reflexões sobre a importância do material que produz, como também possibilitou questionar “qual a eficácia da sua contribuição social como professor? Pensamento que será apresentado no significado “Reflexões de Si e de sua prática”.

O processo de criação é facilitado pelas experiências construídas no percurso da sua história de vida profissional. Sua Identidade-Ator foi construída pela profissão de ator, anterior a formação de professor, mas que ganha um novo significado quando atua como

docente. Ele estudou teatro e trabalhou no teatro. Desenvolveu algumas características como expressividade e aprendeu a impostar a voz, que são habilidades utilizadas nas produções e que o ajudam a ser professor, principalmente da EAD, pois é para a educação a distância que ele produz seus vídeos, apesar de usá-los também no presencial.

De acordo com Juan, no início as produções eram somente para as suas aulas, uso pessoal. Hoje ele também produz vídeos para outros professores.

P: o que eu quero saber mais é a respeito destas criações do seu material (do material), isso, dos vídeos, como funciona isso pra você?

E: interessante, ó, eu tava lendo um processo de reflexão [...] a respeito de um material que foi criado [...] para [...] disciplina online, [...] ela me pediu. Como eu sou ator né, porque eu sou observado também “assim”, pela instituição né, de alguma forma né, (ah é), é, tá tendo essa visualização assim, de que é ator né, é tão interessante que já ouvi uma frase assim, “ah gosta de aparecer né, imagina, qual o professor que não gosta de aparecer [...]” acho que não tenho vergonha, claro, demorei muito tempo pra isso viu, pra essa coisa de perder a vergonha. Na verdade eu fiz teatro, uma atividade que fiz durante um tempo que me ajudou como pessoa, foi uma espécie de terapia. Foi isso, efetivamente foi isso, né, claro que eu acabo carregando essa expressividade, eu sou expressivo assim, eu sei que eu carrego isso e é do teatro essa expressividade, [...](entrevistado Juan)

Aluno-espectador

Sabemos que pensar no aluno como espectador pode ser polêmico. Isso porque o aluno interage com o professor, participa da aula, mas ao mesmo tempo posiciona-se em frente ao vídeo como assistir a um espetáculo. Na EAD o aluno também participa interagindo com o professor via chat, nos fóruns e com o tutor nos encontros presenciais ou virtuais. A ideia de aluno-espectador surgiu da fala do entrevistado, então, buscamos compreender qual o sentido que ele dá para esse termo. A definição de espectador no dicionário HOUAISS (2004) refere-se a aquele que assiste a um espetáculo; aquele que presencia um fato; testemunha, presente; aquele que observa ou examina (algo); observador.

Boal (2011) utiliza o termo de co-criação, em que o espectador interage com a peça, participando ativamente no desenrolar do espetáculo. Fazendo uma relação com a EAD, o aluno da educação a distância pode ser visto como aluno-espectador no sentido descrito por Boal de co-criação.

No entanto, não estamos discutindo conceitos, mas a forma com que esse termo “espectador” fez com que nosso entrevistado pensasse no seu papel como professor, quais os

efeitos das suas produções para a construção identitária de si e do outro, mediante às posições de si estabelecidas por cada um ou as posições estabelecidas pelo outro.

Ressaltamos esta ideia do aluno-espectador no trecho destacado da narrativa na entrevista.

Um dia tô chegando aqui na universidade e aí vem um menino sorrindo e a gente já sabe que é da educação a distância, quando vem alguém sorrindo assim pra você quando você nunca viu a pessoa. Aí ele tá no primeiro período e nós fizemos um evento que se chamava, era um curso de extensão que se chamava Ensino Pragmático de Línguas. [...] – “ah professor que legal você não foi meu professor ainda, eu vi o programa que vocês fizeram na segunda, na terça, na quarta-feira”. O programa que vocês fizeram. Então, era uma aula via satélite um conjunto de conferências com palestrantes via satélite, mas o aluno fala, “gostamos do programa que vocês fizeram”. Se o aluno fala “programa” é porque lá do outro lado há um espectador, pelo menos isso me remete a essa forma de pensar a educação de alguma maneira. (entrevistado Juan)

Na entrevista, Juan também demonstrou preocupação em saber como o aluno reage em relação às suas produções. Relatou que está com um novo tipo de produção de vídeo em que simula na tela uma aula presencial com o professor escrevendo no quadro.

[...] a gente tá fazendo um exercício muito específico que eu acho que você deve ter olhado nesses vídeos de estágio aqui, onde nós fazemos uma espécie de simulação, não sei se nesses aqui tem um deles que é uma professora que faz uma simulação de aula presencial, depois aparece alguém comentando a metodologia que ela utilizou [...] (entrevistado Juan)

No vídeo de Estágio Supervisionado I, a gravação é iniciada com Juan sentado à mesa numa sala de aula presencial dando aula de espanhol. Ele escreve no quadro, interage com os alunos presentes, segue um roteiro de aula escrito no papel que se encontra em cima da mesa.

[...] eu sei que o aluno às vezes tem uma certa dificuldade de identificação com esse tipo de sistema do professor na parede, que é essa a expressão muito utilizada, que o projetor vai pra parede na hora da aula via satélite né por causa do datashow. Então, quando a gente faz uma produção, uma pré-produção de um vídeo que se aproxime do ensino presencial, ele começa a entrar no processo de identificação, isso ajuda. Eu me lembro uma vez que um tutor falou bem assim ó. –“ que um dia eu mostrei esse vídeo em aula via satélite e que um aluno falou. – olha, agora vai ter aula” (risos). Não é engraçado isso? O aluno tá com dificuldade de entrar no sistema EAD, agora vai ter aula porque o professor vai copiar no quadro e eu vou copiar no meu caderno. P: métodos tradicionais com tecnologia, volta pro quadro. E: é isso mesmo, é, volta pro quadro [...] (entrevistado Juan)

O vídeo foi roteirizado, tem atriz encenando o papel do aluno durante a aula. A produção apresenta uma aula presencial, professor sentado à mesa, quadro branco ao fundo e alunos sentados à frente do professor. Encenação que mexe com o imaginário de ambos. Demonstra os conflitos existentes nas relações aluno e professor, no processo de construção de conhecimento quando estamos nos referindo a EAD. Conflitos intra e inter-pessoais vivenciados nas e pelas interações sociais virtuais.

Num outro momento da entrevista, perguntei sobre o vídeo “Odalisca Andróide”, procurando saber por que ele utiliza tanto esse poema, seja na forma de vídeos, podcasts ou recitando.

[...] é interessante essa coisa do andróide né, o andróide, tecnologia, parará, parará. Ah não sei, eu acho que, eu acho bonito, aí né, e o próprio poema fala a respeito das questões de trabalhar essas questões “eu sempre quis ser isso mesmo né, armar hieróglifos com pedaços de tudo, restos de filmes, gestos de horror, gravações de rádio, fragmentos de TV. Só aí já é o resumo do que que é trabalhar neste sistema de educação a distância, de que, eu sempre quis ser isso mesmo né, eu, o professor midiático, o conceito do professor que utiliza dessas formas de comunicação aí né, acho que Odalisca Andróide é um poema bonito assim, mas às vezes, apenas por apresentar poesia em aulas de literatura de uma forma encantadora, sedução. Qual professor que não quer seduzir seus alunos para que eles comecem entender um pouquinho mais ou começar a pensar a respeito das coisas que ele possivelmente acha que ensina? Qual professor que não quer fazer isso? Qual professor que não quer, qual professor de literatura que não quer um um bom número de alunos na sala de aula leitores? E Odalisca Androide é um poema que você ouve pela primeira vez, é tá, interessante, tá, é o professor que interpreta bem, tá mas, como é que é mesmo? E aí já me pediram tipo umas três vezes numa turma pra recitar esse mesmo poema. E aí eu vi que esse processo de recepção dos significados dali tem possibilidades de aprofundamento quando você escuta várias vezes né, é legal isso. Então eu acho que uso Odalisca Androide por causa dessas questões né, de querer fazer com que o aluno também se lance à possibilidade de fazer esses exercícios aí. (entrevistado Juan)

Percebemos que o poema “Odalisca Andróide” auxilia no processo de elaboração das questões e conflitos relacionados ao ensino presencial e virtual na vida do Juan. Repetir o poema permite refletir sobre as mudanças na forma de ensinar, decorrentes do uso das tecnologias e das mudanças na sociedade.

Na sequência, pedimos que falasse sobre o poema, vídeo e áudio preferidos por ele dentre os quais produziu.

POEMA	VÍDEO	ÁUDIO	VOZES
Amorfa de Quatro Atos (anexo 2)	Odalisca Androide	Despierta	Vozes: Dom Quixote e fragmento da bíblia
A criação de poemas está atrelada a necessidade de escrever, de expressar seus sentimentos num processo de catarse e elaboração psíquica. Os textos produzidos por Juan retratam o feminino, o erótico.	Vídeo de produção caseira em que utiliza sua imagem enquanto narra os poemas.	A produção de áudios para os podcasts e vídeos nos quais Juan aparece cantando, narrando, recitando, nos permite perceber os cuidados com o uso da voz de forma direcionada, entonação e impostação vocal. São características que demonstram muitas vezes, os diferenciais das suas produções em relação a outros professores.	

Quando Juan nos relata sobre suas produções preferidas ele revê as formas como se constrói professor da EAD. Escrever poemas, produzir vídeos e áudios compreendem as posições estabelecidas por ele que contribuem para a sua construção identitária, que estão interligadas ao seu posicionamento como professor da educação a distância. Características encontradas em sua identidade-ator que favorecem estas produções.

Para Magaldi,

[...] considera-se o ator um instrumentista que usa como instrumento o próprio corpo. Voz, expressão, autoridade cênica- tudo ele conjuga, para alimentar o público. Uma vocação inata para o palco lhe é indispensável, sob pena de não convencer a respeito da autenticidade daquilo que transmite. Seu ponto de partida, sem dúvida, é o texto, a personagem que lhe cabe encarnar na peça. (MAGALDI, 1997, p.24)

Personagens

Narrar sobre a criação de personagens possibilitou que Juan falasse também sobre a participação como docente nos cursos de capacitação de professores de educação a distância da instituição em que trabalha. Esta reflexão contribuiu para que ele se reconhecesse como ator, como também que refletisse sobre a inexistência de um modelo específico de professor da EAD em que cada profissional deve utilizar suas experiências para criar-se como professor da educação a distância. Relacionando a identidade de cada docente e a criação de personagens, concordamos com Magaldi (1997, p.25) quando escreveu que “o ator impõe e exhibe a própria personalidade [...]”.

P: e os outros personagens? Quais são? Você tem personagens específicos?

E: não, tem essa voz de velho, assim, vou fazer essa voz de velho, sem aparecer a minha cara. Às vezes eu falo com o sotaque daqui. P: Sério: E: é, ó, eu faço assim, vou fazer aqui agora, mas não pode aparecer eu tá

E: então, eu fico brincando com essa coisa de voz, falou “vois micê”, expressão de outro tempo né. Mas, eu gosto dessa coisa de brincar sabe, é legal esse velho aí, surge às vezes e tem a ver com essa coisa de ser ator. Dentro da educação a distância às vezes é meio complicado porque aí ó, você participa de um processo de capacitação de outros professores pra ajudar no processo comunicacional, e às vezes os professores se sentem um pouco intimidados por causa dessa minha natureza de ser, por exemplo, ator né. E a gente não tem modelo, tipo assim, você é o que você é, na aula via satélite. Cada um é o que é, a questão é que tem que melhorar o processo comunicacional, só isso né. (Professor Juan)

Os autores antepõem obstáculos aos personagens para conduzir ao desfecho. “Os obstáculos colocam-se no íntimo ou no exterior das personagens, e caracterizam o conflito, que a maioria dos teóricos julga essencial ao conceito de drama” (MAGALDI, 1997, p. 17). E essa ação, ou seja, este drama corresponde às encenações dos personagens, em que o enredo tem como objetivo divertir, já a ação possibilita às personagens existirem como pessoas. A apresentação, desenvolvimento e solução de um conflito correspondem ao esquema de uma peça bem feita que resulta no espetáculo (MAGALDI, 1997).

Reflexões de si e de sua prática

O significado “Reflexões de si”, consiste em perguntas e respostas feitas pelo entrevistado que surgiram e ficaram sem respostas, apenas para reflexão, relacionadas às

revoluções estéticas que ele provoca em si com a criação dos seus materiais. Ele também reflete sobre o significado de algo ser considerado “bonito”.

Um questionamento levantado por Juan referente ao significado da palavra “bonito, belo”? Para isso, poderemos refletir qual o significado do Belo na época dos gregos e hoje em dia, século XXI.

No Houaiss (2004), encontramos como uma das suas definições: “adjetivo: cuja forma, feições, colorido, som, ambiente etc. suscita prazer estético, agrada ao ouvido, e/ou comove”. Também reconhecido como sinônimo de Belo: “que tem formas e proporções esteticamente harmônicas, tendendo a um ideal de perfeição; que tem beleza; lindo”.

Para Aristóteles (384 a.Ca 322 a.C, p.39), “o belo num ser vivente ou num objeto composto de partes, deve não só apresentar ordem em suas partes como também comportar certas dimensões. Com efeito, o belo tem por condições uma certa grandeza e a ordem”. Ser belo busca compreender um início, meio e fim dando sentido e sequência ao que está sendo produzido. Para Jolivet (1976), o belo está relacionado à inteligência pensada num todo, na integridade e proporção do objeto, o que resulta numa satisfação estética.

Então como pensarmos o Belo, o bonito na produção das aulas via satélite realizadas pelo Juan? As produções dos vídeos de Juan compreendem esta sequência de início, meio e fim, independentes de serem roteirizados ou não. Ele consegue trabalhar com o conteúdo de forma coesa, dando sequência ao raciocínio como faz qualquer outro professor, diferenciando-se dos outros por transformar a aula numa produção midiática, numa encenação, uma bela interpretação e leitura oral. Por si só, suas apresentações são belas. Sua obra produz satisfação estética, Isso nos possibilita refletir sobre estética.

[...] veja essa palavra aí, é “bonito”, ele fez um negócio tão bonito. Será que isso funciona (risos), será que funciona?

[...] e aí agora sou eu que faço a pergunta: “esse negócio funciona ou não funciona?” P: funciona E: funciona porque é bonito? P: porque é bonito e E: ou por que encanta? P: encanta ah [...](entrevistado Juan)

Para ele, o belo está relacionado a encantamento, de si e do outro. Nas definições citadas por Aristóteles e no Houaiss, o belo está relacionado às formas e proporções, as quais nos fazem refletir sobre harmonia estética. Nas produções de Juan, percebemos essas harmonias, nos enlances entre textos e imagens, apresentando sequência de pensamento na apresentação do conteúdo, produzindo arte, que também compõe a estética de si. “A arte é

uma técnica social do sentimento, um instrumento da sociedade através do qual incorpora ao ciclo da vida social os aspectos mais íntimos e pessoais do nosso ser” (VIGOTSKI, 1989, p. 315), em que o sentimento torna-se pessoal quando vivenciamos uma obra de arte. A emoção estética proporcionada pelo belo da obra de arte, neste caso, das produções do Juan, pode ser definida como a satisfação propiciada ao Juan ao ver suas obras eternizadas e realizadas, ao serem publicadas no AVA, visualizadas e compartilhadas na internet.

Outra reflexão do Juan no que se refere à revolução, evolução estética.

Com a criação do vídeo o “Operário em Construção”, ele passou a refletir sobre o processo de construção dos seus vídeos em que utiliza a sua imagem buscando alcançar a atenção do aluno.

[..] eu comecei a pensar o processo de construção de uma forma muito louca assim, como é que seria o processo de construção da imagem? Mas aí, em alguns momentos, por falta de tempo, por estar pensando uma roteirização um pouco mais complexa, aí eu fiquei pensando será que se eu fizer uma grande revolução estética nessa idéia da construção do vídeo, será que definitivamente eu tô conseguindo alcançar esse espectador? Será que a gente pode usar essa expressão espectador? O aluno espectador? (entrevistado Juan)

Revolução Estética nos faz refletir sobre algumas coisas, como o belo e o harmônico apresentado anteriormente, como uma forma de direcionar a atenção para o que se faz e produz. Como também podemos pensar nesta revolução estética com o objetivo de obter a atenção do outro e poder direcioná-la para um outro objetivo, que no caso do professor será direcionado ao conteúdo a ser apresentado.

Revolução estética é um tema abordado em alguns momentos na entrevista quando ele faz alguns questionamentos a respeito de como conseguir alcançar o aluno, que em outros momentos ele o chama de aluno-espectador. Percebemos que ele denomina de evolução estética as produções que ele idealiza, usando a sua criatividade e performance artística.

Quando Vigotski fala que a arte é o social em nós, não se refere ao social como coletivo, mas sim social existente com a presença de um homem e as suas emoções. A realização da catarse arrasta os sentimentos mais íntimos individuais produzindo um efeito social. “[...] a refundição das emoções fora de nós realiza-se por força de um sentimento social que foi objetivado, levado para fora de nós, materializado e fixado nos objetos externos da arte, que se tornaram instrumento da sociedade.” (VIGOTSKI, 1999, p. 315)

Aluno-espectador é compreendido por nós, como o aluno que assiste às produções do Juan, não deixando de ser aluno, podendo interagir com o professor, senão seria apenas espectador. Entretanto, em tempos de web 2.0 como pensar sobre ser espectador como sujeito passivo sem interação? Não acreditamos que isso seja possível. Principalmente porque esta relação apresentada pelo Juan refere-se ao aluno da EAD. Ele interage a todo momento usando a internet, comunicando-se com o professor, com o tutor, e com seus colegas. Seja via chat, fórum, assistindo vídeos, ouvindo podcasts. Todas essas interações lhe possibilitam postar suas opiniões, além de lhe propiciarem refletir sobre o que foi apresentado. Sem internet ele continua interagindo, lendo livros, textos baixados do AVA e da web. Interação com o autor, com os personagens que surgem nestas escritas, lembrando Bakhtin (2000) quando trata da relação autor-herói.

Outras reflexões sobre si e os outros...

[...] ser professor-ator, etc. como é que é isso? Isso é necessidade de mercado? O mercado contemporâneo pede que o professor seja um grande comunicador? E essas nomenclaturas utilizadas como professor midiático, professor comunicador, professor-ator, professor-autor, como é que é isso né? É eu sei que eu sou um professor-ator. Será que a performance que eu faço verdadeiramente ajuda? Será que não entrega muito de bandeja as coisas pras pessoas, e faz com que as pessoas na verdade fiquem só esperando que eu faça, e elas não vão atrás de nada? Será que eu estimulo que elas tenham vontade de ir atrás? Será que isso funciona? Será que fazer um vídeo didático explicativo a respeito das coisas é o que se espera? É o que funciona? Ou fazer esses vídeos doidos ou cheios de construções sem às vezes uma lógica muito pensada entende que seja pura intuição?

Este momento de visualizar suas produções e poder falar sobre elas, fez com que Juan refletisse não só sobre seu posicionamento como docente, mas também sobre a forma como ele é professor. Ele se interroga a respeito desse jeito de ser professor, sobre as necessidades que surgem decorrentes das relações dialógicas professor-aluno, concernente às produções dos vídeos, à importância destes materiais para a aprendizagem do aluno.

Podemos relacionar o uso destes vídeos e o papel do professor no auxílio do desenvolvimento da ZDP do aluno, na qual a “didatização do conhecimento” (entrevistado Juan) facilita o acesso à compreensão do conteúdo.

Às vezes é isso, por exemplo, aquele vídeo que te falei que eu gravei, esse aí “o que é literatura”, esse aí, ele, ele fala sobre esse conhecimento teórico, mas aí, eu didatizo tudo, eu dou uma risada no filme, no livro, no vídeo, desculpe, e leio o fragmento de um conto e fico brincando com isso. Será

que isso funciona? Será que esse processo de você didatizar o conhecimento criando imagem ajuda? (entrevistado Juan)

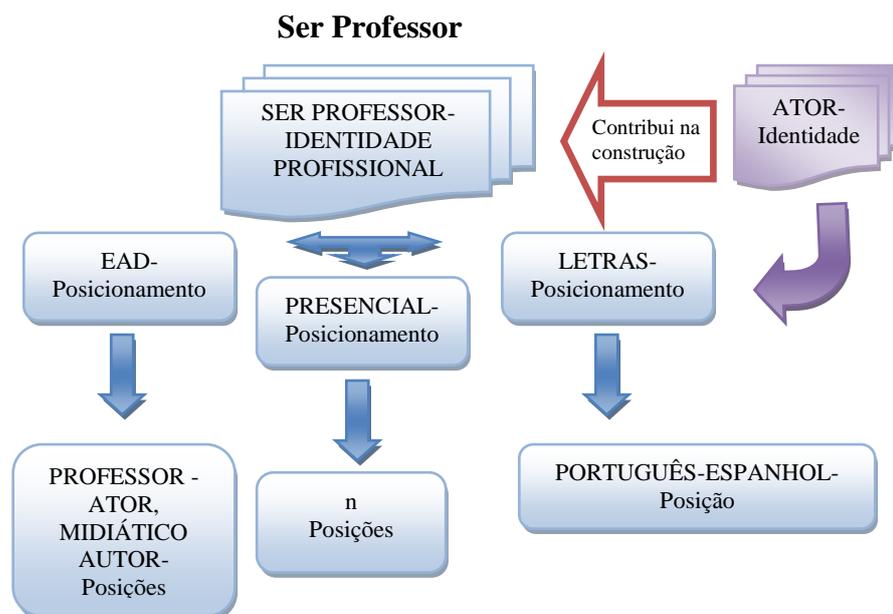
Isso nos faz refletir acerca da didática. O que é didática, como se constrói o professor, seja no presencial ou na EAD?

“Didática tem toda uma especificidade, com características, formas de pensar, proceder e trabalhar. A didática está presente no trabalho do professor em todos os momentos, não só na hora de lidar com os conteúdos. Desde a hora que penso o que vou fazer para transformar em conteúdo já é didática, já estou exercitando a didática.” (SCARELI, 2012).

E quando Juan nos falou sobre didatização, o que é didatizar? Em relação ao entrevistado deste estudo de caso, compreendemos que está relacionado à utilização das suas habilidades de dramatização, de atuação e da performance como forma de didatizar tanto com o conteúdo como com a si mesmo.

A construção identitária de Juan perpassa por estas reflexões, relacionando arte, educação e psicologia. Para Bauman (2005) a identidade passa por um processo contínuo de construção permanecendo incompleta. Isso nos leva a perceber que, em cada fala do docente ele se encontra em constante crescimento como pessoa, como profissional, mesmo que em alguns momentos percebamos algumas confusões de pensamento neste processo de desenvolvimento. Estudar a arte pela psicologia requer ir além dos estudos sobre comportamento humano, buscando compreender as reações estéticas relacionadas à fundamentação sociopsicológica (VIGOTSKI, 1999). Para este autor, podemos pensar no “reconhecimento da arte como técnica social do sentimento.” (op. Cit, 1999, p.3).

Essa coisa de facilitar a compreensão né, quando você faz um exercício pedagógico de síncrese análise-síntese, é isso que você quer, entendeu? E eu fico pensando: será que isso ajuda mesmo? Será? A gente faz isso, mas, será que isso ajuda? Será que isso ajuda o aluno criar autonomia de buscar as coisas? Será que a gente tem que tá entregando as coisas assim mesmo? Olha, o poema tal de fulano de tal fala isso. Sabe essa coisa de teoria da interpretação, por exemplo? Não sei, não sei se esse negócio funciona, mas não sei se essa coisa funciona, assim, ó. Observe a minha fala agora, eu não dou certeza de nada que eu falo pra você. Não tenho como ter certeza, não tenho. Ô, ó, tá. Eu só verifico umas coisas, talvez a única coisa que eu tenha certeza é que eu sei que há um processo de apreciação, apreciação dos alunos para este tipo de produção que eu faço. Eles apreciam. [...](entrevistado Juan)



Neste gráfico, percebemos as interligações entre identidade (HALL, 2005), posicionamento e posição (HARRÉ & LANGENHOVE, 1999) que contribuem para a construção do ser professor. Isso acontece pelas interações dialógicas que abrangem o social, o familiar e profissional de cada pessoa.

Ser professor compreende a identidade profissional do Juan que é influenciada pela identidade-Ator, profissão anterior de Juan que contribui para a sua construção identitária docente. A escolha de cursar Letras corresponde ao seu posicionamento na hora de escolher uma graduação que foi influenciada pela identidade artística e por falar espanhol, posição que influenciou em cursar Letras português-espanhol.

Posicionamento

pode ser entendido como um procedimento de fazer determinado fenômeno psicológico a propósito em mãos. Mas posições podem e são trocadas. Posicionamentos fluem, não são papéis fixos, são usados por pessoas para lidar com a situação que eles usualmente encontram entre eles. (HARRÉ & LANGENHOVE, 1999, p.17)

Dentre a identidade profissional ser professor, ele assume dois posicionamentos distintos, como docente na EAD e no presencial. Trabalhar nos dois sistemas de ensino representa suas escolhas como professor ou também pode corresponder às opções disponibilizadas a ele em determinados momentos da vida docente. Buscamos fazer uma relação entre estes dois sistemas de ensino a partir da fala de Juan, procurando identificar o que as diferenças entre eles influenciam na sua construção como professor. Para isso, retrataremos o que ele nos falou acerca de cada um, não necessariamente em separado.

Ser professor no Presencial

Na segunda entrevista ele continuou nos mostrando sua preocupação com a formação docente dos alunos de licenciatura. No entanto, o ensino presencial favorece o trabalho com a oralidade do aluno. E, ele aproveita isso, que é uma característica cultural da região onde reside, nordeste, a favor da educação, o que contribui para a construção identitária de si como professor.

[..] nós moramos numa parte do país onde a cultura da oralidade, principalmente a poesia que provém de cultura da oralidade, é muito mais forte do que da região onde eu nasci. Então, me parece que há uma recepção muito grande dessa coisa do recitar poesia, né? Por exemplo, nas minhas aulas presenciais há um recital de poesias sempre, porque eu quero formar leitores e eu sei que a realidade brasileira é assim, como eu argumentei anteriormente. Então, vamos trabalhar da maneira como a gente consegue. Se eu atirar um monte de coisas pra cima deles de hoje pra amanhã não vai acontecer, né? (entrevistado Juan)

No semestre que foi realizada esta entrevista, Juan encontrava-se trabalhando somente na educação a distância, tendo se afastado do ensino presencial. Em alguns momentos ele verbaliza “sentir falta do presencial”, como também, acha que quando voltar à sala de aula mudará a forma como produz suas aulas. É uma reflexão que ele faz neste momento. No entanto, devemos lembrar que, quando ele trabalhava nos dois sistemas educacionais, já fazia produções utilizando sua imagem, como apresentado nos resultados da primeira entrevista.

P: mas você acha que quando você voltar a ser um professor presencial vai ser diferente? Essas produções?

E: vai, vai ser diferente. Talvez eu não produza mais essas coisas. [...] eu consigo fazer o que precisa, não sei se vou continuar, isso não, sabe. Isso não se sabe.

P: o que você acha disso tudo? Você acha que a sua maneira de ser professor ajuda mais nessa relação com o aluno? Ou aquele método de professor tradicional é o que dá mais resultado?

E: olha, eu sou uma pessoa que por natureza tenho essa coisa de expressividade, e isso causa mais olhares na sala de aula, por causa disso, por saber conduzir assim o diálogo, isso acontece né. Mas eu não sei se eu vou continuar professor de educação a distância, não sei se vou continuar produzindo essas questões, não sei se eu vou continuar sendo convidado a fazer essas questões entendeu? (entrevistado Juan)

Estar trabalhando na EAD e ver suas produções da forma como exibimos na tela do notebook, possibilitou que refletisse sobre como ele é professor, fez repensar sobre a

maneira como expõe os conteúdos aos alunos, como também, possibilitou refletir a respeito dos resultados alcançados com esse jeito de ser professor.

No presencial você tem todo um tempo pra amadurecer o que você fez ,a aí você pára um semestre durante um mês, depois o outro semestre pára de novo. Na educação a distância você não tem tempo pra isso né, você tá muito vulnerável, inclusive. Agora, pensando a respeito da câmera, tudo que você faz fica registrado tempo inteiro né, então tem que ter um pouco de coragem pra você ficar sendo sempre visualizado né. Você não tem que ter muito medo disso como a gente já havia falado anteriormente. Um dia eu até ouvi uma expressão de dentro da educação a distância de desgastar a imagem. É, você não pode fazer isso senão você vai desgastar a imagem. Sim, o que seria desgastar a imagem? (entrevistado Juan)

Juan demonstra na narrativa, preocupação com o aluno e não com a sua imagem. Apesar de percebermos todo o processo de construção identitária e estética de si, a partir do uso de sua imagem, são processos interligados de crescimento pessoal.

Ser professor na EAD

Juan é professor presencial e da EAD, mesmo que neste período esteja apenas na educação a distância. Ter as experiências nos dois sistemas de educação lhe permite fazer mais algumas reflexões, que contribuem para a construção identitária do ser professor.

E: sinto saudades do presencial, o contato do presencial ééé muito bom. A educação a distância é ótima, você tem essa possibilidade de produzir, eu me divirto com isso viu, eu me divirto com essa coisa da produção aí. Legal você, de alguma maneira ficar motivado, sinto saudades, eu até encontrei a [...] ali e ela falou assim. “- é, todo mundo fica me perguntando por que que tu não tá lá e eu tenho que tá explicando que não fui eu quem te tirei de lá (risos)”. E todo mundo pergunta lá e eu tenho saudades mesmo da aula presencial. Ah eu tenho, dar aula de literatura ou disciplinas dentro da área de letras que tenham a ver com o processo de metodologia de ensino de português e ensino de literatura, essas coisas assim. Eu gosto de pensar ser professor de alguma forma, eu gosto. (entrevistado Juan)

Juan inicia seu discurso como “pensar ser professor” no presencial, e isso lhe faz sentir saudades. Ele também reflete sobre o aluno do presencial que amanhã poderá ser professor da EAD, então, as suas produções podem auxiliar na construção identitária deste futuro professor.

P: mas na educação a distância você não tem que pensar em ser professor?

E: tem, tem, claro, a gente pensa né, e a gente constrói vídeos sobre isso né. E é interessante que a gente pensa na educação a distância para o nosso aluno no presencial, é mais isso né. Qual dos nossos alunos vão ser professores de educação a distância? Agora, agora não, mas daqui a pouco talvez, tá todo mundo se formando recém agora né. A educação a distância no Brasil, ela é predominantemente mais do ensino superior. Tem até alguns lugares que trabalham com a questão do ensino médio e essas coisas, mas predominantemente fazendo esse bumm de expansão, mas gosto de pensar esse processo de formação. (entrevistado Juan)

Ser professor de Letras

Na sua trajetória docente fez escolhas, ocupou posições como professor de escola pública, ensinou crianças e adolescentes. Depois fez mestrado e hoje é professor de graduação. Isso tudo ocorreu pela escolha profissional de ser professor, lembrando os momentos de escolhas, a importância e influência da formação como ator de teatro e a escolha acadêmica em cursar curso de Letras-Espanhol.

Por que eu fui fazer letras? Porque eu gostava de ler, porque eu já fazia teatro, gostava de literatura e lia literatura desde muito cedo, mas eu precisava de salário no final do mês, é isso. Meus amigos todos foram pra São Paulo, foram pro Rio de Janeiro, foram pra não sei quantos lugares, saíram do país pra continuar estudando teatro, cinema ou outras coisas, mas eu precisa de salário no final do mês. Aí eu fui fazer o que? Letras, pra ser professor, pra ter um salário e pra ler que é o que eu gostava. Mas aí como eu já falava espanhol, porque eu nasci na fronteira do Brasil com o Uruguay, etc. ah é legal, já dá pra ser professor de espanhol também, fui professor de escola pública, de criança, de adolescente né, que é outro sistema completamente diferente, mas foi uma experiência interessante. (entrevistado Juan)

Diferenças apontadas por ele entre o presencial e a educação a distância

P: Então, você falou sobre o ser professor, pensar ser professor no presencial pensar ser professor da EAD, pra você é diferente esse pensar ser professor?

E: é completamente diferente, por exemplo. Ser professor do presencial semanalmente você tem um encontro, esse encontro você tem uma programação, aí você às vezes tem texto que você já leu tantas vezes, que você tem de memória, aí você chega na sala de aula e você dá uma aula expositiva e você fala, fala, fala, fala uma hora e tanto a respeito disso né. Mas normalmente minha forma de ser professor do presencial é, eu gosto muito dessa coisa, acho que a expressão é sócio-interacionista, acho que é esta a expressão utilizada, gosto do diálogo, uma aula que se constrói no presencial através do diálogo é fantástico né. Porque aí, a partir do diálogo que você estabelece, ali você começa a construir né, algumas coisas e aí começa a acontecer debates, etc. gosto, isso é o que eu mais gosto.

O que eu mais gosto é chegar na sala de aula, e todos os alunos leram o texto (risos). Aí se leram o texto eu não preciso ficar dando aula expositiva, só expositiva. Eu acredito que, para o presencial fica um pouco chato porque você não constrói imagem como na educação a distância né, você constrói imagem e interage em alguns momentos via chat ao vivo né, mas você constrói a imagem na educação a distância. No presencial, como você vai construir imagem ali agora? No data show assim, você bota um slide bonitinho assim, o que? Mas essa coisa do diálogo que eu acho maravilhosoooo. (entrevistado Juan)

A educação a distância permite desenvolver novas formas de aprendizagem, promovendo o desenvolvimento de inteligência coletiva (LEVY, 2007) que propõe troca de conhecimentos e aprendizagens coletivas. Utilizar a tecnologia, a internet para as produções na EAD favorece a disponibilização de conhecimento.

P: Na EAD tem esse diálogo, (ah) no chat. E: ah claro, tem o diálogo através do chat, tem o diálogo ao vivo quando você tá na aula via satélite, tem o fórum que você constrói, etc. e é legal porque há escrita. Mas eu tô falando lá né. Na educação a distância, meu Deus, você tem que ser muito veloz. Na educação a distância você tem que ter um conjunto de conhecimentos a respeito de questões de produção de áudio, como vocês tem alguns áudios meus aí né, você tem que ter uma predisposição pra pensar num sistema muito maior, você tem que saber se comunicar com uma câmera, imagine, você está na frente de uma câmera, é completamente diferente né. E aí às vezes, o sistema coloca você num processo de regulação do pensamento, de estrutura e você, a partir daquela estrutura tem que ser estritamente criativo, sabe, e é legal isso também. Fora que a questão do áudio-visual é legal, mas às vezes eu dou uma cansada por causa do excesso de coisas que eu tenho pra fazer, mas de forma geral eu gosto muito dessa coisa do processo de criação, gosto disso, gosto dessa coisa de trabalhar a voz enquanto há essas questões, sei lá, gosto, gosto disso.

Os chats promovem novas formas de escrita como propõe Sibilía (2008), em que oralizamos nossa escrita utilizando linguagem informal, escrevemos como falamos sem nos preocuparmos com gramática, concordância ou ortografia.

O professor precisa saber lidar com estas questões, compreender as novas formas de comunicação como a linguagem virtual, que é estabelecida pela linguagem falada e escrita. Já o letramento digital, “ [...] ou seja, usos sociais das tecnologias digitais. Processos de leitura e escrita, divulgação de informações, debates e conversas formais e informais, orientações acadêmicas, entre outros. [...] (SANTOS, 2012, p.4)”, favorece o entendimento e compreensão deste novo sistema de comunicação, facilitando que o professor se adapte a essas novas formas de interações sociais. A escolha do professor em conhecer a respeito de

tecnologias é um dos posicionamentos que ele optou para auxiliar no seu desenvolvimento profissional, e que contribui para a sua construção identitária.

Escrita de si

Juan tem necessidade de escrever, como processo catártico que representa dispêndio de energia psíquica (VIGOTSKI, 1999), promove a purificação da alma e lhe dá prazer. Suas escritas são publicadas no seu blog pessoal.

Eu também escrevo né, você já deve ter recebido alguma coisa que eu mando pra você (já). Algumas coisas que não tem nenhuma espécie de pretensão de ser autor (não tem pretensão) não, não, não. Eu só escrevo porque preciso dizer o que sinto. Eu não tenho pretensão de ser escritor, não é nesse sentido, mas eu escrevo aí, tá. Mas o que tem a ver isso aí, ó, eu tô falando isso porque tem a ver com esse processo todo, (tem tudo a ver). É a questão do processo de criação, é executar a criatividade através da escrita, às vezes é um desabafo mesmo, essa coisa da necessidade de catarse etc. Então, há essas questões, mas olha só, eu sou da área da literatura. (citação 1) (entrevistado Juan)

Sibilia (2008) levanta alguns questionamentos a respeito dessa exibição da intimidade por meio de blogs, fotologs, redes de relacionamento, de forma que ela indaga o seguinte: “são obras produzidas por artistas que encarnam uma nova forma de arte e um novo gênero de ficção, ou se trata de documentos verídicos acerca de vidas reais de pessoas como *você, eu e todos nós?* (op.cit, 2008, p. 30)

eu andei produzindo umas coisas muito doidas no blog, uns vídeos que eu botei no blog, uhhh, ficou legal meu Deus, ah eu vou botar. A coisa pra fora aí, ahh, sei lá. Hoje eu recebi um e-mail assim ó, até . - ah, é uma escrita autobiográfica né. Ah não sei, crítico literário, não sei se é autobiográfica (risos) né, mas não tenho obrigação de pensar isso. Mas a questão é que preciso escrever, preciso, é uma questão de precisar, não é questão de querer ser escritor, não.

P: não, por que não?

E: não porque não me preocupo em ser escritor, me preocupo em, eu só escrevo por necessidade eu preciso. (citação 2) (entrevistado Juan)

No entanto, não nos interessa responder ao questionamento levantado por Sibilia. Para a nossa análise, o que nos importa é saber que esse comportamento de usar o blog é de grande importância para a construção de si do nosso entrevistado. Desta forma, ele consegue expressar-se e promover catarse, como ele mesmo nos narrou na citação 1. O blog é analisado aqui como um diário virtual utilizado apenas para a escrita.

P: e o professor-autor onde é que fica?

E: o professor-autor, ah tá. Isso ajuda. O, esse processo de criação de determinado texto acontece no próprio blog viu. Às vezes tem texto, eu abro o blogspot e começo a escrever. Fica ali, eu não fico passando do Word pra isso, pra ali. P: ah você vai direto ali?

E: vou direto ali, alguns é claro, alguns foi à mão porque às vezes tô escrevendo. O, pra quem trabalha muito, a gente precisa respirar em outros momentos, às vezes respirando numa cafeteria, [...] vou lá pra cafeteria, tô com esse caderno que comprei, porque eu comprei um caderno pra escrever. Aí tô lá escrevendo assim, isso ajuda bastante. Eu, eu preciso bastante escrever por uma questão de manutenção de saúde mental (risos) P: ótimo né. E: ehhh, é isso mesmo, é isso mesmo, vou tá aí querendo ser poeta? Que saco isso, pois é, eu já trabalho com isso entendeu? Vou tá eu me preocupando com isso com o que eu já trabalho? Vou tá pesquisando a poesia de não sei quem? Sendo que eu nunca olho para a vida dos autores, eu não me interesse muito em olhar a vida dos autores, eu me interesse em ver o que é que tá escrito e entrar nessa coisa da interpretação. (Citação 3) (entrevistado Juan)

Percebemos que para o nosso entrevistado o uso da internet, das ferramentas disponíveis, facilitam e contribuem para a sua construção como pessoa, o que, conseqüentemente, auxilia na construção do ser professor da EAD. Isso porque, as interações de si com os outros, por meio das ferramentas de acesso, são realizadas pelas relações dialógicas. Nesta parte da transcrição apresentada acima (citação 3), a ênfase do Juan foi em explicar como ele procura expressar e publicar seus textos, não se preocupando em falar do conteúdo de suas publicações no que diz respeito à posição professor-autor. Para Sibilía (2008, p.33) “[...] as escritas de si constituem objetos privilegiados quando se trata de compreender a constituição do sujeito na linguagem (ou nas linguagens) e a estruturação da própria vida como um relato - seja escrito, audiovisual ou multimídia”. Juan não está preocupado com alguém legitimando sua autoria, mas mesmo assim ele é autor.

Mesmo sem Juan querer se reconhecer como professor-autor entendemos que seja necessário fazermos um comentário a respeito disto. O fato de Juan publicar diretamente no blog faz com que sua autoria seja divulgada na rede. “A autoria na cibercultura é obra aberta, plástica, móvel e em constante virtualização, ou seja, simulação. Simular é virtualizar, questionar, inventar, criar e testar hipóteses” (EDMEA, 2011, p. 89). A forma com que ele usa a rede revela as autorias produzidas por ele.

Professor-Ator

Quando Juan falou sobre o professor-ator, surgiram muitos pensamentos e perguntas sem respostas que apresentamos no significado “Reflexões de Si” e de sua prática. No entanto, deixamos para apresentar aqui, uma reflexão sobre o professor-ator. Poder ouvir e perceber-se durante a entrevista como ele se constrói como professor-ator, possibilitou que compreendesse que esta forma de ser professor parte da sua história de vida pessoal.

P: o que você pensa dessa construção do professor-ator?

[...] Em mim, então ó, eu sei que eu sou um professor-ator. [...] Então, um dia, eu tava aí na universidade e chegou uma grande professora que eu tive, [...]. Aí foi tão bom encontrar ela porque ela me conhece desde a graduação, desde que eu tinha vinte e pouco antes, não sei exatamente. E ela já tinha me visto recitar e fazer vários poemas, assim, havia uma admiração assim. E aí às vezes eu penso como é que procede isso, eu com um tipo de formação presencial, tive alguns professores tão maravilhosos, tão responsáveis, tão tão cheios de informações, tão estimuladores, tão, [...] e outros professores e eles não são atores né? Eles são professores. (entrevistado Juan)

Neste momento, Juan se dá conta que ser professor-ator não corresponde a uma identificação com algum professor que ele tenha tido no passado e que tenha marcado sua vida acadêmica. Isso vem a afirmar o que temos discutido ao longo do texto sobre a construção da identidade do professor, em que os posicionamentos são decorrentes de escolhas ao longo da vida pessoal, social e profissional, os quais contribuem para a sua construção como professor, mais precisamente, neste caso, como professor-ator.

Um dia recebi um e-mail de uma professora dizendo que eu seria um professor de uma outra geração né, não sei como é isso ser professor de uma outra geração numa universidade, ser professor-ator, etc. como é que é isso? (entrevistado Juan)

Então, surgem pensamentos e reflexões sobre as novas formas de ser professor que se realizam pela construção identitária.

A identidade,

[...] torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 1987). É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (HALL, 1999, p.12-13).

Juan constitui-se como professor-ator por meio das suas produções na EAD, significado este que relatamos anteriormente. Para ser professor, ele precisou primeiramente fazer uma graduação de letras, posicionamento na escolha da graduação. Depois de formado, tornou-se professor do ensino presencial e, posteriormente, da educação a distância. No entanto, encontrou-se como professor, e constituiu-se como professor-ator, quando se tornou professor da EAD. Sua identidade-ator, contribui significativamente na sua construção como professor-ator. Conhecimentos sobre arte, literatura e uso da criatividade e expressividade, permeiam sua construção como ator.

Nosso professor é ator no sentido que descreve Magaldi, em que “ele parte, com efeito, de um texto pronto, e sua tarefa primordial é a de dar o melhor desempenho à matéria do dramaturgo”. (MAGALDI, 1997, p.25). Complementamos que, ainda que neste caso não seja um texto produzido para a EAD, pois ele interpreta textos literários, ele também é o dramaturgo, ou seja, escritor de textos que depois são apresentados, interpretados pelo seu posicionamento que constitui sua identidade-ator.

O professor da EAD é um professor-ator, que assume um papel diferente quando está diante das câmeras, o de ser professor que se prepara para ser filmado, o qual muda seu jeito de se posicionar de falar, de se vestir e de se comportar quando está diante delas. Mudanças muitas vezes não percebidas por eles, ou que eles não dão importância por acharem que são os mesmos professores do presencial. O professor-ator constrói-se por uma multiplicidade de vozes ou posições do eu que dialogam entre si.

4.3 CENA 3: vídeopoemas

Juan utiliza a tecnologia para produzir vídeos, vídeopoemas entre outros materiais para serem utilizados em suas aulas via satélite, que contribuem para a construção estética de si.

Lorqueano

“Lorqueano” é um dos vídeos que ele utiliza para compor seus materiais da disciplina de língua espanhola. É um vídeo-poema criado por uma composição de poemas de Garcia Lorca. Juan produziu Lorqueano dramatizando e interpretando em espanhol. Ele musicou e os transformou em vídeopoema. Ao interpretar os poemas, Juan também constrói a si mesmo, utilizando técnicas de teatro, cinema e literatura. Constrói aulas que impactam o aluno, mas também a si mesmo como autor, ator e professor.

Usar a arte para a produção dos vídeos que ele utiliza na EAD contribui para a construção estética de si e de sua identidade. Elaborar suas produções de aula pensando no processo teatral permite que ele invente novas formas de ser professor, buscando outras formas de trabalhar os conteúdos acadêmicos.

Nosso professor é, então, um professor que se mescla com o ator, ora atuando em suas produções de vídeopoemas, ora permanecendo como eu-professor. Os posicionamentos que se adquirem movimentam em um percurso dialógico com o aluno (BORGES, LINHARES, CAIXETA, 2011), mediados por sua produção literária e organizados semioticamente no ambiente educacional de um curso de EAD.

Na produção do Lorqueano, percebemos que os conhecimentos construídos em sua história de vida como o teatro, são representados pela sua identidade-ator, pois esta fornece subsídios para a criação dos vídeos. Ele transpõe para a tela a encenação dramática quando está dando vida, colocando em ação os poemas de Lorca.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção desta dissertação nos possibilitou conhecer outras formas de pensar a respeito do ser professor, seja do presencial ou da educação a distância. Experimentar esses dois contextos da educação, como aluna, foi importante para escolher pesquisar sobre o professor da educação a distância que, a meu ver, é uma nova forma de ser professor. Fui aluna de alguns professores da EAD que também foram meus professores no presencial nas disciplinas do mestrado e pude perceber a grande mudança na forma de ser professor quando estavam atrás das câmeras, o jeito de falar, de se vestir e de se portarem diante dela. Pensando nisso, buscamos pesquisar a construção do ser professor mediado pelo uso de tecnologias, compreendidas como tecnologias imagéticas, por produzirem e reproduzirem imagens. Imagens de si, imagens produzidas nas interações eu-outro, nas criações dos vídeos e nas produções de sons para os podcasts, gravações das vídeo-aulas, e aulas via-satélite. Imagens disponibilizadas a partir do uso de computadores e do acesso à web, possibilitando que estas produções sejam publicadas no AVA, como também em outros lugares na rede. Estas produções imagéticas contribuem para a construção identitária do nosso entrevistado.

Entendemos que os professores passam por dificuldades de adaptação quando são inseridos na modalidade de ensino a distância. Isso porque muitos deles são provenientes do presencial. No entanto, acreditamos que este tenha sido mais um dos motivos para realizarmos esta pesquisa, em que procuramos mostrar outras formas de ser professor. Por isso, nosso objetivo geral: Compreender como ocorre o processo de construção identitária do professor da educação a distância a partir de seus posicionamentos mediados pelo uso de tecnologias imagéticas.

Nas análises das entrevistas, percebemos que o nosso entrevistado se constrói como professor a partir da sua história de vida profissional antes de se tornar professor, e acadêmica, quando fez a escolha do curso de graduação. Estes posicionamentos estão entrelaçados às n-identidades formadas pelos n-posicionamentos assumidos ao longo da sua vida, aos conhecimentos sobre outras áreas e experiências pessoais. Posições ou self, posicionamentos e identidades contribuem para a constituição do ser que juntos, compreendem a formação do self-dialógico.

Optamos em realizar um estudo de caso pelo fato do nosso entrevistado ser percebido por nós e por outros professores da instituição como professor-ator. Por utilizar sua

imagem para a produção dos seus materiais de aula. Procuramos compreender qual o processo da sua construção identitária como professor, que o caracteriza como professor-ator. Então, nossa primeira entrevista narrativa foi a respeito da sua história de vida profissional até tornar-se professor da EAD.

Na primeira entrevista identificamos seis significados recorrentes e importantes para a construção do ser professor. O significado principal na elaboração do nosso mapa de significados corresponde ao tema “Professor-Ator,” que está interligado a todos os outros significados de forma dialógica, e que estão interligados entre si. Primeiramente podemos apontar o “Teatro” como um significado importante para a sua identidade de ator. O contato com a arte favorece todo o processo de construção do ser professor-ator. O significado “Construção de Si” corresponde a sua trajetória, desde acadêmica até as faces do ser professor, compreendido pelas experiências do presencial e da EAD. Já a “Metodologia EAD” e a “EAD” são significados que estão muito próximos, apresentam características relacionadas à sua forma de trabalhar na EAD, às produções dos materiais de aula e à realização profissional. O significado “Uso da Imagem” é importante para a construção de si como ser professor da educação a distância, possibilitando utilizar os conhecimentos do teatro para as produções da EAD e usando as metodologias da EAD como coadjuvantes nestas produções.

Na análise da segunda entrevista identificamos mais cinco significados importantes e contribuintes para a construção do ser professor. Como significado principal identificado, por articular todos os outros como contribuintes para a construção de si, refere-se novamente ao “Professor-Ator”, reconhecido pelo nosso entrevistado como uma característica pessoal sua. As “Produções Na EAD” correspondem à forma como ele atua como professor da modalidade a distância. Neste significado ele narra sobre as produções dos vídeos, das gravações dos podcasts, a escrita de poemas, e comenta também a respeito da criação de personagens para os vídeos que produz.

Percebemos que os significados do professor Juan correspondem a sua identidade profissional, constituídos e entrelaçados pelo posicionamento da escolha acadêmica de cursar Letras, o que permitiu tornar-se professor da modalidade presencial e educação a distância, assumindo novas posições que, juntas, contribuem para sua construção como Professor-Ator. Já a “Escrita de Si” retrata a necessidade de escrever, apenas escrever como processo catártico sem preocupações com o processo de criação. O que vale ressaltar é o interesse e a escolha de escrever num ambiente virtual, produção para a massa, para todos e para nenhum.

Para descrevermos as produções que contribuem para a construção identitária do Juan, é importante lembrarmos como ele produz seus materiais de aula. Essas produções ocorrem a partir de experiências pessoais construídas no teatro, juntamente com os conhecimentos sobre arte e literatura, encenação, uso da voz e expressões corporais. Juntando aos seus interesses, conhecer sobre roteirização e cinema, os quais são utilizados para produção dos vídeos, sejam para as atividades profissionais ou como diversão, Juan produz seus materiais de aula com todo o suporte técnico oferecido pela instituição que trabalha. Também produz vídeos caseiros para serem postados no youtube, como é o caso de “Odalisca Andróide”. Ele escreve poemas no seu diário virtual e os transforma em videopoemas, os quais interpreta. Ele busca a todo o momento aprender coisas novas e relacioná-las aos conhecimentos construídos anteriormente, como também usa a criatividade para trabalhar em equipe. Tudo isso auxilia na construção identitária do Juan.

Juan, ao utilizar sua imagem para produzir seus vídeos, assume vários papéis diante da câmera. Como narrador como foi descrito na construção do vídeo “O sopro dos ancestrais” em que ele narra sobre a história dos orixás. Já para a produção dos podcasts, ele utiliza a criação de vozes para os personagens, trabalha com a oralidade na forma como interpreta ou lê um texto. Essas imagens são produzidas não só pelo visível, quando a gravação é realizada pela câmera, mas também, pela imagem que o outro produz no imaginário ao ouvir sua atuação nos áudios. Imagens que ele produz ao criar seus personagens sonoros, imagens que ele produz ao criar seus vídeos em que ele atua oralizando ou interpretando textos literários, ou mesmo quando se coloca como o personagem criado para atuar no vídeo. Juan realiza-se como produtor ao criar os vídeos, e também ao escolher e preparar as atrizes que irão atuar em suas produções. Este segundo objetivo complementa o que definimos como professor-ator.

A nosso ver, Juan foi além do letramento digital, já que utiliza as ferramentas disponíveis no desenho do AVA da instituição onde trabalha de maneira criativa. Ele busca utilizar a tecnologia para criar-se como professor além dos padrões previamente estabelecidos do que é ser professor e o que este profissional precisa saber sobre o uso de tecnologias para dar aulas. Juan produz imagens além da imagem, utilizando a sua imagem para as suas criações, as quais favorecem a construção estética de si como professor, como pessoa, ou seja, contribui para a construção identitária de Juan como professor-ator.

Enfim, quem é o Professor-Ator?

Para nós, o professor-ator se constrói ao longo das suas experiências profissionais, percebendo as mudanças na sociedade e buscando fazer parte delas. É o professor que busca usar as tecnologias imagéticas, posicionando-se como mediador entre o aluno e o conhecimento de forma prática e funcional. É aquele que não deixa de ser professor, mas que está sempre aberto às novidades, disposto a conhecer a geração com quem está trabalhando, seus desejos e necessidades para desenvolver novas formas de aprender, na relação eu-outro.

É o professor que trabalha com prazer, e utiliza a criatividade para buscar desenvolver estratégias para atuar no desenvolvimento da ZDP do aluno. Utiliza as tecnologias imagéticas a seu favor, para fortalecer o desenvolvimento da “inteligência coletiva” dos participantes do AVA. É aquele que se preocupa com a necessidade de desenvolver a oralidade do aluno de licenciatura num curso virtual. É o professor que está antenado, que compreende o movimento da “sociedade do espetáculo” e procura uma forma de incentivar os “alunos não leitores” a conhecerem literatura. O professor-ator é aquele profissional que é construído pela polifonia acadêmica, profissional, familiar e cultural, pelas muitas vozes que o compõem e o re-significam a todo instante na cronotopidade do mundo virtual, encontros dialógicos.

Buscamos nesta dissertação, identificar como o uso da própria imagem na produção dos materiais de aula, tais como os vídeos, vídeo-aulas, videopoemas e podcasts, contribuem para a construção do ser professor da EAD, o qual utiliza a tecnologia imagética para estas criações. E, também procuramos descrever como ocorrem as produções destes materiais e de que forma contribuem para construção identitária do professor entrevistado que, a nosso ver, é o que constitui o nosso professor-ator deste estudo de caso.

Consideramos que ser professor-ator perpassa padrões e modelos de ser professor. Não acreditamos que exista um jeito ou forma de ser professor, e sim, muitas formas de construir-se como professor, seja para a educação a distância ou presencial. Para nós, o professor-ator é aquele profissional que consegue identificar em si, nas suas singularidades, características e habilidades que possam ajudá-lo a ser professor. Conhecer a si mesmo auxilia no processo de construção identitária de si, como professor, como pessoa, que é constituído e construído pelas interações sociais, entre o eu-outro, a partir dos posicionamentos e posições estabelecidas pelo outro e assumidas por si.

Nosso entrevistado é construído pelas interações sociais presenciais e virtuais, seja no uso da imaginação ou da internet. Juan constrói-se como professor-ator por reconhecer quais são suas habilidades desenvolvidas no teatro e por utilizá-las a seu favor como

professor. Nosso professor-ator neste estudo de caso é impactado pelo uso de tecnologias imagéticas, as quais contribuem para a construção estética de si como professor.

Juan é mediador, tanto no seu relacionamento com os alunos, estando ou não interagindo nos chats, nos fóruns, como a partir de suas produções midiáticas que vão proporcionar mediações com esses alunos

Ele é também autor, produz e publica na web, enuncia, relaciona-se com o outro, como propõe Bakhtin (2000). Como protagonista em suas produções ele é ator quando está em cena, nos n-posicionamentos. Ele se constitui pelos conhecimentos de teatro, pela busca de noções sobre cinema, que compõe suas autorias e que auxiliam na criação desta categoria denominada de professor-ator. O posicionamento em fazer teatro dá qualidade a estes n-posicionamentos que o constituem como professor-ator.

A autoria tem muito a ver com questões relacionadas à história de cada um, daquilo que se sabe fazer, das suas habilidades e competências em realizá-las. Então, conhecer isso, saber o repertório e conseguir realizá-lo isso é didatizar, pegar um conteúdo e misturar com tudo isso pra criar sua aula, isto é ser um professor ator e autor.

Para ser professor-ator não precisa necessariamente que ele tenha tido experiências no teatro, pois existem professores que não fizeram teatro e têm essas características. Como também as habilidades de performance teatral, de roteirizar ou de utilização da imagem como forma de impactar na didática e na construção de conhecimento com o aluno, o que contribui para construir-se na relação com o aluno da EAD e presencial como professor.

REFERÊNCIAS

- AIRES, L. **Do silêncio à polifonia: contributos da teoria sociocultural para a educação online.** Disponível em: <http://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/146/1/Revista-Discursos23-35.pdf>. Acesso em dezembro de 2011.
- ARISTÓTELES. **Arte Poética.** Martin Claret. 2004.
- AUMONT, J. **O cinema e a encenação.** Tradução Pedro Elói Duarte. Lisboa, PT: Texto & Grafia, 2008.
- BAUER, Martin W. e GASKELL, George. **Pesquis Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- BAUMAN. Zigmunt. **Identidade:** entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zorge Zahar. 2005.
- BAKHTIN, Mikhail M. **Problemas da Poética de Dostoiévski.** Trad. Paulo Bezerra. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.
- BAKHTIN, Mikhail. (Volochninov, V. N.). **Marxismo e filosofia da linguagem.** Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 7ª ed. São Paulo, SP: Hucitec, 1995.
- _____. **Estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- _____. **A estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- _____. **Questões de Literatura e de Estética:** a teoria do romance. 6ª. São Paulo: Ed. Hucitec, 2010.
- BEZERRA, P. Prefácio à edição brasileira. In: **Psicologia da Arte.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BRAIT, B. A personagem. 8ª. ed. São Paulo: Ática, 2006.
- BRAVO, H. **Dicionário de Termos Técnicos e Gírias de Teatro.** Disponível na internet via WWW.url: <http://www.desvendandoteatro.com/termos.htm>. Arquivo capturado em janeiro de 2012.
- BRUNER, J. **Actos de significado: para uma psicologia cultural.** Lisboa, PT: EDIÇÕES 70, 1990.
- BOAL, A. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas.** 11ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Civilização brasileira, 2011.

BONILLA, M.H.S. Formação de professores em tempos de web 2.0. In: FREITAS, M. T.de A. **Escola, tecnologias digitais e cinema**. Juiz de Fora, Ed. UFJF. 2011.

BORGES, F.T. **Olhares de Mulheres: um estudo a partir do filme janelas da alma**. Maceió, AL: EDUFAL, 2008.

_____. **“Tem tantos jeitos de ver!” Um estudo sobre os significados de olhar nas perspectivas de quatro mulheres de Goiânia**. Tese (doutorado em Psicologia), Brasília: UNB, 2006.

BORGES, FT. LINHARES, R.N. CAIXETA, J.E. O professor de EAD: significados e contradições. In: Educação a distância e as tecnologias da inteligência: novos percursos de formação e aprendizagem. Maceió: Ed. UFAL. 2011.

BORGES, F.T. VERSUTI, A.C. PIOVESAN, A.F. **Lorqueando: a literatura como vivência estética de si e do outro na educação à distância**. Revista Contrapontos - Eletrônica, Vol. 12 - n. 3 - p. 341-349 / set-dez 2012.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. **Using thematic analysis in psychology**. Qualitative Research in Psychology 2006; 3: 77_/101. Disponível na internet via WWW.url: www.QualResearchPsych.com. Arquivo capturado em: 19 de abril de 2011.

CARVALHO, D. P. (1998). **A nova lei de diretrizes e bases e a formação de professores para a educação básica**. Ciência e Educação. Vol.5 nº 2, Bauru. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v5n2/a08v5n2.pdf>. Acesso em abril de 2012.

CAIXETA, J.E; DANTAS, A.; BARBATO, S.B. (2010). Novas Tecnologias e formação de professores: um estudo sobre os significados construídos por alunas graduandas em Letras e Artes sobre o ser professora. Relatório Projeto AICED - Parceria UnB/Uned.

COSTA, Antonio. **Compreender o Cinema**. 2 Ed. São Paulo: Globo, 1989

COSTA, K. S.; FARIA, G.G. **Ead – sua origem histórica, evolução e atualidade brasileira face ao paradigma da educação presencial**. 2008. Disponível na internet via WWW.url: <http://www.abed.org.br/congresso2008/tc/552008104927AM.pdf>. Arquivo capturado em 2011.

DEBORD, G. **A Sociedade do Espetáculo**. Contraponto. Rio de Janeiro, RJ. 1997.

DIAS, A.A.C; MOURA, K.S.; **Cultura na/da rede: refletindo sobre os processos educativos sob a ótica bakhtiniana**. Ciência & Cognição. Vol.09: 2006.

DICKIE, G. **Introdução Histórica à estética**. Tradução GUERREIRO, V. Disponível na internet via WWW.url: <http://criticanarede.com/introest.html> 2008. Arquivo capturado em 31 de março de 2012.

FRAGA, A. A. **Imagem, performance e texto na videopoesia**. Disponível na internet via WWW.url: <http://www.letras.ufmg.br/atelaetexto/pesquisaadriana.htm>. 2004. Arquivo capturado em 18 de março de 2012.

- FREITAS, M. T.de A. **Escola, tecnologias digitais e cinema**. Juiz de Fora, Ed. UFJF. 2011.
- GERGEN, Kenneth. **Self-narration in social life**. In: Realities and Relationships: Sounings in social construction, Cambridge, Mass, Havard University Press, Chapter 8, 1994.
- HALL, Stuart. **A identidade cultura na pós-modernidade**. Rio de Janeiro. DP&A. 1987.
- _____. **A identidade cultura na pós-modernidade**. Rio de Janeiro. DP&A. 1999.
- _____. **A identidade cultura na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro. DP&A. 2005.
- HARRÉ, R. **The social construction of emotions**.New York: Blackwell. 1986.
- HARRÉ, R. MOGHADDAM, F. **The Self and others. Positioning individuals and groups in personal, political, and cultural contexts**. British Library. 2003.
- HARRÉ, Rom; VAN LAGENHOVE, Luk. **Positioning Theory**. Blackwell Publishers: Massachusetts, 1999.
- HARTMANN, F. **A voz e o discurso interior na obra de Mikhail Bakhtin**. Revista Calidoscópio, vol. 5. n. 2, p. 77-83, mai/ago, 2007
- HERMANS, H. J. M., KEMPEN, H. J. G. & VAN LOON, R. J. P. **The Dialogical Self: beyond individualism andrationalism**. American Psychologist, 47, 1992.
- HERMANS, H. J. M. **The Dialogical self: Towand a theory of personal and cultural positioning**. **Culture&Psychology**, v. 7, p. 323-365. 2001.
- HOUAISS, Antonio. **Dicionário eletrônico da língua portuguesa**. 2004. Cd-ROM.
- JOLY, M. **Introdução a análise da imagem**. Tradução José Eduardo Rodil. Lisboa, PT: edições 70, 1994.
- JARDIM, A.P; SOUZA, M.L; GOMES, W.B. **O self dialógico e a psicoterapia: uma compreensão dialógica da relação terapeuta-paciente**. Contextos Clínicos, 2(1):1-10, janeiro-junho 2009. Unisinos. Disponível na internet via WWW.url:<http://www.contextosclnicos.unisinos.br/pdf/54.pdf>. Arquivocapturadoem 2010.
- JOLIVET, R. **Curso de filosofia**; tradução de Eduardo Prado de Mendonça. 12 ed. Rio de Janeiro, Agir, 1976.
- LAGO, Marilucia do. Aula proferida sobre Estudo de Caso. Apresentação em Power point. 2010.
- LEONTIEV, A. N. **Aparecimento da Consciência Humana**. O desenvolvimento do psiquismo. São Paulo, SP: Centauro. 1978.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**.5.ed. São Paulo: Loyola, 2007.

_____. Lévy, P. **A inteligência coletiva. Por uma antropologia do ciberespaço**.4a. ed.. tradução L. P. Rouanet. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2003.

_____. **As tecnologias da inteligência** : o futuro do pensamento na era da informática. tradução Carlos Irineu da Costa.Rio de Janeiro, RJ : Ed. 34, 2004.

LEITE, M. L. M. Texto visual e texto verbal. In: BIANCO, B. F.; LEITE, M. L. M. **Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais**. 2ª. Ed. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

LIBÂNEO, J C.. **Didática**. São Paulo: Cortez. 1994.

LIMA, L. R. O vídeo-poema como performance: Movimento e corporeidade virtual da palavra.Revistas Tabuleiro de Letras. **Linguagens: Práticas, Discursos e Mediações**. Ano 1. P. 1-11No. 01 - junho/2008. Disponível na internet via WWW.url: <http://www.tabuleirodeletras.uneb.br/secun/capa_edicao1.htm>. Arquivo capturado em 18 de março de 2012.

MACHADO, D. Amorfos de Quatro Atos.Disponível em: <<http://deformance.blogspot.com.br/2009/12/amorfa-de-quatro-atos.html>> Acessado em 25 de agosto de 2012.

MAGALDI, Sábado. **Iniciacao ao Teatro**. 6 Ed. São Paulo: Ática, 1997

MARQUES, Camila. **Ensino a Distância começou com cartas a agricultores**. 2004.Disponível na internet via WWW.url: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/educacao/ult305u396511.shtml>>Arquivo capturado em 2011.

MARTINO, L.M.S. **Comunicação e Identidade: quem você pensa que é?** São Paulo, SP: Paulus, 2010.

OKADA, S.; SANTOS, E. **CoLearn: ciberconferência e cibermapeamento para aprendizagem colaborativa aberta em cibercomunidades**.II SIMPÓSIO NACIONAL DA ABCIBER ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM CIBERCULTURA. São Paulo/SP - PUC-SP - 10 a 13 de setembro de 2008

PIOVESAN, A.F.; BORGES, F.; PEIXOTO, S. **As relações entre professor-aluno na EAD a partir da construção de conhecimento e desenvolvimento das funções psicológicas**. VIII Congresso brasileiro de psicologia do desenvolvimento. P. 56-57. UNB. Brasília, DF, 2011. Disponível em <>. Acesso em março de 2012.

PRETI, O. **Bases epistemológicas e teorias em construção na educação a distância**. Disponível na internet via WWW url: http://www.uab.ufmt.br/uab/images/artigos_site_uab/bases_epistemologicas.pdf. Arquivo capturado em 2011.

PRETTO, N. de L. “**Espaço Aberto, Formação de professores exige rede!** Revista Brasileira de Educação. Disponível na internet via WWW url: http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE20/RBDE20_11_ESPACO_ABERTO_-_NELSON_DE_LUCA_PRETTO.pdf. Arquivo capturado em 24 de dezembro de 2011.

_____. “Redes colaborativas, ética hacker e educação”. **Educ. rev.**, Belo Horizonte, v. 26, n. 3, Dec. 2010. Disponível na internet via WWW url: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982010000300015&lng=en&nrm=iso>. Arquivo capturado em 27 de dezembro de 2011. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-46982010000300015>.

PRIMO, A. **O aspecto relacional das interações na web 2.0.** Disponível na internet via WWW url: <http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/web2.pdf>. Arquivo capturado em fevereiro de 2012.

PULINO, L.H.C.Z; BARBATO, S. Módulo **Fundamentos de Desenvolvimento e da Aprendizagem.** Volume 1, As teorias psicogenéticas de Jean Piaget e Henri Wallon. Brasília, 2004, UNB, CEAB.

RECUERO, R. **Tipologia de Redes Sociais Brasileiras no Fotolog.com.** Disponível na internet via WWW url: <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/view/155/156>. Arquivo capturado em março de 2012.

ROSENFELD, Kathrin Holzermayr. **Estética.** 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SAMAIN, E. Questões heurísticas em torno do uso das imagens nas ciências sociais. In: BIANCO, B.F. LEITE, M. L. M. **Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais.** 2ª. Ed. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

SANTAELLA, L. **Por que as comunicações e as artes estão convergindo?.** 2ª. Ed. São Paulo, SP: Paulus, 2005.

SANTOS, Edméa. **Pesquisando com a mobilidade ubíqua em redes sociais da internet: um case com o Twitter.** Revista eletrônica de jornalismo científico. Com Ciência. 10/02/2012. Disponível na internet via WWW. url: : <http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=74&id=932>. Arquivo capturado em fevereiro de 2012.

SANTOS, E. T. As tecnologias digitais na formação dos professores: pesquisas em debate. In: FREITAS, M. T.de A. **Escola, tecnologias digitais e cinema.** Juiz de Fora, Ed. UFJF. 2011.

SANTOS, E.O. **EDUCAÇÃO ONLINE: Cibercultura e Pesquisa-Formação na Prática Docente.** Tese (Doutorado em Educação). Salvador: FAGED/UFBA. 2005.

SCARELLI, Giovana. Fala durante a banca de qualificação de Angelica de Fatima Piovesan. Dezembro de 2012.

SONTAG, S. **Sobre a fotografia.** Tradução Rubens Figueiredo. 4ª. Ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2004.

SIBILIA, P. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

TURNER, G. **Cinema como prática social**. Tradução Mauro Silva. São Paulo, SP: Summus, 1997.

VALE, Lucia de Fatima do,. **A Estética e a Questão do Belo nas Inquietações Humanas**. Revista Espaço Acadêmico, n. 46-março de 2005, mensal, ano IV. Disponível na internet via WWW url: <http://www.espacoacademico.com.br/046/46cvale.htm>. Arquivocapturadoem31de março de 2012.

VALSINER, J. **Human development and culture: the social nature of personality and its study**. Lexington, MA: Lexington, 1989.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7ª. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2008.

_____. **Psicologia da Arte**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **Psicologia da Arte**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WERTSCH, J.V. **Vygotsky y La formación social de la mente**. Paidés, 1988.

ANEXOS

ANEXO I

EL OJO DE LA MUJER (POESÍA DE ESCRITURA FEMENINA), Gioconda Belli.

Roteiro de Danilo Machado

Tempo estimado: 10 min.

.....

CRÉDITOS INICIAIS

TÍTULO: EL OJO DE LA MUJER (POESÍA DE ESCRITURA FEMENINA), Gioconda Belli.

CENA I:

Interna: O Leitor, olhando para a câmera, *aciona gravação da imagem*, abre o livro de Gioconda Belli e começa a ler “ALGUNOS POETAS”.
Plongée – Primeiro Plano (Tempo estimado: 5’)

CENA II:

(Externa)

Transição: Praia ao amanhecer.

Câmera ao redor do Leitor. Panorâmica 360°, enquanto o poema é recitado. *Plano Médio (Início) Primeiro Plano (Final do Take)*- **(Tempo estimado: 1’)**

LEITOR, OFF:

ALGUNOS POETAS

Como libros abiertos,
llenos de citas,
llegan a las reuniones
dejando caer nombres, obras y fechas
como trofeos,
esgrimiendo la lógica
hasta el final de las consecuencias.

Así quieren hacernos a su modo
algunos poetas,
siguiendo la vieja tradición paternalista
tratan de adoptarnos
a falta de poder apresar
el viento, la fruta prohibida,
la misteriosa fertilidad

de nuestros poemas.

CENA III:

(Externa)

Judith tocando o troco da Árvore.

Contra-plongée (Tempo estimado: 1')

LEITOR, OFF:

Y DIOS ME HIZO MUJER

Y dios me hizo mujer,
de pelo largo,
ojos,
nariz y boca de mujer.
Con curvas
y pliegues
y suaves hondonadas
y me cavó por dentro,
me hizo un taller de seres humanos.
Tejió delicadamente mis nervios
y balanceó con cuidado
el número de mis hormonas.
Compuso mi sangre
y me inyectó con ella
para que irrigara
todo mi cuerpo;
nacieron así las ideas,
los sueños,
el instinto.
Todo lo que creó suavemente
a martillazos de soplidos
y taladrazos de amor,
las mil y una cosas que me hacen mujer todos los días
por las que me levanto orgullosa
todas las mañanas
y bendigo mi sexo.

CENA IV:

(Externa)

Elda com as Mãos no cabelo, finalizando a feitura de uma trança. E terminado a interpretação do poema, quando toca ao ventre.

Contra-plongée (Tempo estimado: 40'')

LEITOR, OFF:

MATERNIDAD II

Mi cuerpo,
como tierra agradecida,
se va extendiendo.

Ya las planicies de mi vientre,

van cogiendo la forma
de una redonda colina palpitante,
mientras por dentro,
en quien sabe que misterio
de agua, sangre y silencio
va creciendo como un puño que se abre
el hijo que sembraste
en el centro de mi fertilidad.

CENA V:

(Externa)

Cristina caminhando com o leque, olhando-seduzindo a câmara.

Contra-plongée (Tempo estimado: 30”)

LEITOR, OFF:

YO SOY

Yo soy tu cama,
tu suelo,
soy tu guacal
en él que te derramás sin perderte
porque yo amo tu semilla
Y la guardo.

CENA VI:

(Externa)

Praia ao amanhecer.

Atriz dança na beira do mar, dialogando por meio do olhar com o Leitor. Ela é vista pelos olhos, lente, do Leitor.

(O Take inicia ao Final da Panorâmica 360°, **Cena II, Primeiro Plano** no Leitor, para depois o poema ser recitado. A câmara segue o olhar do Leitor).

(Tempo estimado: 3”)

LEITOR, OFF:

ESCRIBIRTE

Escribir, escribirte, dibujarte. Llenarte el pelo de todas las palabras detenidas, colgadas en el aire, en el tiempo, en aquella rama llena de flores amarillas del cortés cuya belleza me pone los pelos de punta cuando vengo bajando sola, por la carretera, pensando. Definir el misterio, el momento preciso del descubrimiento, el amor, esta sensación de aire comprimido dentro del cuerpo curvo, la explosiva felicidad que me saca las lágrimas y me colorea los ojos, la piel, los dientes, mientras voy volviéndome flor, enredadera, castillo, poema, entre tus manos que me acarician y me van deshojando, sacándome las palabras, volteándome de adentro para afuera, chorreando mi pasado, mi infancia de recuerdos felices, de sueños, de mar reventando contra los años, cada vez más hermoso y

más grande, más grande y más hermoso.

Cómo puedo agarrar la ilusión, empuñarla en la mano y soltártela en la cara como una paloma feliz que saliera a descubrir la tierra después del diluvio; descubrirte hasta en los reflejos más ignorados, irte absorbiendo lentamente, como un secante, perdiéndome, perdiéndonos los dos, en la mañana en la que hicimos el amor con todo el sueño, el olor, el sudor de la noche salada en nuestros cuerpos, untándonos el amor, chorreándolo en el piso en grandes olas inmensas, buceado en el amor, duchándonos con el amor que nos sobra.

CENA VII:

Interna: Leitor fecha o livro, olhando para a câmera, vai com a mão em direção à lente câmera para desligar a gravação.

Plongée (Tempo estimado: 8'')

CRÉDITOS FINAIS.

FIM.

ANEXO II

Quarta-feira, 9 de dezembro de 2009

AMORFA DE QUATRO ATOS

Para Juan Gelman

Perfuras as minhas vontades. *Libero as tuas necessidades.* Compras, para mim, um prazer artificial. *Revelo, para ti, minhas vísceras jogadas ao mar.* Mudas teu olhar. Divido teu rosto em partes informes.

* * * *

Enfio bruscamente. Relaxas aos poucos, buscando os meus lábios para sugerir suavidade. Oculto nos meus pensamentos o que mais desejo. Atiras tua raiva branca, no meu peito, que nunca consegue te esquecer.

* * *

Confirmas uma visão no escuro, um epigrama mítico. *Leio e me atiro no sonho de tuas promessas quase com interesse.* E solucionas o meu gozo, mais uma vez, quando soltas, para mim, aquelas frases pouco coloridas.

* *

Me desespero quando percebo que as tuas vontades são mais fortes, porque compreendes o mundo sem essa minha sensibilidade analítico protetora. Te encontras à beira do mar aberto em madrugadas, e compras, enfim, as flores que finges alcançar: *é perigoso viver lá fora, meus livros contemplam uma vida, um rastro de ervas, um assobio – enviado – por – Messenger: Chill Out <http://www.youtube.com/watch?v=0f7UPTz4KeU&feature=related> – Cecilia Roth,* diz: /Con este poema no tomarás el poder* dicen./ Confidences. /Con estos versos no harás la revolución* dicen./ Nicon miles de versos harás la revolución*/ Inspiração? Expiração? (Isso basta, quando acaba)

*

Postado por [de Formance](#) às 14:12 